



Universidade de Aveiro Departamento de Educação

2012

Alexandra Patrícia das Neves Ribeiro *Imaginação ao poder* em educação visual



Universidade de Aveiro Departamento de Educação

2012

Alexandra Patrícia das Neves Ribeiro ***Imaginação ao poder em educação visual***

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em ensino de artes visuais no 3º ciclo e secundário, realizada sob a orientação científica do Doutor. António Manuel Dias Costa Valente, Professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

*À mana, por ser parte de mim,
Aos pais, por me fazerem sonhar.*

o júri

Presidente

Professora Doutora Teresa Maria Bettencourt da Cruz
Professora Auxiliar na Universidade de Aveiro

Arguente principal

Professor Doutor Carlos Manuel Branco Nogueira Fragateiro
Professor Auxiliar na Universidade de Aveiro

Orientador

Professor Doutor António Manuel Dias Costa Valente
Professor Auxiliar na Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço à Maria os momentos em que nos unimos neste projeto, ao professor Luís e à escola secundária de Estarreja pela aprendizagem, ao professor António Costa Valente e todos os professores intervenientes pelo apoio e presença.

Um agradecimento especial ao Tiago por me acompanhar há anos.

Aos meus amigos, Tina, Catarina, Marcos, Sónia, Adriana, Mafalda, Tito, Tânia, Fortes, Mónica e Alexandre pelas longas conversas, pela paciência e pelos momentos de festa em que celebramos a vida.

Ao Henrique por estar ao meu lado e pela dedicação com que me leu.

palavras-chave

imaginação, criatividade, interfaces, arte, sociedade, intervenção

resumo

As atividades desenvolvidas em contexto de estágio tiveram como base o reavivar da *Imaginação ao poder* aliada à educação visual. A *Imaginação ao poder* nos anos 60 foi o apelo à renovação. Ainda hoje é necessário difundir esta velha máxima mas precisamos de saber o que é que ela representa aos olhos da sociedade de hoje. As escolas, como pilares fundamentais no desenvolvimento educativo dos alunos, devem incentivá-los à imaginação e à transformação de consciências. Existem inúmeras escolas alternativas que o fazem em oposição à escola normativa a que estamos habituados. Este estudo teve como momentos centrais o desenvolvimento de três ações artísticas que decorreram no espaço escolar numa tentativa de aproximar a arte ao resto da escola. Com estas ações pretendíamos incentivar as pessoas a questionar e a pensar. Cada ação teve um tema que os alunos exploraram e criaram para que o público pudesse intervir e contribuir com as suas opiniões e ideias. A escola, comumente associada a uma instituição que valoriza as disciplinas associadas à razão, despertou para a imaginação e para a criatividade num espaço de interfaces onde o conhecimento se liga.

keywords

imagination, creativity, interface, art, society, intervention

abstract

The activities that took place during this internship were mostly based on the revival of the *All power to the imagination*, coupled with visual education. *All power to the imagination*, in the 60's, was a plea for renovation. Even today there is a need to spread this old concept, although we first need to understand what it represents in the eyes of modern society. The schools, the very important pillars of the education of our young, must incentivize them to the imagination and the transformation of conscience. There are indeed several schools that do just that, contrary to the orthodox schooling process we all grew accustomed to. This study revolved around the creation of three artistic happenings, which took place in a school, in an attempt to bring arts closer to the rest of the school environment. With these happenings, we tried to make people think and question. Each happening had a theme developed and explored by the students for the public to later intervene and contribute for, with their own ideas and opinions. The school, associated with an institution that values those subjects that go hand-in-hand with reason, awoke to the imagination and creativity in a space with interfaces, where knowledge is connected.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE IMAGENS	iii
ÍNDICE DE IMAGENS	iii
ÍNDICE DE ANEXOS	vi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Pertinência do tema.....	1
1.2. Educação Artística e Educação Visual	2
1.3. Práticas de ensino supervisionado (PES) da teoria à prática	4
1.4. Objetivos do estudo.....	5
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
2.1. Imaginação e criatividade hoje	6
2.2. Anos 60 e a <i>Imaginação ao poder</i>	8
2.3. Tradução dos anos 60 na escola	18
2.4. Por uma arquitetura escolar nova	23
2.5. O papel das artes na sociedade	30
3. A ESCOLA E AS ARTES, UM ESPAÇO DE INTERFACES.....	35
3.1. Contexto	35
3.2. Descrição geral	37
3.3. Objetivos	39
3.4. Preparação para a implementação do estudo	40
3.5. Caracterização da amostra	41
3.6. Fases e descrição das atividades	42
3.6.1. Ação 1: <i>Hoje podes refilar</i>	43
3.6.2. Ação 2: <i>Cada gaveta, uma identidade</i>	46
3.6.3. Ação 3: <i>Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto</i>	48
3.7. Resultados das diferentes fases	50

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

4. ESCOLA E ARTES, UM ESPAÇO DE INTERFACES – AVALIAÇÃO	69
4.1. Método.....	69
4.2. Instrumentos.....	70
4.3. Análise de dados	70
4.4. Discussão dos resultados	72
4.5. Dificuldades.....	77
4.6. Conclusões.....	78
5. CONTRIBUTOS	82
6. CONCLUSÃO FINAL.....	83
7. BIBLIOGRAFIA.....	85
8. ANEXOS	90

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Banda desenhada reinterpretada da Internacional Situacionista	13
Imagem 2: <i>Memoires</i> , Asger Jorn e Guy Debord	13
Imagem 3: <i>Abolition du travail aliene</i> , Internacional Situacionista	13
Imagem 4: <i>Guide Psychogeographique de Paris: Discours Sur Les Passions D'Amour</i> , Guy Debord	14
Imagem 5: <i>Paradise Now</i> , Off-Broadway Living Theater	16
Imagem 6: <i>Our Domestic Resurrection Circus</i> , Bread & Puppet Theater	16
Imagem 7: Mural dos alunos das Belas Artes em França (1968)	21
Imagem 8: Espaço do Atelier Populaire (1968)	21
Imagem 9: David Matat Obra de Vik Muniz	30
Imagem 10: <i>Olho</i> , JR	31
Imagem 11: Orquestra Sinfónica Juvenil Simón Bolívar na Venezuela	31
Imagem 12: Orquestra Geração em Portugal	32
Imagem 13: Árvore do Teatro do Oprimido	33
Imagem 14: Trabalho de educação visual do 7ºano - linha	40
Imagem 15: Trabalho de educação visual do 7ºano - ponto	40
Imagem 16: Trabalho de educação visual do 8ºano - perspectiva	41
Imagem 17: Trabalho de oficina de artes do 8ºano – perfil	41
Imagem 18: Trabalho de oficina de artes do 7ºano - claro-escuro	41
Imagem 19: Preparação do evento <i>Hoje podes refilar</i>	45
Imagem 20: Mural da ação 1: <i>Hoje podes refilar</i>	45
Imagem 21: Cartaz do evento <i>Hoje podes refilar</i>	46
Imagem 22: <i>Qual é a minha relação com o quarto?, Onde fica o meu quarto?, De que falam as paredes do meu quarto?</i>	47
Imagem 23: Frases dos grupos ativistas	52
Imagem 24: Ilustração da aluna B	52
Imagem 25: Ilustração da aluna A	52

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Imagem 26: Ilustração da aluna C	52
Imagem 27: Ilustração do aluno D.....	53
Imagem 28: Ilustração da aluna F.....	53
Imagem 29: Ilustração da aluna E	53
Imagem 30: Ilustração da aluna G	54
Imagem 31: Ilustração da aluna H.....	54
Imagem 32: Ilustração da aluna I	54
Imagem 33: Ilustração do aluno J.....	55
Imagem 34: Ilustração da aluna L.....	55
Imagem 35: Ilustração do aluno K.....	55
Imagem 36: Ilustração do aluno M.....	56
Imagem 37: Ilustração da aluno N.....	56
Imagem 38: Ilustração da aluna O.....	56
Imagem 39: Ilustração da aluna Q.....	56
Imagem 40: Ilustração da aluna P	56
Imagem 41: Ilustração da aluna T	57
Imagem 42: Ilustração da aluna U.....	57
Imagem 43: Ilustração da aluna R	57
Imagem 44: Ilustração do aluno S	57
Imagem 45: Elaboração das maquetes individuais dos quartos para a Ação 2 <i>cada gaveta, uma identidade</i>	58
Imagem 46: Maquetes individuais dos quartos	59
Imagem 47: Preparação da maquete coletiva <i>Cada gaveta, uma identidade</i> a entregar no Museu Serralves	59
Imagem 48: Reinterpretação do quadro <i>A Guernica</i> de Pablo Picasso para ação 3: <i>Um quarto, uma ideia. Um quarto, um manifesto</i>	60
Imagem 49: Reinterpretação plástica do quadro	60
Imagem 50: Mensagens <i>Hoje podes refilar</i> - Intervenção da escola	61

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Imagem 51: Mensagens <i>Hoje Podes Refilar</i> - Intervenção da escola	62
Imagem 52: Evento <i>Hoje podes refilar</i>	63
Imagem 53: Exposição dos quartos individuais no polivalente	64
Imagem 54: Maquete coletiva <i>Cada gaveta, uma identidade</i>	64
Imagem 55: Trabalho de aula <i>Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto</i>	65
Imagem 56: Cartaz do evento <i>Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto</i>	65
Imagem 57: Trabalho de aula <i>Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto</i>	66
Imagem 58: Quarto das ideias	67

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - Ajustamento do Programa de educação visual	91
ANEXO 2 - Diapositivos das aulas sobre a cor (7º e 8ºAno)	95
ANEXO 3 - Ação 1: Planificação das aulas	96
ANEXO 4 – Ação 1: Diapositivos.....	99
ANEXO 5 – Ação 1: BD's interpretadas pelos alunos.....	102
ANEXO 6 - Ação 2: Planificação das aulas	108
ANEXO 7 – Ação 2: Documentação do Projeto com Serralves 2	111
ANEXO 8 - Ação 2: Brainstorming coletivo.....	112
ANEXO 9 - Ação 2: Respostas individuais dos alunos sobre o quarto	113
ANEXO 10 – Ação 3: Texto do escritor português Gonçalo M. Tavares	118
ANEXO 11 – Ação 3: Planificação das aulas	119
ANEXO 12 – Ação 3: Diapositivos.....	121
ANEXO 13 – Ação 3: Panfleto <i>Por favor incomodar</i>	124
ANEXO 14 – Ação 2: Texto do escultor português Rui Chafes	126
ANEXO 15 – Ação2: Fotos dos quartos individuais	127
ANEXO 16 – Ação1: <i>Refilanças</i>	130
ANEXO 17- Ação 3: Ideias.....	148
ANEXO 18 - Questionário	153

1. INTRODUÇÃO

1.1. Pertinência do tema

A tecnologia e o consumo, aliados à Revolução Industrial, aprisionaram o homem às máquinas, em vez de lhe facilitar o trabalho nas fábricas. Por conseguinte, o homem mecanizado durante a jornada laboral é o mesmo homem mecanizado no seu quotidiano. Para se libertar da mecanização deveria refugiar-se em si mesmo para procurar o que quer, mas o trabalho dispendioso na fábrica não lhe facilita a reflexão e o lazer. O mesmo se passa hoje, porque desde então as horas de trabalho aumentam, o tempo livre escasseia e os salários, como uma forma de compensar o esforço do trabalhador, serve-lhes para os bens de primeira necessidade e muitas das vezes nem isso. Basta olharmos para os jornais e já não vemos mais nada senão crises económicas e dívidas insuportáveis. **Querem privatizar a emoção e o afeto, o pensamento e o questionamento.**

Ora, este é o momento preciso para encontrarmos meios que façam o homem pensar o modo como vive, para uma possível transformação de consciência e para que o ajude a ultrapassar esta crise global que se estende a todas as áreas da humanidade. A escola é o lugar onde passamos grande parte do nosso tempo, e como lugar educativo é o espaço mais viável para uma transformação de mentalidades, pois propicia a que a criança, desde cedo, tenha contacto com diversas temáticas fundamentais para a compreensão do universo em que se insere.

Neste estudo, e no contexto da educação visual, a educação artística deve desempenhar um papel preponderante no sentido em que se reorganiza à volta de temáticas recorrentes do quotidiano, biologia, história, literatura, filosofia, entre outras, e desenvolve tanto as emoções como o espírito crítico, porque, como nos diz Olivier Reboul (2000, p.19), é preciso «*desenvolver as potencialidades do ser humano que cada um em si transporta.*»

A minha experiência como designer na *UMAR (Mulheres de Alternativa e Resposta)*, como organizadora de projetos artísticos para jovens na Associação Juvenil Justa Crítica e como ativista política faz-me procurar na sociedade métodos educativos alternativos ao sistema de ensino normativo. Na escola secundária de Estarreja, onde pude realizar as Práticas de Ensino Supervisionado, pude trabalhar com os jovens a imaginação, libertá-los através da criatividade, e incutir-lhes a curiosidade de ver para além das aparências, de forma a poderem recriar a escola através da arte.

Para que possamos intervir através de experiências artísticas é preciso conhecermos o conceito de liberdade, por isso recorro aos acontecimentos históricos das décadas de 60 e 70 com a contracultura, o Maio de 68 e o movimento estudantil, por um homem capaz de fazer a revolução contra o estabelecido, por um homem que tem o desejo de inovar tão fervente e que, ao mesmo tempo, marcou uma posição política defendendo a participação de todos na sociedade.

Por isso, acho pertinente reavivarmos a memória para a *Imaginação ao poder*, um conceito simbólico que nos elucida e desata as cordas com que o nosso pensamento está atado. É

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

colocar tudo em questão, ampliar o pensamento, partilhar momentos artísticos, pôr tudo em evidência e ir ter com as pessoas. Onde estão elas hoje? Na escola e nas ruas, muitas delas associadas a movimentos apartidários e a associações em defesa das minorias. As pessoas gostam de estar em espaços de convívio e espaços educativos, as pessoas gostam de estar, de conviver, de poder fazer alguma coisa por elas e pelos outros, gostam de aprender, gostam de falar de sonhos.

E quando falo em aprender falo justamente da vida. Porque se teima em separar o que é a escola e o que é a vida. Mas o ser humano está na escola a viver, sai da escola e vive. O ensino parece querer fazer da vida algo exterior que nada tem a ver com o ensino. De facto é difícil ensinar-se a viver mas a formação do indivíduo é essencialmente isso, viver, porque devemos lembrar-nos do que disse António Damásio (1998), sem as emoções não se tomam decisões, e também não é possível mobilizar um pensamento racional. As crianças precisam de orientadores de emoções. Viver e conhecer a realidade, mas não conhecer só a sua realidade, conhecer também a realidade dos outros, a realidade do mundo. Criar uma sociedade perfeita? Talvez. Em cada grupo, em cada associação, em cada comunidade podemos criar a sociedade perfeita e adequada a cada contexto. Dirão que a sociedade perfeita não existe. Mas ela existe em cada um de nós de formas diferentes. E se em cada um de nós se exteriorizasse a sociedade perfeita?

É no espaço escolar, e neste caso na escola secundária de Estarreja, que, através da ação lúdica, procuro despertar o pensamento para as questões sociais, valorizar a imaginação e a atitude expressiva. Numa altura de crise será que a imaginação desponta novas alternativas e agarra o impossível? Acredito que o querer alcançar a impossibilidade poderá gerar transições e mutações. Os jovens têm o direito de contribuir para uma sociedade mais equilibrada, analisar o que os rodeia de forma crítica e perspetivar novas mudanças.

A educação através da arte, com liberdade e espontaneidade, sugere a expressão plástica de vivências, experiências e sentimentos que possibilitam o debate e a intervenção mais humanizada. Pretendo transformar a vida das pessoas, pô-las a refletir a sua própria vida e as suas próprias experiências, e deixar que elas intervenham e sintam vontade de mudar qualquer coisa através de ações artísticas criadas pelos alunos.

1.2. Educação Artística e Educação Visual

A criação artística surgiu da necessidade do Homem comunicar e de procurar o 'belo'. Na antiguidade clássica o belo definia-se como a idealização de perfeição, harmonia e equilíbrio. Na arte moderna, a partir do séc. XIX, os artistas assumem uma atitude crítica em relação a conceitos artísticos e ao ideal de 'belo'. Com o culminar da industrialização e o surgimento de novas tecnologias, houve uma grande mudança no pensamento artístico e na forma como era concebida a obra, tanto a nível técnico, como na relação entre o artista e a obra de arte. A obra do artista tornou-se mais reflexiva canalizando as suas preocupações para o desenvolvimento da

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

industrialização e dos meios de comunicação. Os artistas desta época começaram a explorar o novo provocando o espanto na sociedade.

A partir da segunda metade do século XX, na arte contemporânea, os artistas pretendem induzir ao público o questionamento e a reflexão. Nas produções artísticas contemporâneas, o conceito de 'belo' adquire uma nova dimensão, indo para além do significado atribuído pela antiguidade clássica, entende-se a arte como uma pesquisa de emoções tomada de consciência. Surge a importância de compreender as obras pela sua singularidade, assim como pelo seu poder e o seu impacto na sociedade.

Através da arte, o homem consegue transformar a realidade visível numa realidade imaginária, fruto da sua perceção e interpretação. Segundo Herbert Read (1982), a arte devia ser a base da educação perspectivando que as artes são um método eficaz que proporciona o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação, através de diversas atividades desde a dança à música, da plástica ao teatro.

A arte e a educação devem complementar-se para que a criança experiencie um mundo até então escondido. Consequentemente, esta aproximação da arte e da educação possibilita o enriquecimento de conhecimentos e a aquisição de uma maior sensibilidade perante a realidade visível.

Por este motivo, é importante recorrer à arte para ensinar os jovens, uma vez que através da educação artística é possível estimular a inteligência, a sensibilidade e a afetividade. O professor não deve condicionar o aluno, mas sim motivá-lo para a expressão livre e para a expressão dos sentimentos. A educação artística deve contribuir para a construção do "eu", de modo a que o aluno se torne um indivíduo autónomo, crítico e criativo em qualquer área.

Porém, verifica-se uma desvalorização da educação artística em alguns setores da sociedade, prevalecendo a ideia de que a arte é uma disciplina menor. Mas esta ideia é irrefletida porque, num país onde permanece o cliché de que existem profissões mais nobres que outras, acabamos por assistir a um vazio entre a sociedade e a arte. E isso repercutir-se-á no modo como são estruturados os currículos das disciplinas artísticas para as escolas. A escola funciona ainda segundo alguns mecanismos imutáveis mas é preciso compreender-se que ela se constitui como um edifício de renovação constante.

As primeiras ideias sobre educação pela arte surgiram em Portugal em 1950. O modelo pedagógico que então foi instituído visava uma educação realizada através das artes, mas, a influência desta área nos alunos formados em arte fez-se sentir, principalmente, após o 25 de Abril de 1974, com a integração das áreas de movimento, de música e de drama nos programas de escolaridade primária. Só com a Lei de Bases de Sistema Educativo (LBSE) de 1986 é oficializado o ensino em arte nos currículos escolares. No LBSE valoriza-se o papel da arte como parte essencial na formação do indivíduo, determinando que nos currículos dos níveis Pré-Escolar, Ensino Básico, Ensino Superior, Educação Extra-Escolar e Ensino Especial, se integrem áreas disciplinares que pressuponham o desenvolvimento das capacidades de expressão, a atividade

lúdica, a promoção da sensibilidade estética. Em 1990, é apresentado o decreto de lei nº334/90 onde é feita uma crítica ao ensino pela arte em Portugal:

«A educação artística tem-se processado em Portugal, desde há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigente na maioria dos países europeus.» Com isto pretendia-se rever o ensino artístico: *«Estimular diferentes formas de comunicação e expressão; estimular a imaginação criativa; desenvolver diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas; educar a sensibilidade estética; estimular a capacidade crítica e proporcionar experiências práticas artísticas individuais e de grupo.»*

1.3. Práticas de ensino supervisionado (PES) da teoria à prática

Qualquer formação em ensino representa um pequeno passo no percurso profissional, por esse motivo acredito que seja necessário conduzir a prática docente a um caminho evolutivo onde a máxima para o alcance da eficácia seja a aprendizagem constante. Contudo, e para que tal aconteça, a criatividade deve ser uma aliada do professor no espaço de sala de aula e uma atividade indispensável para a melhoria do processo de ensino. O significado de criatividade, tão falado ainda como se pertencesse exclusivamente às disciplinas de carácter artístico, surge, neste contexto, como uma forma de repensar o ensino e o modo como são ministradas as aulas. Esse repensar com criatividade está inteiramente aliado a este processo de reflexão que nos é pedido no decorrer das Práticas de Ensino Supervisionado (PES). O professor reflexivo procura analisar o perfil da sala de aula e decidir qual a melhor forma de ensinar os seus alunos, considerando, por exemplo, fatores de natureza social e psicológica, intervindo com inovação numa prática alternativa de pensar, ensinar e aprender a ser professor na área das Artes Visuais. As reflexões e descrições patentes neste estudo irão permitir que se desenvolvam novas formas de utilização de competências, como o saber-fazer, uma competência que possibilita agir em contexto indeterminado.

É pensando criticamente a prática de hoje que se pode melhorar a prática de amanhã. A formação de professores não se dá de forma isolada. Assim, são-nos exigidas ações compartilhadas e articuladas à realidade social. Devo admitir que a teoria é importante na construção de saberes oriundos da prática, uma prática que padece da busca incessante de alternativas no ensino.

As PES proporcionam-nos o contacto direto com a escola, contacto esse imprescindível no desenvolvimento de um perfil adequado ao exercício profissional, onde é vivida intensivamente a realidade escolar. Ao mesmo tempo que se dá esse contacto, são realizadas operações de intervenção na escola como as planificações, as experimentações e as inter-relações, fluindo mais rapidamente a capacidade de dar resposta aos desafios requeridos pelo mestrado. A primeira etapa da disciplina (PES I), correspondente ao 1º semestre, teve início a 12 de Setembro, aquando

do começo das aulas na escola, e teve a sua finalização a 16 de Dezembro. Esta Prática foi interrompida para a elaboração do portefólio reflexivo, tendo sido iniciada novamente a 13 de Fevereiro, início do 2º semestre (PES II), e com data final marcada para o dia 30 de Abril mas surgiram outras atividades que não puderam deixar de ser realizadas pelo que as minhas atividades na escola decorreram até dia 15 de Junho, data marcada para o final do 3º período. O plano de atividades a ser realizado na escola foi organizado em conjunto com o Orientador Cooperante (OC), de acordo com o contexto da mesma. O plano de estudos do Mestrado em Ensino de Artes Visuais determinava 13 horas de contacto por semana que eram geridas de forma flexível igualmente com o OC.

1.4. Objetivos do estudo

- Explorar a educação artística como forma de questionar a sociedade

Este estudo pretende explorar a educação artística para as questões que no homem se detêm. O homem como ser multidimensional, como ser capaz de ter ideias e fazê-las ferver, como ser imaginativo e criativo, como ser aventureiro. A arte virada para as preocupações da vida humana e para o alcance da libertação do pensamento complexo condicionado pela sociedade e pela simplificação que dela advém.

- Integrar a comunidade escolar no trabalho desenvolvido pelos alunos

Numa disciplina artística tenta-se recriar um laboratório ou um espaço educativo diferente, voltado para o aluno e para as suas aspirações. Este espaço não é apenas confinado à sala de aula, é alargado a toda a comunidade escolar que se envolve no trabalho dos alunos.

- Provocar ações artísticas coletivas fora do espaço de sala de aula

Um espaço onde as paredes não limitam a comunicação entre os intervenientes educativos, docentes, não-docentes e alunos. Primeiro contemplam, em seguida refletem, e por fim intercedem em momentos artísticos que os próprios estudantes criam.

- Incentivar a comunicação através da arte

A interação prima pela partilha de ideias e informações que levam à discussão das mais diversas temáticas. A escola conhece-se através da arte e sem que se aperceba expõe-se aos outros.

- Ressurgir meios de transformação social através da prática artística

A exposição consequente de opiniões e os momentos efémeros de reflexão pretendem ressuscitar formas de alteração do quotidiano.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Imaginação e criatividade hoje

Onde estarão a imaginação e a criatividade hoje? E de que maneira poderão elas ser o caminho para a resolução de muitos dos problemas gerados pela crise? Ken Robinson¹ afirma que «*as escolas matam a criatividade*». Mas elas são na sua essência o lugar onde desenvolvemos parte da nossa personalidade e onde construímos parte do nosso pensamento, o que significa que estão a separar a nossa vida de algo que é imprescindível para fazermos diferente: a criação, o culminar de um processo que nasce do nosso imaginário e daquilo que vemos e sentimos diretamente.

O mesmo se passa hoje na sociedade, que só nos tem oferecido, segundo Tony Judt (2010, p.36), «*a corrupção dos nossos sentimentos morais*». Ainda vivemos paralisados num pântano de insensibilidade face a causas sociais e políticas. Ainda vivemos no mundo frio provocado pelo Iluminismo e pela racionalidade económica. A sociedade oferece-nos um conjunto de normas que precisamos seguir não deixando espaço para o desvio, para que o ser humano erre. E assim a frustração instala-se e o sujeito reprimido vive uma vida depressiva e insatisfeita. Por essa razão é tão essencial reedificar a autoestima do homem, perguntar o que desejamos para a humanidade, que condições e necessidades devem ser tratadas. Precisamos de descobrir a mudança, inventar soluções e atacar o pensamento simplificador que nos limita a existência. Se a emoção e os sentimentos estão equilibrados e em plenitude, então eles serão os verdadeiros impulsionadores de um melhor pensamento ou, como Damásio (1998) propõe, relacionar o corpo com a mente porque eles dependem um do outro.

Desde o século XV que Portugal tende a espalhar conhecimento tendo como meio as grandes caravelas construídas com muita técnica e destreza. Os descobrimentos, tão importantes na história de Portugal, são prova de que a mente e o corpo se articulam. Mostramos ao mundo ser aventureiros e fomos os verdadeiros empreendedores de novas ideias e novas formas de viver. Ideias que devemos levar a todos os lugares, neste caso por navegação, e que agora se vão manifestando de outras maneiras. E porque a materialização do que imaginamos sempre nos leva a algum lugar, veja-se o exemplo de *M. A. R. Kayaks, Lda*, a empresa que construiu as canoas que trouxeram as medalhas de prata dos jogos olímpicos para Portugal em 2012. Para além das condições físicas que o desporto permite que os atletas desenvolvam, os materiais, as técnicas, o engenho, e o projeto advindos do pensamento dos que trabalharam para estes barcos, são notáveis. Os conhecimentos confluem para uma finalidade, remaremos mais longe se nos dedicarmos a imaginar e a criar porque depressa chegamos a qualquer lado. Assim como no séc. XV, somos os que levamos o que de melhor temos a outros lugares. Seremos verdadeiros nómadas,

¹ Ted Talks (2006). Ken Robinson afirma que as escolas matam a criatividade - acedido a 20 de junho de 2012 - http://www.ted.com/talks/lang/pt/ken_robinson_says_schools_kill_creativity.html

contornarmos os problemas criados pela crise e solucioná-los através da criação e da inovação para uma mudança social que ultrapassa territórios.

Ainda hoje nos vemos com a incapacidade de nos situarmos, somos assumidamente gente do mundo e vivemos diversos espaços, conhecemos uma multiplicidade de pessoas e partilhamos experiências. As residências artísticas são prova disso. Muitas delas, situadas em meios rurais, recebem gente de muitos lugares do mundo que tencionam ficar muitas vezes por tempo indeterminado num espaço dedicado à criação artística. Estes lugares rececionam a partilha de ideias que acontece em colisão com múltiplas vivências e que despontará novos conhecimentos, e esses conhecimentos suscitarão novas perguntas, de onde derivarão novos problemas e novas soluções para os mesmos. O espaço e o tempo encontram-se e criam um lugar aberto e livre e «*Se formos capazes de partilhar, podemos dar origem a coisas imprevisíveis que inspiram outros, que causam alerta, que levam as pessoas a pensar*», refere Diogo Vasconcelos².

Rui Horta, da residência artística *Espaço do Tempo*, refere: «*Um artista residente no Espaço do Tempo, deixou-nos um dia uma carta, dizendo que o Convento da Saudação era “o lugar de convergência entre o sentir e o agir, onde as ideias se cristalizam numa obra” Não sei exactamente se as ideias se cristalizam ou se os estados de alma se materializam em obras que habitualmente apelidamos de “conseguidas”.*» A imaginação e a criatividade dependem uma da outra, assim como o corpo e a mente de que nos fala Damásio. Neste sentido podemos questionar a sociedade e toda a sua estrutura e perguntar-nos como seria um país ou uma escola se fosse estruturado da mesma forma que é gerida uma residência artística. Onde nasceriam ideias, onde estaríamos mais concentrados na materialização das mesmas, onde teríamos como principal preocupação o debate e a criação do que imaginamos, mesmo que para isso tivéssemos que fazer experiências e correr riscos, porque assim como disse Ken Robinson na mesma conversa no TEDx: «*Se não estivermos preparados para errar nunca teremos uma ideia original.*»

Vivemos num tempo em que o mundo precisa de ser melhorado, uma realidade que precisa de ser transformada e idealizada. Desta forma é nossa obrigação criar a mudança e, como refere ainda Vasconcelos, «*dar às pessoas poder para que construam o seu próprio destino, atinjam o seu potencial, criem um mundo diferente. Esse mundo diferente não é utópico – é possível.*» O que se tece de mais importante no século XXI é deixar que as pessoas possam refletir, ser autónomas e ter um pensamento crítico através de diferentes formas de participação com a mesma liberdade e o mesmo ativismo proclamado pela *Imaginação ao poder* do Maio de 68. As pessoas não devem ser apenas consumidoras passivas, devem ser cidadãos ativos na construção do seu futuro e pôr à prova os seus talentos. Já não vivemos de outra forma senão numa comunidade globalizada e em comunicação próxima com o outro, veja-se as redes sociais e o seu impacto na forma como conseguem criar eventos e reunir gente diferente com ideias parecidas ou contrárias em prol de um objetivo: partilhar momentos.

² Jornal Negócios (2011). Entrevista Diogo Vasconcelos - acedido a 7 de outubro de 2012 - <http://pt.scribd.com/doc/57695435/Entrevista-Jornal-Negocios-Diogo-Vasconcelos>

Steve Jobs dizia: «*Se queremos ter os melhores connosco, temos de os deixar tomar decisões. Temos de ser geridos por ideias e as melhores têm de ganhar.*» Procurar expandir as mentes criativas, juntarmo-nos às pessoas, partilhar problemas e vivermos num espaço onde não existam muros, onde se reconheça a multiculturalidade, onde não haja fronteiras de pensamento, onde pessoas, provenientes das mais diversas áreas e dos mais diversos contextos, explorem um mundo desgastado pelo consumo e o reinventem. Conhecer realidades, procurar novos saberes e conversar. Acima de tudo pensar coletivamente e criar um novo mundo onde se valorizem os técnicos, os artistas, os designers, os cientistas, os poetas e que em conjunto com outras áreas se amplifique o pensamento para mudar o paradigma social. Steve Jobs³, no anúncio da Apple, dizia: «*Porque aqueles que são loucos o suficiente para achar que podem mudar o mundo, são os que conseguem.*» Precisamos de ver por onde andam esses génios pensadores, procurá-los na escola e regressarmos à ideia de utopia introduzida por Thomas More (1516) numa altura em que se descobriam novos mundos: construir uma ilha imaginária com um governo ideal. Como disse o jornalista e escritor Eduardo Galeano⁴, «*ella está en el horizonte. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. Para que sirve la utopia? Para eso sirve: para caminar.*» E procuramos assim caminhar para um novo modelo de sociedade.

2.2. Anos 60 e a Imaginação ao poder

Os resultados da ciência clássica e da revolução industrial, aliadas ao pensamento positivista, levaram a que ocorressem grandes mudanças na sociedade. Segundo Sigmund Freud (1997), existe um organismo no ser humano que desperta para dois impulsos: o *Eros*, associado à energia erótica e à pulsão da vida, e o *Thanatus*, correspondente à energia destrutiva e ao desejo de aniquilar a própria vida. A sociedade determina, nas relações entre indivíduos e através dos próprios indivíduos, a estrutura pulsional dos mesmos. Segundo o mesmo autor, desenvolve-se assim um *princípio de realidade*⁵ que gere o comportamento normal da sociedade estabelecida.

Esta sociedade revela que existe um predomínio de indivíduos com uma estrutura de carácter destrutivo, o que significa que o princípio de realidade governa a manifestação dos impulsos primários dos mesmos e *introjeta*⁶ valores e objetivos que estão integrados em instituições sociais, na divisão do trabalho e na estrutura do poder estabelecido. Importa referir

³ Jobs, Steve (1997). Anúncio Pense Diferente da Apple – The Crazy Ones – acedido a 8 de outubro de 2012

<http://www.youtube.com/watch?v=L8UgEnUIY1Q>

⁴ Galeano, Eduardo. El Derecho al Delirio – acedido a 10 de maio de 2012 - <http://www.youtube.com/watch?v=m-pgHIB8QdQ>

⁵ *Princípio de realidade* é um conceito freudiano que significa obter prazer através da realidade e que limita os impulsos do ser humano fazendo-se uma alteração da mesma para enfim se obter prazer. É o contrário de princípio de prazer que tem como finalidade a obtenção de prazer através do impulso.

⁶ *Introjeta*, do verbo *introjetar* vem de *introjeção*, termo pertencente à teoria psicanalista. Foi criado por Ferenczi e utilizado frequentemente por Freud nas suas obras. Significa a interiorização de valores, normas e comportamentos que são reconhecidos como corretos em determinado contexto social.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

que estas necessidades advêm de uma alienação intensificada no trabalho e no lazer característica de uma sociedade industrializada assente na razão.

Em 1937, Max Horkheimer, teórico alemão, publicou um artigo, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, na revista *Jornal para a Investigação Científica*, no qual formula a hipótese de uma teoria crítica a esta sociedade altamente destrutiva de emoções. Mais tarde, na *Dialética do Iluminismo*, o mesmo teórico e Theodor Adorno explicam o porquê dos objetivos da razão terem falhado. A razão, em vez de se tornar um meio dinamizador da atividade humana, capaz de fomentar a emancipação do homem, contribuiu para a superficialidade da realidade constituindo uma imagem ilusória da mesma. O homem acaba por se ver envolvido numa onda de autoritarismo e dogmatismo que se estenderam a todas as suas atividades.

A identificação das falhas da razão ocupou a maior parte dos filósofos da época que se interessaram pela Teoria Crítica (TC). Foi criada a Escola de Frankfurt constituída por um grupo de intelectuais que desenvolveram pesquisas e intervenções teóricas sobre problemas filosóficos, culturais, sociais, económicos e estéticos e que influenciaram o pensamento ocidental entre 1940 e 1970. Fizeram parte deste grupo Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Löwenthal, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, Axel Honneth, Eric Fromm, Karl Jaspers, Georg Simmel.

Marcuse (1999, p.154) diz-nos: «*Além e acima do nível animal, os seres humanos são maleáveis, corpo e mente, até mesmo em sua própria estrutura pulsional. Homens e mulheres podem ser computadorizados, transformando-se em robôs, sim – mas eles também se podem recusar.*» Mas o progresso técnico continuava a intensificar a submissão do homem ao trabalho alienado e a sociedade na sua estrutura era conduzida para um sistema de dominação, facilitando a despolitização do indivíduo que já não procurava ter um pensamento próprio. A transformação da energia física em energia psíquica, e portanto mais desumana, ocupa as horas de trabalho em que o homem rumo a uma crescente mecanização dos seus gestos e das suas atitudes. Desta forma, o operário age menos, já que o tempo que lhe resta para pensar e para se divertir é escasso.

Assim, assiste-se a uma maior consideração pelas coisas do que pelas pessoas e respetivas relações, numa desenfreada corrida à superprodução e consequente aumento da quantidade de produtos para consumo. Segundo Moravia (1969), «*a corrupção das massas tem dois aspectos indissociáveis: as massas estão hoje corrompidas materialmente na medida em que a civilização de consumo seduz e perverte os seus sentidos com a luxúria do anúncio publicitário; ...*» O indivíduo não tem tempo para pensar, meditar e refletir o que é melhor para si e para o ambiente que o envolve. Esta situação acontece graças às imagens fugidias, fragmentadas, superficiais e sem identidade induzidas ao consumidor, que não tem outro ideal senão ocupar a sua vida de objetos materialistas para tentar colmatar satisfações efêmeras criadas pelo consumismo. O homem consumidor deixa-se enganar pelos estereótipos, tornando-se passivo, e modela o seu comportamento face aos mesmos.

Em oposição ao homem mecanizado, era necessário reavivar o conceito de *Homo Ludens* introduzido por Johan Huizinga em 1938. Huizinga (1980, p.6) afirma que «*o jogo é uma atividade*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'. Ele define jogo como uma evasão da vida real ao introduzir na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada. O jogo seria um meio transformador da vida do homem dominado pela indústria.

Neste sentido era preciso substituir o excesso de trabalho por momentos criativos dedicados ao tempo livre e ao lazer. Surge o conceito *crelazer*⁷ por Helio Oiticica, a vida vivida através do lazer e não da repressão. Com o projeto *Barracão* no Brasil, Oiticica (1960) pretendeu recriar um modelo experimental de lazer onde as experiências de comportamento transformariam o dia-a-dia do homem. Este projeto foi desenvolvido com o intuito de criar «*células comunitárias*» ou «*comunidades experimentais*» com um formato labiríntico e no qual a arquitetura era o elemento fundamental na transformação de comportamentos e atitudes. As construções labirínticas traduziriam um comportamento social igualmente labiríntico capaz de ser modificado continuamente. O objetivo não era que as pessoas se perdessem mas encontrassem novos caminhos sob forma de uma perspectiva dinâmica.

Paul Lafargue (2011, p.45) defende ainda o direito à preguiça num livro publicado em 1977 com o mesmo nome: «*Para incrementar a produtividade humana, se devem reduzir as horas de trabalho e multiplicar os dias de pagamento e de festas.*»

A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento artístico e político fundamental nesta reflexão de ludicidade. Teorizaram sobre o conceito de cidade, o espetáculo, o dia-a-dia e a arte dedicados ao homem amante do lazer. A 28 de julho de 1957, os fundadores deste movimento foram Guy Debord, Giuseppe Pinot-Gallizio e Constantin Nieuwenhuys.

A palavra *Situacionista* define uma atividade que pretende produzir situações a todos os níveis da prática social e da história individual, renunciando à passividade existente e construindo os momentos da vida por uma afirmação lúdica. Até ao momento os artistas remetiam-se à interpretação das situações mas os situacionistas acreditavam que estava na hora de as transformar, defendendo que o homem, produto das situações que atravessa, deve criar o seu próprio quotidiano.

Os Situacionistas introduzem a ideia de construção de situações contra a cultura de consumo, o imperialismo e a guerra. A realização destes momentos propostos pelos situacionistas só poderia ser passageira porque consideravam que a sua atividade era um método de construção experimental da vida quotidiana desenvolvida através do ócio e da redução do tempo de trabalho.

⁷ *Crelazer*, conceito criado por Helio Oiticica, pintor, escultor, artista plástico e realizador de performances, significa viver o que não está programado ou planeado e viver o lazer que despontará o verdadeiro ato criador.

Segundo Eduardo Rothe (1969) «*Da mesma forma que a indústria destinada a liberar os homens do trabalho pelas máquinas não tem feito até o presente mais que aliená-los mediante o trabalho nas máquinas, a ciência – destinada a libertá-los histórica e racionalmente da natureza – não tem feito nada a não ser aliená-los em uma sociedade irracional e anti-histórica. Mercenária do pensamento separado, a ciência trabalha para a sobrevivência, e não pode então conceber a vida mais que como uma fórmula mecânica ou moral. Assim, não concebe o homem como sujeito, nem o pensamento humano como ação, e por isso ignora a história como atividade premeditada, e faz dos homens ‘pacientes’ de hospitais.*»

Neste sentido, a *New Left* apareceu nos anos 60/70 como frente de protesto à sociedade das máquinas. Esta onda de esquerda atribuía importância à libertação sexual, à libertação das mulheres, à luta contra as condições económicas vigentes, e à explosão de novos grupos sociais. Surgiu nos Estados Unidos, influência do sociólogo C. Wright Mills da *Students for a Democratic Society* (SD) e de outras organizações posteriores como o *Youth International Party*, fundado pelos estudantes Abbie Hoffman, Paul Krassen e Jerry Rubiun em 1967. Estudantes, mulheres, negros, ativistas contra a Guerra do Vietname, tanto nos Estados Unidos como na Europa, foram-se mobilizando em apoio ao Terceiro Mundo. Pressupunha-se uma contestação permanente da sociedade na tentativa de modificar os homens nas suas atitudes, objetivos e valores. Neste sentido, a frente anarquista tinha muita força, uma vez que era necessário um tipo de organização sem líderes e que não impusesse princípios rigorosos. O conceito de liberdade foi imprescindível para fazer frente à sociedade estabelecida, uma vez que o homem não devia ser construído à imagem de um meio social destrutivo para as suas capacidades.

Desta forma, assiste-se à necessidade de regressar à ideia de utopia de Marcuse (1999, p.24), «*uma possibilidade real e uma necessidade. Contanto que a humanidade não queira continuar vegetando, mas também existir*». Os defensores de uma transformação do mundo realizavam ações de rua numa tentativa de eliminar a servidão perpétua, já que a estrutura de classes imposta reproduzia a escravidão da existência humana.

Os Situacionistas eram ativistas através da arte. Contra a arte fragmentária, que tende para uma produção individual e por vezes anónima, procuravam a arte autêntica. Contrariamente à cultura estabelecida, a cultura situacionista investe no diálogo e na interação, opondo-se à arte unilateral, que afastava os artistas da sociedade e dos problemas sociais. Insistiam na ideia de que todos os indivíduos deveriam ser situacionistas para que se atingisse a multidimensionalidade de tendências e de mentalidades radicalmente diferentes em prol da supressão do poder. Através da arte era possível criar-se ferramentas para combater a violência praticada pelo *establishment* e possibilitar a criação de formas de comunicação artísticas que dissipassem o domínio opressivo da linguagem estabelecida e das imagens que oprimiam o corpo. Este esforço deveria ser espalhado por todos os não-conformados e por todos os sonhadores defensores de uma sociedade livre e atenta às faculdades humanas do indivíduo.

Já no início do séc. XX assistimos ao despertar de movimentos artísticos que procuram combater o atrofio das ideias provocado pela industrialização. É exemplo disso William Morris e o movimento Arts & Crafts, que articulou trabalho artesanal com trabalho cooperativo numa recusa

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ao domínio da revolução industrial. Félix Vallotton ilustrava publicações anarquistas francesas. Pintores neo-impressionistas como Camille Pissarro, Georges Pierre-Seurat e Paul Signac também foram atraídos pela utopia e pelo desenvolvimento de uma nova sociedade, uma vez que o artista político moderno participava ativamente na luta por uma sociedade melhor. Com o Manifesto Futurista (1907) já se avizinhava uma energia capaz de desenvolver um tipo de arte que renunciasse à mecanização do homem, assim como outros movimentos tais como o Dadaísmo, o Surrealismo e o Construtivismo. Ligados à ideia de transformação social, escreveram manifestos e comunicados, combinaram estratégias de crítica e contestação estética. O Dadaísmo, por exemplo, buscava meios de comunicação como as colagens, as montagens, as fotografias e os poemas, para evidenciar a sua revolta contra os paradigmas da sociedade burguesa. Na década de 20, o Muralismo, nascido no México por Diego Rivera, também constituiu um passo importante na arte política, numa tentativa de educar as massas e combater o analfabetismo. Antonin Artaud, nos anos 30, desenvolveu o *teatro da crueldade*⁸, mais participativo e coletivo no qual o público estava mais próximo dos atores e das histórias representadas.

A arte dos Situacionistas manifestava-se pela superação do niilismo provocado pela sociedade de espetáculo e revelava ser uma arte revolucionária e experimental, de modo a que na luta tudo fosse possível. Por isso criaram ferramentas que pudessem estar ao serviço de todos, em todos os momentos da revolução, e para que todos pudessem usufruir das mesmas. Toda a obra de arte seria revolucionária se rompesse com as concepções dominantes da percepção e da compreensão. Toda a arte seria revolucionária se acusasse a realidade existente. No meio literário, são exemplos disso, Bertolt Brecht, Goethe, Günter Grass, William Blake e Rimbaud.

Os Situacionistas executavam uma série de ações sem moldes definitivos, para que os intervenientes pudessem improvisar e melhorar as fórmulas propostas por eles. Uma das técnicas mais utilizadas era o *detournement* ou pilhagem criativa. Esta técnica possibilitava a reutilização de elementos artísticos pré-existentes e a criação de uma tendência de vanguarda atual. Todos os elementos do passado cultural deviam ser alterados ou até mesmo desaparecer, negando os existentes. Exemplos disso são as pinturas modificadas de Asger Jorn, o livro 'Mémoires' de Jorn e Débord cheio de elementos reutilizados, os projetos de Constant para esculturas desviadas, e as pinturas industriais de Pinot-Gallizio. Ao nível da comunicação propunham a distorção de fotonovelas ao criar novos diálogos, e, da mesma forma, alteravam os cartazes publicitários. A banda desenhada, tão lida na época, seria tomada de assalto pelas ideias situacionistas, combinando-a com trocadilhos (como por exemplo *13, rue de l'Espoir para 1, bd du Désespoir*).

⁸ *Teatro da crueldade* é um tipo de teatro que rejeita o teatro tradicional e surge na década de 20 num manifesto criado por Antonin Artaud, posteriormente praticado por vários grupos de artistas na década de 60. Propõe uma nova maneira de agir no mundo, um teatro físico, mais ligado ao movimento do corpo onde haja interação entre atores e espetadores permitindo uma ocupação de todo o espaço e acabando com a divisão entre palco e plateia.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



Imagem 1: Banda desenhada reinterpretada da Internacional Situacionista

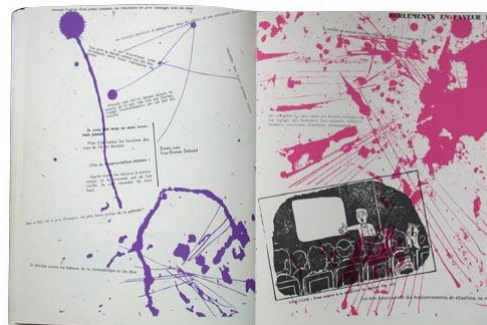


Imagem 2: *Memoires*, Asger Jorn e Guy Debord

Os Situacionistas consideravam a sua ação como um laboratório de investigação por uma cultura diferente insistindo na destruição de todas as formas de comunicação superficiais e enganadoras com o objetivo de um dia se poder chegar à comunicação direta e real.

Pensavam que a guerrilha devia ser promovida através dos média como forma importante de contestação, lançar-se slogans e comunicados próprios aproveitando a rádio e a televisão. Também exploravam a realização de filmes situacionistas, anúncios e cinema publicitário.



Imagem 3: *Abolition du travail aliene*, Internacional Situacionista

Os Situacionistas também chegaram à conclusão que para mudar a sociedade teriam que alterar o espaço arquitetónico. Viam na cidade uma crise urbanística que precisava de ser ultrapassada. «*La construcción de los barrios, antiguos y nuevos, está en desacuerdo evidente con los modos de comportamiento establecidos, y aún más con los nuevos modos de vida que buscamos. Un ambiente mortecino y estéril es el resultado en nuestro entorno*», refere Constant (1999). A cidade era desenhada para a viagem de carro e a construção de vivendas, na qual não existia uma fuga para o tempo de ócio e para a vida lúdica predominando o aborrecimento geral. Propunham um urbanismo unitário dedicado ao prazer, numa conceção que respondesse à dinâmica da vida do indivíduo. Com a diminuição do tempo de trabalho haveria a necessidade de se criar uma série de entretenimentos que obrigava a uma reforma do habitat coletivo dispondo do máximo espaço social possível.

No mesmo seguimento, Constant (1999) refere que *«La ciudad futura ha de concebirse como una construcción continua sobre pilares o como un sistema ampliado de construcciones diferentes en las que estarían suspendidos locales de alojamiento, de recreo, etc. y otros destinados a la producción y a la distribución, liberando el suelo para la circulación y las reuniones públicas (...) Las terrazas conforman un territorio al aire libre que se extiende por toda la superficie de la ciudad, y que puede dedicarse al deporte, al aterrizaje de aviones y de helicópteros, y al mantenimiento de vegetación. Serán accesibles por todas partes mediante escaleras y ascensores. Los diferentes pisos estarán divididos en espacios vecinos y comunicantes, acondicionados artificialmente, que ofrecerán la posibilidad de crear una diversidad infinita de ambientes, facilitando la deriva de los habitantes y sus frecuentes encuentros fortuitos.»*

A tarefa dos artistas e dos engenheiros era levar a cabo estes ambientes tendo em conta a influência psicológica do indivíduo. Insistiam na revolta contra as civilizações mecânicas e arquitetura impessoal e fria que impedem o homem de sonhar: *«La casa móvil gira con el sol. Sus muros corredizos permiten a la vegetación invadir la vida. Deslizándose sobre vías puede ir hasta el mar por la mañana y volver por la noche al bosque. La arquitectura es el medio más simple de articular el tiempo y el espacio, de modular la realidad, de engendrar sueños. No se trata solamente de la articulación y la modulación plásticas, expresión de una belleza pasajera, sino de una modulación influyente que se inscribe en la curva eterna de los deseos humanos y del progreso en su realización.»* (Gilles Ivain, 1953).

Era desejável que os bairros da cidade correspondessem aos sentimentos que o indivíduo ia produzindo. A atividade principal dos seus habitantes seria a deriva contínua e a mudança regular da paisagem para levar ao completo desenraizamento. A deriva apresenta-se como uma prática ligada à psicogeografia e propõe os encontros rápidos e as interações provocadas pelos indivíduos. Na deriva deve-se abandonar as atrações provocadas pelo terreno e andar sem rumo. Numa conexão entre o acaso e o planeamento surge uma espontaneidade organizada.

Num reavivar do *Homo Ludens* e da IS, a *New Left* também recusava a vida rotineira e acreditava que o homem havia de se libertar da tirania do coletivo através do socialismo, procurando a construção de um ambiente pacífico, calmo e belo onde se pudesse instalar o Eros.



As forças produtivas e os meios de produção deveriam ser administrados democraticamente pelas pessoas que beneficiassem deles. Uma das características essenciais do socialismo era o apelo à libertação do *princípio de desempenho*⁹, onde o avanço tecnológico das máquinas poupava o trabalho do homem de modo a dar-lhe liberdade para a realização das verdadeiras faculdades humanas. Propagava-se a experiência em ação através de grupos espontaneístas e não-dogmáticos, quer pela luta na ocupação de casas e universidades, quer pelas greves por uma ciência mais próxima da vida do ser humano. Visavam-se algumas estratégias como o trabalho nas instituições e, através das mesmas, a construção de contra-instituições e a organização de contínuas manifestações de reivindicação fortes e transparentes de forma a politizar a população.

Com a *New Left* nasceu a contracultura. Esta defendia que não havia harmonia e plenitude numa sociedade que desprezava as minorias como os estudantes, os negros e os ativistas. Os defensores deste movimento queriam ver, ouvir e sentir as coisas de uma maneira nova. A grande influência para os que seguiam a contracultura foi o teórico Herbert Marcuse da Escola de Frankfurt. Entre outros nomes, aparecia no anarquismo Bakunine e Kropotkine, no marxismo Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Trotski; Gramsci, George Lukács e Wilhelm Reich.

Uma das bandas que marcou esta cultura foi os Grateful Dead. Divulgavam que a única forma de sair da destruição em que o indivíduo mergulhava era consumir drogas (LSD), porque estas constituíam uma fuga à realidade fantasiada. Na música também se destacava Bob Dylan, que participava em manifestações contra a Guerra no Vietname.

A contracultura é fruto de publicações como a *Playboy*, em 1953, por Hugh Hefner e novos escritores inspirados nos Beat. Em 1956, Lawrence Ferlinghetti, dono da *City Lights Books*, publicou *Howl*, do poeta homossexual convertido ao budismo Allen Ginsberg, dando assim início à Geração Beat, um mundo ligado à libertinagem sexual, uso das drogas, o jazz e a literatura. Os Beatniks eram jovens intelectuais, normalmente artistas e escritores, que contestavam a sociedade de consumo e o espírito crítico. Tinham como influência o existencialismo de Jean Paul-Sartre. *On the road* de Jack Kerouac¹⁰ foi publicado em 1956. Em 1961 a *Groove Press* publicou *Tropic Cancer* de Henry Miller¹¹ e mais tarde *Naked Lunch* de William Burroughs¹².

O teatro e a contracultura contavam com o coletivo anarquista Off-Broadway Living Theater (Judith Malina e Julien Beck) que teve como uma das suas principais peças *Paradise Now*, contra a não-violência; o grupo Bread & Puppet Theater (Peter Schumanm), que inventava

⁹ *Princípio de desempenho* é um conceito criado por Marcuse em associação ao conceito de *princípio de realidade* proposto por Freud. Marcuse propõe a criação de condições para o desenvolvimento das faculdades humanas usando-se do avanço tecnológico e da arte para combater a repressão existente na sociedade. Esta repressão tende a desenvolver no indivíduo o sentimento de culpa que irá reprimir o *thanatus* e o desejo de ser feliz.

¹⁰ *On the Road* de Jack Kerouac, traduzido por *Pé na estrada*, conta a história de Sal Paradise e Dean Moriarty que viajam pela América procurando liberdade, emoções e aventuras. São duas personagens que se contrapõem aos padrões e comportamentos assentes na sociedade vigente, que vivem sobretudo a diversão em momentos dedicados ao álcool, ao sexo e ao jazz.

¹¹ *Tropic Cancer* de Henry Miller foi publicado pela primeira vez em 1934 em Paris mas foi proibido em todos os países de língua inglesa, mais tarde permitido e aclamado nos anos 60 por uma revolução sexual. Conta a história de Miller que chega a Paris depois de um casamento fracassado e começa a viver a vida boémia francesa.

¹² *Naked Lunch* de William Burroughs relata momentos da vida do escritor, sobre a vida, a existência, as drogas e o sexo.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

bonecos gigantes com restos de lixo e fazia performances anti-Vietname. No cinema Godard e Truffaut com os filmes *Acrossado*¹³ e *Os incompreendidos*¹⁴.



Imagem 6: *Our Domestic Resurrection Circus*, Bread & Puppet Theater



Imagem 5: *Paradise Now*, Off-Broadway Living Theater

Martin Luther King foi igualmente uma grande influência para esta geração na luta pelos direitos civis. Desde 1954 a exercer o pastorado em Dexter (Alabama), baseava o seu discurso no pensamento de Gandhi: Satyagraha (satya - verdade que equivale ao amor; agraha – força). A 28 de agosto de 1963 em Washington, deu-se o grande momento da carreira de Luther King, o célebre discurso *I Have a Dream*¹⁵. Foi assassinado a 4 de abril de 1968.

A *Beat Generation* deu origem a outro movimento das massas, o movimento Hippie. Os hippies opunham-se radicalmente aos valores intrínsecos à sociedade: o trabalho, o patriotismo e os padrões sociais. O principal marco da história do movimento hippie foi o festival de música Woodstock, ocorrido em 1969 em Nova Iorque. O festival contava com artistas de diversos estilos musicais, blues, rock e folk, e era um fenómeno inteiramente cultural, uma vez que não envolvia violência. Explodia uma nova cultura oposta à cultura industrializada.

Como podemos ver, a imaginação através da literatura, da música e do teatro, era vista como uma via para romper alguns tabus enraizados no sistema político estabelecido. A imaginação permitia que a vida do indivíduo fosse solta e livre para criar uma sociedade nova na qual ele pudesse ser o inventor do próprio quotidiano. Ela era a condutora precisa no alcance da liberdade que prepararia o terreno para a ação revolucionária. Esta ação permitiria uma

¹³ Filme *Acrossados* de Jean-Luc Godard representa a *Nouvelle Vague* francesa que tentou romper com o cinema tradicional de Hollywood. A câmara era usada de forma mais livre, com ângulos diferentes provocando captar os atores de forma diferente do habitual. Conta a história de um ladrão que vai a caminho de Paris que rouba um carro e mata um polícia e que ao chegar à cidade tenta convencer uma jovem a fugir com ele.

¹⁴ Filme *Os incompreendidos* de François Truffaut é igualmente representativo da *Nouvelle Vague* e conta a história de um rapaz de 14 anos que se insurge contra o autoritarismo imposto pelos pais, mostrando-se um jovem rebelde e refugiando-se no cinema e nos livros.

¹⁵ *I Have a Dream* de Martin Luther King, é um hino e um apelo à igualdade entre brancos e negros, proclamado no dia da Marcha de Washington por Emprego e Liberdade: «Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado da sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais.»

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

revolução da percepção para se atingir uma nova sensibilidade, reestruturando material e intelectualmente a sociedade. A manipulação da consciência e as restrições ao pensamento crítico teriam que ser substituídas voltando-se ao desenvolvimento de um pensamento puro. Como nos diz Thomas De Koninck (2003, p.63), no imaginário *«estão lá todas as imagens que pudemos construir, até os pensamentos que tivemos e que podemos suscitar de novo como se os retirássemos de um poço cheio de riquezas momentaneamente esquecidas.»*

A imaginação é uma ação do sujeito que se destina a organizar o mundo de acordo com as suas necessidades. Ultrapassa os limites da realidade e procura provocar o bombardeamento das imagens, ideias, impulsos e todos os fenómenos psíquicos vindos do pré-inconsciente.

A percepção permite que se adquira um conjunto de imagens da realidade exterior que se revelarão essenciais na construção do eu e nas quais o indivíduo construirá a sua identidade e transformará a sua consciência.

No imaginário, as imagens surgem para que o homem possa definir metas de vida e transformar a sua personalidade, quase como um apelo à renovação do ser em determinado contexto social. É um lugar rico que permite ao indivíduo maior capacidade para se espantar, para se maravilhar e para ser espontâneo.

O Maio de 68 trouxe para a sua ordem de protesto um conceito de imaginação solta, ousada e interventiva no desenvolvimento de novas visões para controlar e enfrentar os problemas e conflitos gerados pela sociedade. Neste sentido, o imaginário funcionava como uma força coletiva a partir de diferentes identidades, valores e posições sociais. Para Michel Maffesoli o imaginário é uma força social de ordem espiritual e que faz da coletividade ser o que é.

A *Imaginação ao poder* era, antes de mais, um slogan, mas acima de tudo um elemento simbólico para o movimento de massas que imaginava o desenho de uma sociedade diferente numa recusa ao quotidiano pela constituição de novos objetivos de vida. Os slogans eram um exemplo de exaltação da imaginação, por terem uma função simbólica e conterem as inquietações e aspirações de um imaginário social. Uma vez que a industrialização levou o indivíduo à formatação das suas atitudes, a imaginação aparecia como uma atitude substituta à mecanização do ser, permitindo uma liberdade de pensar subjetivamente às questões do real.

Thomas De Koninck (2003) diz-nos que *«o espírito humano não é um vaso que se enche, mas antes semelhante a uma matéria que pode ser inflamada por uma centelha (...) o que interessa despertar é a sua própria originalidade, assim como o seu próprio desejo de pensar e de descobrir a verdade.»* A imaginação era o que se pretendia inflamar. Ela era o primeiro passo para a transformação da aprendizagem que estava a suprimir os desejos do homem curioso e criativo.

Aliada à imaginação, à criatividade e à liberdade do ser, a escola era vista como o lugar propício para mudar padrões mentais, e por isso os professores deviam ter a capacidade de procurar novos conhecimentos e incentivar os alunos a fazer o mesmo, para que estes pudessem desenvolver outras aptidões. A imaginação e o imaginário estavam condenados à paralisia se a escola continuasse a reduzir a individualidade dos sujeitos.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

A *Imaginação ao poder* foi uma proclamação revolucionária porque se tentava compreender que a verdade não estava apenas na realidade, mas também no imaginário. Estudantes e intelectuais conseguiram incutir esta ideia, de que o imaginário é talvez o lugar mais livre em que o homem se pode apoiar e sonhar. É o procurar por uma sociedade inexistente e participar na construção do amanhã, instigar à utopia, ao não-lugar. Um lugar ficcionado onde se projetam sonhos que fazem avançar a humanidade.

John Lennon, com a célebre música *Imagine*, um grande marco na história dos anos 70, reflete bem os desejos da época: «*Imagine no possessions / I wonder if you can / No need for greed or hunger / A brotherhood of man / Imagine all the people / Sharing all the world (..) You may say, / I'm a dreamer / But I'm not the only one / I hope someday / You'll join us / And the world live as one*»¹⁶

2.3. Tradução dos anos 60 na escola

O grande problema da história da humanidade foi ter simplificado o que é complexo, talvez porque a ciência, que sempre dominou o sistema económico, reduziu a vida a certezas absolutas. Edgar Morin (2003) afirma que o pensamento simplificador conduz à dominação, seleciona como verdadeira a explicação mais simples, reduz o campo das hipóteses e a capacidade para imaginar. O pensamento simplificador procura possibilidades de se conhecer e provar tudo como se os seres humanos se tratassem de máquinas. É este tipo de pensamento que nos vem perseguindo desde a revolução industrial. As suas consequências na mente humana ignoram as afetividades, as emoções, as sensações, a alma e a consciência, porque os objetos advindos do pensamento simples obedecem a leis generalizadas.

A escola, seguindo um modelo organizado pelo Estado, aniquilou o sonho em vez de estimular uma vida assente na criatividade e na satisfação dos desejos dos jovens, e conseguiu produzir adultos frustrados e insatisfeitos. «*Mas quando o ar do tempo é o da peste, os empestados dominam*», dizia Raoul Vaneigem (1995) acerca do ensino voltado para a automatização do homem.

O Maio de 68 em França revelou-nos outra visão do mundo. A juventude ria, cantava, dançava, fazia teatro, revoltava-se e gritava numa tentativa de lutar por uma vida assente no conhecimento, na literatura, nas artes, nas ciências. Por não estarem integrados na decadência do Estado, os estudantes pretendiam, pela teoria, chegar à prática. Já não lhes interessava falar, interessava-lhes agir e contribuir para a transformação do homem e da educação do homem porque, segundo Sartre (1969, p.20), para a juventude «*só a acção conta*».

¹⁶ *Imagine* de John Lennon, a música que abre o álbum *Imagine* em 1971, tornou-se uma referência importante no apelo à paz, convida-nos a imaginar um mundo ideal e a acreditar na utopia. É considerada uma das músicas mais hippies de sempre, fazendo jus à expressão *peace and love*.

Os estudantes participavam contra a Guerra do Vietname, lutavam por uma reforma radical na estrutura obsoleta da Universidade. Exigiam a contratação de mil novos professores, construção de salas e bibliotecas e uma mudança no sistema de avaliação rígido imposto pelo governo do General De Gaulle, que tinha por base um sistema de educação tecnocrático, conduzido para o treino e não para a formação cultural. Em poucos anos, o número de estudantes subiu de 170 000 para 600 000 e a construção de novos espaços não acompanhou esse crescimento.

Em oposição ao modelo de ensino vigente, apelavam a uma pedagogia voltada para a libertação em que a educação fosse um instrumento de atuação política contra as injustiças sociais, exploração e opressão. A *pedagogia libertária*¹⁷ é exemplo disso. Inscreve-se no contexto das pedagogias modernas e questiona todas as relações de dominação: escola, trabalho, religião, família. Um dos seus princípios é a recusa de qualquer forma de autoritarismo, o que significa a recusa à obediência cega de forças autoritárias, tratando-se essencialmente de ensinar a liberdade. Já nas primeiras décadas do séc. XX, os defensores desta pedagogia trataram de criar espaços alternativos em oposição aos espaços da pedagogia tradicional institucionalizada. Eram apologistas da autogestão e da educação integral. Para Proudhon¹⁸, e outros defensores desta filosofia política voltada para o anarquismo, a sociedade é resultado de uma produção de cultura coletiva humanizada e a educação deveria ser um instrumento de combate à alienação. Na prática desta filosofia, a importância do conhecimento resulta de experiências vividas pelo grupo num apoio constante entre companheiros ou educadores. O gosto pela ciência, pelo trabalho social, pelos direitos das mulheres, pela igualdade social, são alguns dos princípios mais importantes para a criação de um novo paradigma de educação. O movimento anarquista teve uma forte influência nas reivindicações do movimento estudantil. Condenou as manifestações autoritárias do ensino, como os exames, a função do professor, as disciplinas, a assiduidade e o reconhecimento através de certificados e diplomas.

Por esta razões, o Maio de 68 teve início com estudantes, mais concretamente com Daniel Cohn-Bendit, filho de judeus refugiados da Alemanha, que em janeiro confrontou o Ministro da Juventude e dos Desportos na inauguração de uma piscina na Universidade de Nanterre em Paris, porque reivindicava a entrada dos rapazes nas residências universitárias femininas.

Cohn-Bendit e Jean-Pierre Duteuil coordenaram um grupo de estudantes para que ocupassem a torre administrativa de Nanterre o que levou à fundação do *Movimento 22 de Março*. No dia 27 de março o reitor mandou suspender as aulas. Cohn-Bendit continuou a sua luta com os estudantes reservando o dia 2 de maio para um protesto contra o imperialismo. Durante uma semana, universidades, de norte a sul, fizeram greve. O que se estava a passar na Nanterre fazia parte do que Cohn-Bendit chamava de «*mal-estar estudantil*».

Os estudantes faziam manifestações na Universidade de Sorbonne (Paris), ocupavam o pátio e os polícias desocupavam. Surgiram-se mais manifestações, cada vez maiores e

¹⁷ A *pedagogia libertária*, também designada de *pedagogia anarquista*, tem como princípios base: a liberdade do indivíduo, a não autoridade, a autonomia do indivíduo, o jogo como acesso ao saber, a educação igual e conjunta.

¹⁸ Jean-Pierre Proudhon foi um economista, sociólogo francês e um dos fundadores do anarquismo.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

espalhando-se por outras zonas de Paris. A 10 de maio foi a primeira noite das barricadas, 30 000 pessoas subiram Boulevard Saint-Michel com Cohn-Bendit na liderança e a dar ordens para que ocupassem o Quartier Latin. Foram construídas barricadas de 2,5 a 4 metros de altura num acontecimento espontâneo. Os estudantes pegaram em carros e viraram-nos ao contrário para fazer frente à polícia que os impedia de se manifestarem na rua e que usava gás lacrimogénico contra eles. A maioria da população solidarizou-se com os estudantes atirando coisas pela janela fora contra a polícia. Não só os professores se mantiveram do lado dos estudantes, como o movimento também pôde contar com o apoio de profissionais da rádio e da televisão, técnicos de escritório e pesquisadores.

Na organização das barricadas, Cohn-Bendit (1968) disse: *«Agora só há uma coisa a ser feita, a greve geral»*. Conseguindo que os sindicatos declarassem greve geral, esta situação mostrou-se como um acontecimento importante na medida em que os estudantes conseguiram provar aos trabalhadores que poderiam mover as massas, ampliar as manifestações e ocupar edifícios. Era fundamental que se criassem grupos de ação revolucionária em que operários e estudantes discutissem problemas e atuassem juntos. Os estudantes foram para dentro das fábricas e uniram-se ao operariado e o sindicato marcou greve para o dia 13 de maio. Dias depois a França estava parada por causa das greves. No dia 22 de maio, Cohn-Bendit foi expulso do país.

O movimento estudantil foi acusado de não elaborar um programa e não apresentar linhas orientadoras do que queria fazer depois de derrubar o regime. Cohn-Bendit, ainda em entrevista a Sartre, afirmava que o movimento ganhava força pela sua espontaneidade e por isso era incontável, *«é preciso que as pessoas se expressem. Em primeiro lugar há que falar, refletir, buscar novas fórmulas. Encontraremos, mas não hoje.»* O mesmo apelidou este movimento de *«subjetividade rebelde»*. *«Tudo o que acontecia no mundo era interpretado à luz da própria existência... O anseio radical por autonomia e autodeterminação acelerava o comportamento quotidiano e fundamentava a rebelião que se expandia.»* (Cohn-Bendit, 1985)

O objetivo era perceber os interesses dos alunos e pôr a universidade a funcionar pelos próprios estudantes tendo os professores como orientadores. Na luta por uma alternativa ao funcionamento do ensino vigente, os estudantes começaram a aperceber-se que o ensino estava adaptado às exigências da indústria privada, e que quando saíam da universidade teriam que se sujeitar aos quadros formados pelas próprias empresas senão dificilmente encontrariam trabalho. As áreas científicas estavam muito mais preparadas do que as humanísticas ou as artísticas, uma vez que o sistema vivia da industrialização.

Apelava-se à compreensão dos problemas vividos pelos estudantes e à distribuição do saber prático a todos. Era necessário que se transformassem os conteúdos programáticos em conformidade com os interesses das massas e não com os interesses privados. Era altura de acabar com a vida prefabricada, destruir a ideia de seleção desde os primeiros anos de escola, investir num ensino que oferecesse a todos as mesmas possibilidades de ensino para virem a ser homens livres, capazes de se especializar de acordo com as suas aptidões e gostos. Os estudantes do Maio de 68 queriam caminhar para uma dissidência cultural, por isso esta geração é vista

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

como instigadora da revolta, fazia parte da identidade da juventude, implícita em slogans como: *É proibido proibir, Que nada impeça o orgasmo, Quando faço a revolução, sinto-me como se estivesse a fazer amor, Sejam realistas, exijam o impossível, A poesia está nas ruas, Revolução eu amo-te*. Eric Hobsbawm (2002, p.274), referindo-se aos slogans, dizia que «*não eram simplesmente a expressão de uma contracultura de alheamento, apesar de um evidente interesse em chocar a burguesia (LSD tout de suite!). Queriam derrubar a sociedade e não simplesmente escapar dela.*» Por esta altura surge um grupo ligado às ideias da IS designado por Enragés (em português, enraivecidos), tendo sido eles, muitas vezes, os autores dos grafittis.



Imagem 7: Mural dos alunos das Belas Artes em França (1968)

Os murais do Maio de 68 ficaram conhecidos pela criatividade com que eram desenhados e transformaram o espaço urbano numa tentativa de reavivar a arte dos Situacionistas. Os estudantes e não-estudantes tomaram conta das instituições e muros, desenvolveram a sua comunicação através de panfletos e discursos-relâmpagos. A arte torna-se uma ferramenta de comunicação gráfica e revolucionária, como se pode constatar pelos cartazes e propaganda do *Atelier Populaire*.



Imagem 8: Espaço do Atelier Populaire (1968)

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Foi no Maio de 68 que o não-artista intercedeu na vida dos assuntos públicos e no coletivo, tentando procurar a construção da própria vida dentro dos moldes que a IS tinha projetado.

O Sindicato, patrões e Ministério do Trabalho tentaram entrar em negociações por um salário melhor, conquista da quarta semana de férias e proteção dos trabalhadores nas empresas pelo sindicato, mas as greves continuaram.

No dia 29 de maio, a CGT (*Confédération Générale Du Travail*) organizou uma manifestação com 300 000 pessoas que reclamavam o governo de De Gaulle, que foi obrigado a dissolver a assembleia, embora mais tarde, dia 5 de junho, as legislativas dessem novamente a vitória aos gaulistas.

O mesmo ano também será lembrado pelo movimento *Primavera de Praga* liderado por Alexander Dubcek, líder do Partido Comunista da Checoslováquia, que decidira fazer uma reforma profunda na estrutura política do país. Queria praticar uma política socialista acabando com os autoritarismos vigentes do sistema estalinista. Assim, prometia uma revisão constitucional que cuidasse dos direitos civis dos cidadãos, tais como a libertação da imprensa e a livre organização dos partidos, o que poria fim ao então comunismo. Rapidamente se iniciaram inúmeras manifestações em favor das promessas feitas por Dubcek. Acreditava-se que se podia acabar de forma pacífica com o regime comunista para instaurar uma social-democracia, mas os soviéticos temiam as consequências geopolíticas que implicava a saída da Checoslováquia do Pacto de Varsóvia. A 20 de Agosto de 1968 acabava a *Primavera de Praga* pela operação militar das tropas do Pacto de Varsóvia.

Em Espanha, Bélgica e Alemanha Ocidental, as universidades foram ocupadas pelos estudantes havendo vários confrontos com a polícia. A 1 de março, em Itália, 3 000 estudantes ocupam a sede do jornal *Corriere della Serra* e a 5 de dezembro cerca de 1 milhão de trabalhadores entram em greve. No Reino Unido, 3 milhões de trabalhadores entram em greve a 15 de março. Também na Polónia, a 8 de março, estudantes protestam contra o regime socialista e três dias depois a Universidade de Varsóvia fecha. No Brasil, no Rio de Janeiro, a 26 de junho de 68 ocorreu o auge da rebelião com a *Passeata dos Cem Mil*. No México, os confrontos na universidade e nas ruas provocaram 38 mortos. Aquando da organização dos Jogos Olímpicos, o governo mandou disparar contra manifestantes na praça das Três Culturas matando entre 200 a 300 pessoas. No Uruguai, Argentina, Colômbia e Venezuela, também os estudantes ocupavam as universidades e declaravam greves envolvendo-se em intensos confrontos com a polícia e exército.

Os estudantes procuravam uma pedagogia assente em alguns princípios da teoria crítica. Giroux (1997, p.163) diz-nos que «*tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo*

qualitativamente melhor para todas as pessoas». A pedagogia crítica é uma pedagogia ajustada. Tem em conta a escola, o seu contexto, o momento político e social em que se insere, os problemas da vida dos oprimidos, história e valores. Esta teoria rejeita a ideia de que a escola é neutra e que transmite conhecimentos imparciais gerando possibilidades iguais e universais. Os professores devem agir como intelectuais transformadores contra as políticas instituídas. Todos os intervenientes devem agir de forma a mudar a realidade social em que estão envolvidos.

Já Léon Tolstói (1888, p.41), quando fundou a escola Yasnaia Poliana na Rússia em 1861, propagava uma educação para a libertação dando uma grande importância à emotividade: *«Este estranho estado de psicologia, que eu chamaria de ‘estado escolar’ da alma, e que infelizmente todos nós conhecemos tão bem, consiste nisto em que todas as faculdades superiores – imaginação, génio criador, dignidade – cedem lugar a outras faculdades semi-animais: pronunciar sons sem atenção aos seu sentido, contar os números em fila, 1, 2, 3, 4, 5... suportar palavras, sem permitir à imaginação vivificá-las através das formas.*» Mantinha uma relação próxima com os alunos e fazia das suas aulas momentos lúdicos. Defendia o jogo como acesso ao saber para que o aluno sentisse prazer pelo conhecimento e defendia o interesse espontâneo.

Vaneigem (1995, p. 30) sugere: *«Porque não fazem vocês da escola um parque de atrações de saber, um lugar aberto aonde os criadores irão falar dos seus ofícios, dos seus arrebatamentos, das suas experiências daquilo que levam a peito?»* Era importante criar-se uma comunidade de alunos e professores que soubessem falar da vida quotidiana e que redefinessem a sociedade adaptada às riquezas que o homem deve desenvolver: imaginação e criatividade através da ação, da perceção da realidade, dos problemas e do pensamento complexo.

2.4. Por uma arquitetura escolar nova

Hoje em dia o ensino é para todos, abrange grande parte da população e as condições vão sendo melhoradas. O conceito de escola democrática prevalece, mas será que a escola do século XXI estará adaptada ao nosso desenvolvimento cognitivo? De que forma produz ideias e em que lugar se encontram a imaginação e a criatividade? Será que procura dar respostas para os problemas sociais que assolam o nosso dia-a-dia?

Se o sistema político fracassa, a estrutura educacional adapta-se a ele. A escola é movida conforme as políticas educativas que lhe são impostas: maior número de alunos por turma, menos professores empregados, carga horária alargada, menos tempo de recreio, menos disciplinas ligadas às emoções, crescente burocratização, métodos de avaliação obsoletos. A escola permanece como um espaço de tédio e aborrecimento onde a matéria é estática, onde não há movimento, onde as regras e a standardização são elementos cruciais.

Carlos Calvo Muñoz (2005) crê que a escola continua a ser altamente normativa, não deixando espaço e tempo de ócio para os alunos e para os professores. Ele refere que o corpo está prisioneiro à organização escolar: *«en la escuela el cuerpo es un problema que se controla enclaustrándolo en salas cerradas y en tiempos restringidos, sentándolo en sillas que cansan y que*

dañan. Así, es difícil que la escuela recupere el cuerpo lúdico, explorador de senderos ignotos y experimentador de novedades». Se as crianças passarem maior parte do seu tempo em frente à televisão, em casa não terão um espaço para se expressar e na escola não encontrarão um espaço de libertação. Esta situação irá conduzi-las à inatividade e à passividade e estaremos perante uma escola e uma casa que são construídas sobre o mesmo modelo.

A escola deveria ser um espaço onde se vive, onde jovens convivem uns com os outros livremente, seguindo as suas vocações e dedicando-se a tarefas que os fazem sentir felizes, porque é preciso que cada indivíduo decida, escolha e trate o que lhe interessa sem necessitar das ordens de ninguém. O auto-didatismo é importante neste sentido porque permite que o aluno aprenda por ele mesmo aquilo que quer aprender, de modo a fomentar a cooperação didática, mas, como diz George Steiner (2005, p.46), *«a nossa escolaridade é uma amnésia planificada»*. Todos os momentos são planificados, a curiosidade deixou de ser aguçada e a criatividade mantém-se inexplorada. Talvez porque, como afirma Vaneigem (1995), *«a escola detém a chave dos sonhos numa sociedade que não os tem.»* E talvez seja essa a base do problema. A sociedade não procura sonhar e realizar os seus sonhos e não permite a libertação do ser humano enclausurado. Completamente fechada, a inteligência criativa é ignorada porque não há uma predisposição para a abertura de pensamento e para a cooperação. Assim, a abstração e o afastamento do mundo real continuam a aumentar. Tal como Viviane Forrester (1997, p.68) afirma: *«Nada é mais mobilizador que o pensamento (...) Não existe atividade mais subversiva, mais temida e também mais difamada que o pensamento (...) O mero facto de pensar já é político. Por isso a luta insidiosa, bastante eficaz, travada atualmente, de forma nunca antes vista, contra o pensamento. Contra a capacidade de pensar. Capacidade que, no entanto, representa e representará cada vez mais o nosso único recurso.»* Já não há espaço para o pensamento, permanecemos encobertos por um desastre educativo global segundo Michel Serres (1992). A par da escola como nós a conhecemos, e em contrapartida, existem na prática muitas escolas com estruturas e métodos alternativos que se desenham de forma muito diferente do modelo imposto pela sociedade.

Ivan Illich (1985) é um dos pensadores mais influentes na construção da estrutura de ensino como o vemos hoje. Ele defende que para uma transformação na educação seria indispensável dar acesso aos recursos educacionais independentemente da idade, agir de modo a que os que querem partilhar o seu conhecimento se encontrem com os que o querem adquirir, e permitir que os detentores de ideias novas tenham uma voz ativa na sociedade. Illich também pensou em quatro redes fundamentais de troca de conhecimento que poderiam conter todos os recursos necessários para uma verdadeira aprendizagem. À primeira rede ele dá o nome de *«serviços encarregados de permitir o acesso a objetos educativos»*, e que dariam acesso a bibliotecas, laboratórios, museus e outros locais públicos. À segunda rede ele dá o nome de *«repertório de conhecimentos»*, que permitia que os detentores de certas competências criassem uma lista e indicassem as condições nas quais estariam prontos para as comunicar aos que quisessem aprender. À terceira rede Illich dá o nome de *«serviço de parcerias»*, uma rede de comunicação que permitia a quem desejasse aprender, indicar o domínio que lhe interessa e

encontrar um companheiro para o fazer. Propõe uma última rede, «*serviços de referência de educadores*», que consistia num anuário em que os educadores profissionais poderiam indicar o seu endereço, o seu domínio de competência, bem como as condições de acesso aos seus serviços e onde poderiam ser escolhidos por educandos tendo em conta as referências dos seus ex-alunos.

A Summerhill School é uma das pioneiras do movimento de escolas democráticas e caracteriza-se pelo facto de dar a possibilidade ao aluno de querer assistir ou não às aulas, e ainda de criar assembleias para defender os seus interesses. A Sudbury Valley School foi criada no emblemático ano de 1968 e é um exemplo de educação alternativa nos EUA. É uma escola democrática baseada na auto-educação, onde cada aluno escolhe o que quer aprender. Desde cedo são responsáveis pelas suas próprias decisões. Os alunos exploram a vida e o gozo intelectual livremente, escolhendo o caminho que querem seguir. O mesmo modelo é aplicado em Portugal na Escola da Ponte e na La Cecilia Escuela de la Nueva Cultura na Argentina. Os alunos não estão separados em grupos por idades, estão todos juntos, permitindo a interação de idades diferentes. Vivem numa democracia autónoma onde resolvem os seus problemas e decidem quando estão preparados para ser avaliados.

Situada em Vila Das Aves, a Escola da Ponte possui uma estrutura de aprendizagem diferente: iniciação, consolidação e aprofundamento. Não há turmas clássicas e salas convencionais, há grupos e espaços de trabalho abertos o que permite que haja maior interação entre alunos de diferentes idades e respetivos orientadores educativos. Como é referido no projeto educativo da Escola da Ponte: «*É indispensável a concretização de um ensino individualizado e diferenciado, referido a uma mesma plataforma curricular para todos os alunos, mas desenvolvida de modo diferente por cada um, pois todos os alunos são diferentes.*» O currículo é estruturado conforme a estrutura cognitiva dos alunos e as suas expectativas face aos conhecimentos. E ainda «*A organização do trabalho na escola gravitará em torno do aluno, devendo estar sempre presente no desenvolvimento das actividades a ideia de que se impõe ajudar cada educando a alicerçar o seu próprio projecto de vida. Só assim a escola poderá contribuir para que cada aluno aprenda a estar, a ser, a conhecer e a agir.*» O papel dos professores é orientar este projeto. Cada aluno é supervisionado por um orientador educativo que assume um papel mediador entre a escola e o encarregado de educação. São os alunos, em assembleias de escola para as quais se candidatam, que decidem os seus direitos e deveres. «*Será indispensável alterar a organização das escolas, interrogar práticas educativas dominantes. É urgente interferir humanamente no íntimo das comunidades humanas, questionar convicções e, fraternalmente, incomodar os acomodados*», assim afirma José Pacheco¹⁹. Referindo-se à motivação que o levou a fundar esta escola afirma: «*não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo.*»

¹⁹ Em entrevista à *Educacional* - acedido a 20 de setembro de 2012 - <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0043.asp>

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

O Projeto Âncora²⁰, no Brasil, teve como inspiração a Escola da Ponte. Alunos dos 6 aos 10 anos estudam juntos e desenvolvem projetos de pesquisa conjuntamente com os seus orientadores: *«Quando os alunos apresentam o trabalho, eles ensinam aos colegas o que aprenderam, utilizando imagens, som, cartazes e slides. Como a busca pelo conhecimento parte das próprias crianças, de um interesse genuíno, segundo os organizadores da escola, a aprendizagem é mais eficiente e melhor absorvida.»*

Kilpatrick, um teórico da educação do final do séc. XIX, início do séc. XX, nos EUA, defensor da *Escola nova*²¹ e autor da pedagogia de projetos, sugeria que todas as atividades escolares se realizassem através de projetos, um método didático em que os alunos aprendiam várias disciplinas produzindo algo palpável, fazendo na sala de aula o que normalmente se faz na rua, em casa ou no exterior da escola. Os projetos deviam ser propostos pelos alunos e orientados pelo professor. Desenvolvê-los implicava sair da sala de aula e trabalhar com a comunidade. As tarefas eram realizadas em grupo e muitas vezes os temas a serem trabalhados partiam de problemas do dia-a-dia dos alunos. Desta forma, desenvolver um projeto passava pelo desenvolvimento de uma ideia, pela concretização de algo que ainda não existisse, tendo a ver diretamente com a utopia concretizável.

O método Montessori propõe conhecer as crianças e respeitar o seu nível de desenvolvimento, convertendo a educação num acompanhamento das suas vidas. Esta metodologia enfatiza a autonomia, o ambiente das crianças, os valores universais e a construção de si mesmo. Um outro método de ensino é o *Home-schooling*, a educação em casa, sem escola, em que a criança é sempre acompanhada por experiências do dia a dia com os pais.

A Pedagogia Sistémica é uma corrente da psicopedagogia baseada nas ordens do amor descobertas por Bert Hellinger. Este tipo de pedagogia considera indispensável incluir todas as ferramentas e recursos da história da educação da criança, por isso a inclusão da família no processo educativo é muito importante, para se perceber o contexto em que vive e para se perceber como se pode desenvolver a sua formação.

Na Educação Popular, Paulo Freire propõe uma pedagogia que se centre na vida do sujeito de modo a que ele possa aprender com as suas experiências e vivências pessoais desenvolvendo uma pedagogia de libertação em que a criança é a orientadora do seu próprio destino.

A Pedagogia Logosófica nasceu na Argentina por González Pecotche e parte de uma conceção filosófica do homem como ser espiritual. Propõe uma pedagogia que toma os vínculos,

²⁰ O projeto é explicado no site *Porvir* - acedido a 22 de setembro de 2012 - <http://porvir.org/porfazer/projeto-ancora-se-inspira-na-escola-da-ponte/20120810>

²¹ *Escola nova*, também denominada de Escola ativa ou Escola progressista, foi um movimento de renovação no ensino na primeira metade do século XX e teve como principal inspiração Jean-Jacques Rousseau, Heinrich Pestalozzi e Friedrich Fröebel. Este movimento nasceu do filósofo e pedagogo John Dewey. Para Dewey, as escolas deviam ser organizadas segundo comunidades onde as crianças devem ser ativas nas suas atividades.

as experiências pessoais e os valores como ponto de partida para a aprendizagem e crescimento, dando uma grande importância ao que sucede na vida do aluno para que ele desenvolva a sua autonomia.

A Pedagogia Waldorf nasce do trabalho desenvolvido por Rudolf Steiner e propõe que cada ser humano encontre a sua essência através da criatividade, da arte e do movimento.

A Reggio Emilia nasceu em Itália por um grupo de mulheres que procurava um novo modelo de escola após a Segunda Guerra Mundial e o seu desenvolvimento educativo é feito de forma democrática. Bruna Elena Giacopini²²: *«a construção de projetos gera experiências próprias em cada um dos alunos e os professores estimulam os alunos a se perguntarem se o que fizeram deu certo ou errado, se foi difícil, sobre o que gostariam de fazer diferente para melhorar a atividade, enfim, elas passam a ser autônomas sobre seus próprios passos. Esse é, provavelmente, o aspecto mais revolucionário da proposta.»* E mais à frente explica, *«a produção dos alunos não fica dentro da sala de aula, mas são expostas em estabelecimentos da cidade e em algumas vezes até ao ar livre, em locais públicos. Isso privilegia a percepção do aluno de que toda a comunidade é seu ambiente educacional.»*

Existe uma panóplia de organizações educativas na América Latina que procuram uma *Educación holística*²³ e que se baseiam nestes métodos e pedagogias alternativos.

A Multiversidad Mundo Real Edgar Morin é uma instituição pedagógica criada em 1999, no México, assenta na interdisciplinaridade e pensamento complexo de Edgar Morin, e é baseada no conceito de práticas pedagógicas independentes. Procura fortalecer a pluricomunidade, a interculturalidade e a educação assente em princípios de liberdade, relação e diferença. Esta instituição permite dar uma resposta a um tipo de ensino alternativo a nível superior, combinando o ensino com a prática e a reflexão com a afetividade. Em oposição às universidades convencionais, pretende desenvolver um ensino *«poliédrico y multiangular, capaz de lidar con la fusión de la formación en todas las dimensiones, es decir, en el mundo real, y derribar metafóricamente los muros del claustro medieval que ha caracterizado a la universidad desde que se constituye históricamente como Studium Generale.»*

A arte ativa os sentidos, a capacidade criativa e a capacidade de ver e sentir o que está à nossa volta. Assim foi desenvolvido o conceito de Educación Evolutiva pela Universidad de La Luz Iluí Amani, numa articulação entre arte e ensino, e por uma mudança de paradigma na educação. *«Arte es mover el cuerpo, jugar con él, aprender mientras actuamos lo que estamos trabajando. Por ejemplo: ser planetas y bailar en torno al sol, para integrar el concepto del sistema solar, los movimientos que realizan cada planeta, rotación, traslación, eclipses, a la vez en que aprendemos que el sistema completo es como una familia.»* Nesta escola são criados momentos de jogos para o estímulo da criatividade: *«Juegos y juguetes que ayudan a recrear la conciencia: Que potencian*

²² Bruna Elena Giacopini, pedagoga das Escolas de Reggio Emilia em entrevista à Trama Comunicação (2007). Acedido a 1 de setembro - http://www.tramaweb.com.br/cliente_ver.aspx?ClienteID=44&NoticialID=3937

²³ *Educación holística* é uma forma de educação alternativa que procura basear-se na identidade dos indivíduos, trabalhar atividades através da ligação com a comunidade e elementos da vida real.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

la creatividad (no dar juegos completos en si mismos). Por ejemplo, piedras, maderas sueltas, colores, figuras sin formas concretas. Proveer de diferentes tipos de materiales. Juegos que activan ambos hemisferios (lógica y abstracción). Esta parte es esencial pues estamos acostumbrados a los juegos lógicos (encastres, puzzles, etc.), pero no a los abstractos (pintura en agua, arena de colores, pintar en bandejas de arena). Son fáciles de crear. Permitir la exploración con herramientas de arte: instrumentos musicales, plástica, elementos que incentivan el movimiento corporal (aro – balones – etc.) Idealmente de materiales nobles: trapo, maderas, naturaleza. Evitar el concepto de “desechable”: enseñar a cuidar – cerámicas, etc.»

Na Cooperativa de Enseñanza Olga Cossetini em Córdoba *«se pone el énfasis en aprender a aprender. Aprender es un proceso, no se pone énfasis sólo en producto, en el resultado: importa el camino, que cada cual lo hace a su ritmo, a su manera.»* Não se fazem comparações entre crianças e não existe uma classificação quantitativa, parte-se da própria experiência para se chegar a conceitos mais abstratos. *«Es así como las paredes de la escuela se vuelven transparentes y entonces vamos al jardín, al balneario, a visitar al zapatero, a la vecina o viene a la escuela un hombre que viaja y que nos cuenta de un lago de Bolivia o un músico a ofrecernos un concierto de flauta traversa, dulce o cajón peruano.»* A criatividade é algo que procuram estimular uma vez que permite que as crianças ajam de forma flexível procurando sempre novas alternativas para resolver situações do dia a dia.

O Colegio Crecer (IN.CRE.) no Uruguai procura desenvolver uma nova humanidade preocupando-se com a compreensão de quem somos, qual o nosso verdadeiro potencial e que sentido damos às nossas vidas. Um dos seus objetivos é potenciar a imaginação, a criação e a intuição, e respeitar os ritmos e tempos de aprendizagem dos alunos. Este colégio tem como particularidade a promoção da harmonia através do silêncio: *«Las investigaciones realizadas muestran que el silencio tiene una acción directa que mejora el nivel mental y, como mejora nuestra plena conciencia, es un antídoto para la alienación.»* De manhã e à tarde os alunos tiram dez minutos do seu tempo para se dedicarem ao silêncio como uma espécie de meditação.

O Colégio Ideas, na Colômbia, é sediado numa zona campestre e pretende aproximar a comunidade educativa do pensamento convergente, divergente e multidirecional de maneira a ligar ciência e arte, a razão e emoção. Esta escola defende a formação holística fundamentada na investigação. Na formação pré-escolar pretendem aproximar as capacidades das crianças *«de escucha, de observación, de expresión e imaginación, al universo de la exploración sensible, donde todo adquiere sentido en la búsqueda, y los significados se consolidan en el encuentro, en la experiencia, en la experimentación y en el juego.»* Na formação primária *«debemos ante todo garantizar que ese espíritu de explorador de la primera infancia se fortalezca en el placer por lo que se hace.»* E durante o bacharelato *«un espíritu libre que se regula a si mismo en el orden natural para alimentar su alma por los caminos de la existencia con una nueva ética, estética y ecología de la convivencia.»*

O Instituto Popular de Cultura de Cali é uma instituição que pretende garantir uma formação superior para as artes e para a cultura popular, promovendo projetos de vida criativos preservando os valores culturais locais e regionais da Colômbia. Este instituto conta com um departamento de investigação sobre o folclore colombiano.

Tendo em conta que estas escolas são possíveis, é preciso questionar e procurar respostas para as ânsias da escola do momento. Porque não tentar responder às crianças nos seus primeiros anos de vida as suas curiosidades? O que é a vida? O que é o mundo? Perceber o ser humano e perceber o mundo em que se insere. Morin (2003) sugere que os programas deveriam ser substituídos por guias orientadores (universo, terra, vida, humano) onde os ensinamentos convergem. Levar o exterior à escola e a escola ao exterior. Assim, é concedida ao aluno alguma autonomia e a ideia de escola separada da vida é aniquilada. Os professores têm um papel essencial na compreensão dos seus alunos de modo a incentivá-los quando têm medo de errar e acompanhar a sua geração nos seus gostos e vocações porque, como afirma Morin (1999, p.76), «*A aventura do conhecimento é non-stop porque quanto mais se sabe menos se sabe.*» Procurar viver com as inquietações e obsessões dos mais novos, tentar responder às suas incertezas para que sejam autónomos à procura de perguntas para explicações dominadas pela lógica. É preciso saber-se dialogar com essas inquietações e obsessões e saber lidar com a complexidade humana, porque o conhecimento não é limitado. «*Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza*», como refere Morin (2003, p.59). A dúvida é o que nos leva ao progresso histórico e a resignação e o conformismo são dois males que nos fazem crer que está tudo inventado, não há desafio, não há emoção, não há deslumbramento, mas a vida é um carrossel que nos leva à aventura.

Por esta razão Morin (2003) ainda menciona cinco *Escolas da vida* fundamentais para o desenvolvimento humano. A primeira é a *Escola da língua*, onde somos confrontados com obras de diferentes escritores e nas quais podemos procurar expressarmo-nos e relacionarmo-nos com os outros; a segunda é a *Escola da qualidade poética da vida*, onde persiste a emoção e o sentido maravilhoso das coisas; a terceira é a *Escola da descoberta de nós mesmos*, para que possamos descobrir a subjetividade do ser humano lendo livros, vendo filmes e contactando com personagens fictícias; a quarta trata-se da *Escola da complexidade humana*, na qual procuramos o mistério da vida; e por fim a *Escola da compreensão humana*, na qual, através de livros e filmes, podemos compreender a vida comum.

Segundo Jorge Wagensberg (2007), existem três elementos fundamentais na aquisição de um conhecimento: estímulo, conversa e compreensão. O mesmo autor refere que educar talvez consista em ensinar a gozar, a gozar o estímulo, a gozar a conversa e sobretudo a gozar a compreensão porque a compreensão é uma máquina de fazer perguntas. Wagensberg (2007, p.52) propõe a fomentação do conceito de cafeteria na escola. Uma boa escola, uma boa faculdade, uma boa cafeteria numa boa universidade deveriam ser o lugar propício para conversar, porque para compreender é preciso espaço e tempo, e nesse espaço e tempo pode ocorrer o que ele chama de «*gozo intelectual*». Wagensberg (2007, p.53) ainda afirma que «*La cafetería y la biblioteca son dos auténticos templos del gozo intelectual.*» Deste modo, o espaço ideal para o

ensino seria um grande espaço construído em torno de dois espaços centrais: uma grande biblioteca e uma grande cafeteria para suscitar a conversa e a reflexão.

2.5. O papel das artes na sociedade

As práticas artísticas de vanguarda deram origem à criação artística coletiva para uma transformação social. A arte tornou-se uma estratégia de ação em muitas práticas ativistas, transformando-se num meio de mobilização política e tornando-se atualmente verdadeiras influências para muitos artistas.

Na arte como transformação social o espectador passa a ser artista e participante, tanto na concepção como na realização. Este tipo de arte caracteriza-se pelo desenvolvimento de projetos comunitários e atravessa várias áreas, desde a pintura à fotografia, da música ao teatro. Estes projetos normalmente envolvem pessoas que vivem em bairros, guetizadas e com carências sociais.

Na realização deste estudo foram recolhidas algumas intervenções artísticas onde a arte social tem uma forte influência.

O artista brasileiro Vik Muniz, que transformou lixo em arte a partir de um aterro do Brasil chamado 'Jardim Gramacho', decidiu trabalhar com gente que lá trabalhava ao pedir-lhes que participassem na realização das suas obras. Vik Muniz demonstra uma sensibilidade notória para as questões sociais e desenvolve um trabalho artístico que excede as características estéticas da arte, a arte como mudança social. Vik Muniz é um exemplo de como podemos mudar a realidade. No documentário *O lixo extraordinário*, o artista afirma: «às vezes quando achamos que já temos tudo procuramos achar significados em outras coisas.» Foi exatamente o que ele fez ao pegar em obras de alguns pintores conhecidos e construí-las com lixo. Os intervenientes neste projeto descobriram através da arte a sua humanidade. Todo o trabalho desenvolvido provoca reflexões no artista, nos catadores do lixo e nos contempladores das obras de arte que nos fazem questionar a realidade.



Imagem 9: David Matat Obra de Vik Muniz

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

O artista francês JR transformou favelas em álbuns fotográficos utilizando a paisagem urbana, e continua a trabalhar neste sentido noutras cidades do mundo. Ganhou um prémio pelo filme *Woman are heroes*. Em 2008 ficou conhecido por estampar em fotografias de grande formato a cara de uma mulher em mais de 40 fachadas de casas no Morro da Providência no Brasil. As fotos de um imã, um padre e um rabino coladas no muro que divide Jerusalém também contribuíram para o seu sucesso. Este artista colocou fotos em sitios inesperados e transformou-os em verdadeiras obras de arte. Desde 2004 que trabalha no projeto *28 milimeters project* que já o levou para África, para zonas de conflito onde fotografou mulheres e ouviu as suas dolorosas histórias de sofrimento.



Imagem 10: *Olho*, JR

A Orquestra Sinfónica Juvenil Simón Bolívar, na Venezuela, dirigida por Gustavo Dudamel, faz parte de um projeto social, chamado *El Sistema*, que tira crianças da pobreza do bairro onde moram e que se tornam promissoras no mundo da música. A orquestra grava músicas de compositores consagrados como Tchaikovski e Beethoven. Este projeto é uma forma de inclusão social e compreende um conjunto de mais de cem orquestras. O *El Sistema* criou uma rede de formação musical para todos onde muitos jovens se tornam grandes músicos e grandes compositores.



Imagem 11: Orquestra Sinfónica Juvenil Simón Bolívar na Venezuela

Em Portugal, a Orquestra Geração, que surgiu em 2007, tem como fonte de inspiração o projeto da Venezuela e surge com o objetivo de desenvolver orquestras infantis e juvenis em

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

escolas do 1º, 2º e 3º ciclos. Proporciona a abertura do ensino de música e a prática em contexto orquestral a milhares de jovens que dificilmente lhe teriam acesso, de modo que as aulas são gratuitas, incluindo os instrumentos cedidos pelas autarquias e pelos mecenas. Este projeto surgiu de um muito mais alargado, Geração/Oportunidade, que envolve uma parceria com várias entidades e instituições da Amadora e se dirige a uma população mais jovem constituída por imigrantes para combater a exclusão social e o abandono escolar. O projeto Orquestra Geração *«vai muito para além da prática musical e que abre novos horizontes a muitos jovens, muitos deles oriundos de meios mais desfavorecido.»* refere Helena Lima (coordenadora pedagógico-executiva da Orquestra Geração).



Imagem 12: Orquestra Geração em Portugal

O Teatro do Oprimido (TO) foi criado por Augusto Boal nos anos 60 e é uma metodologia de libertação em que as pessoas ensaiam as transformações da vida real. Assim a produção das peças deve ser feita a partir das suas próprias vivências. O TO tem uma ligação direta com a política e com as reações de libertação onde são realizados jogos e exercícios para a desmecanização do corpo. O público deixa de ser o espectador tradicional que assiste ao espetáculo e passa a ser protagonista na história, transformando a ação dramática. Este tipo de teatro surgiu como forma de solucionar problemas e transformar as intervenções dos participantes. O público interage, vive o que está a ser representado e procura melhorar a vida de quem se sente oprimido na história. *«A ideia central é simples: aquilo que existe é apenas uma possibilidade, a realidade deve estar sempre aberta a interrogação e mudança, e por isso, podemos usar a linguagem teatral – a capacidade de nos observarmos em acção – para encenarmos episódios da nossa vida e ensaiarmos finais diferentes para as histórias de opressão (...) O teatro político não é aquele que impinge soluções determinadas por outros, mas o que dá às pessoas o protagonismo de ensaiar e escolher as soluções que fazem sentido para a sua vida»*, afirma José Soeiro (2007). Em Portugal temos o Óprima (*Encontro de Teatro do Oprimido e Activismo*), composto por um conjunto de ativistas entre eles a UMAR (*União de Mulheres Alternativa e Resposta*), a Descalças Cooperativa Cultural, o TOP (*Teatro do Oprimido do Pombal*), os Estudantes por Empréstimo, o Sem-Trilhos, o Ensaio sobre o desemprego e os ValArt.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



Imagem 13: Árvore do Teatro do Oprimido

O teatro pode ser encenado até na prisão, assim o demonstrou a atriz Mónica Calle que levou *Alguns de Nós*, um texto de Tennessee Williams, para ser representado por seis reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, onde a liberdade parece não chegar. «*Não é uma utopia ou uma quimera a arte, o teatro mais especificamente, é realmente transformador*» afirma Mónica Calle²⁴. Desses atores um deles, depois de cumprir pena, já começa a realizar outros trabalhos no teatro. Um palco foi montado na prisão e a peça foi apresentada aos outros reclusos. «*O teatro ajuda-me a comunicar com as pessoas*» dizia Luís Graça condenado a 22 anos de prisão. E ainda diz que nada o impede de se imaginar como ator ou como alguém ligado às artes quando chegar o dia da sua libertação. Para esta encenação também se contou com um coro de 500. «*Sou um jovem como tantos outros que estão lá fora. Talvez se me tivesse dedicado ao teatro, isso me fizesse abstrair do ambiente do bairro... Porque estar ali é meio caminho andado para vir parar aqui*» refere Luís Afonso em entrevista à mesma revista. Amândio Pinheiro, que iniciou este projeto, explica que este projeto «*tenta dar humanidade a homens desprovidos dela, que quer permitir àquelas pessoas terem uma experimentação e uma reflexão sobre o que são, desenvolveram uma individualidade, ganharem um sentido crítico, criarem um gosto, mesmo inseridas num sistema prisional que tende a aniquilar isso tudo.*»

Para Goldbard (2006, p. 142), esta dimensão política da obra de arte comunitária está associada a um processo de emancipação dos grupos sociais envolvidos. Este conceito de arte permite uma maior democratização da arte e é um modo de se reinventarem caminhos individuais e coletivos de modo a construir-se uma justiça social melhor.

A arte como transformação social aborda diversas questões e problemas inseridos em determinados contextos e tem, na maior parte das vezes, como objetivo centralizador a envolvimento da comunidade no processo artístico. A arte está ao serviço de todos aqueles que

²⁴ Teatro na prisão – aceso a 10 de outubro de 2012 - <http://visao.sapo.pt/fotos-teatro-na-prisao=f600191>

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

queiram ser incluídos na sociedade e sintam que desempenham um papel significativo na comunidade. Estes projetos sociais promovem a qualidade de vida e a qualidade da arte em geral numa tentativa de criar possíveis alterações do mundo nos quais as pessoas são convidadas a intervir. Os artistas envolvem-se e procuram debater ideias com quem vive os problemas num diálogo constante. Numa tentativa de resolver ou encontrar respostas para as suas condições sociais, as desigualdades existentes vão sendo atenuadas.

3. A ESCOLA E AS ARTES, UM ESPAÇO DE INTERFACES

Este projeto pretendeu construir um espaço físico escolar onde se partilharam ideias e opiniões e no qual o envolvimento da comunidade educativa foi um privilégio. Após o estudo do que foi a *Imaginação ao poder* no Maio de 68, e como ela se foi sentindo no desenvolvimento de novos espaços escolares, resta agora perceber onde está essa ordem de protesto nos dias de hoje. Para tal foram criadas três ações artísticas em que duas delas permitiram a partilha de experiências e de conhecimentos entre a comunidade escolar, porque é importante refletirmos em conjunto e cruzarmos as nossas vivências.

3.1. Contexto

Diretrizes gerais

As três ações planificadas pretenderam acima de tudo dar resposta às competências essenciais definidas pelo Currículo Nacional do Ensino Básico associadas às práticas da educação artística, bem como ao ajustamento do programa de educação visual. (Ver anexo pág. 92)

Para além das minhas vivências e preocupações, este estudo pretende reunir um conjunto de experiências vividas em contexto de sala de aula e fora dela, com o intuito de consolidar conhecimentos teóricos até então adquiridos durante o primeiro ano de mestrado. Estas práticas tiveram lugar na escola secundária de Estarreja (ESE) onde tive a oportunidade de trabalhar com alunos de 7º e 8º anos.

A cidade

Estarreja pertence ao distrito de Aveiro (beira litoral), localiza-se na sub-região do Baixo Vouga e caracteriza-se pela existência de esteiros e canais da ria em todas as freguesias. Do ponto de vista educacional na cidade, existe o Conselho Municipal de Educação que tem como objetivo promover a coordenação da política educativa, articulando o sistema educativo com os agentes educativos e os parceiros sociais interessados, analisando e acompanhando ações consideradas importantes para a eficácia do mesmo. Com isto, pretende-se coordenar as políticas do sistema educativo com as políticas sociais vigentes, intervir na qualificação e requalificação do parque escolar, fazer uma apreciação dos projetos educativos a desenvolver, adequar as diferentes modalidades de ação social escolar às necessidades locais, desenvolver e organizar atividades de complemento curricular para os jovens, desenvolver o desporto escolar, bem como iniciativas de carácter cultural, artístico e ambiental.

A escola

A ESE foi fundada em 1923 pelo Padre Donaciano da Costa, uma vez que até então os jovens eram obrigados a deslocar-se a Aveiro para estudar no ensino secundário.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Esta escola delineou em 2009 um Projeto Educativo de Escola (PEE) que estará em vigor até 2013. O PEE valoriza o ‘olhar para a diversidade’, como é assim referido nas primeiras páginas do documento, caracterizando o contexto social e geográfico da região em que a escola se insere, atendendo à resolução de problemas detetados e apontando prioridades e metas para a sua superação. Podemos constatar desde logo a existência de uma preocupação em formar cidadãos capazes de se integrarem no mercado de trabalho, pela diversidade formativa oferecida pela escola que contempla o ensino secundário, regular e profissional. O objetivo principal é estar atento à multiplicidade de interesses vocacionais dos jovens e motivá-los para o seu progresso na aprendizagem.

No 3º ciclo, nível no qual foram desenvolvidas as PES, a escola proporciona um percurso Curricular Alternativo e Currículos Específicos Individuais atendendo as dificuldades de aprendizagem, o combate ao insucesso escolar e os interesses dos alunos.

A ESE preocupa-se em estabelecer parcerias com diferentes entidades, promovendo a interação da escola com a comunidade. Estabeleceu assim alguns protocolos como por exemplo com a Universidade de Aveiro, no âmbito da Supervisão Pedagógica.

O Projeto Curricular de Escola (PCE) articula-se com o PEE, que tem grande importância na elaboração do Projeto Curricular de Turma (PCT). Neste documento estão patentes os Serviços Especializados de Apoio Educativo (Serviços de Psicologia e Orientação e a Educação Especial), as atividades de apoio, onde se destaca o Apoio Pedagógico Acrescido, o combate ao abandono escolar, a constituição das turmas, o serviço docente, os técnicos especializados, os desenhos curriculares, a oferta formativa e saídas profissionais.

O Plano Anual de Atividades (PAA) é organizado em articulação com o PEE, pretendendo concretizar as metas e finalidades por ele estabelecidas. Este documento é um planeamento de projetos e atividades que vão ao encontro das necessidades e interesses da comunidade escolar, podendo constituir-se como uma estratégia determinante no progresso das aprendizagens dos alunos. Este plano é apresentado como um «*espaço aberto*», podendo ser alterado ao longo do ano de «*acordo com o parecer do Conselho Pedagógico e posterior aprovação do Conselho Geral*». Cada grupo disciplinar delineia o seu PAA.

Atividades não-letivas

No início das PES foi-nos proposto pelo OC a participação na organização de um ciclo de debates aberto à comunidade escolar: «*Educar para a criatividade*», que nos permitiu «*discutir e apreender estratégias de motivação para o desenvolvimento de métodos criativos que, derivando da prática das artes visuais, possam ser utilizadas em outras áreas de conhecimento.*» Este ciclo decorreu durante o 3º período, correspondente ao 2º semestre da universidade, às quartas-feiras. O primeiro debate foi organizado pelo OC e estagiárias de artes visuais. Para tal convidámos o professor Carlos Fragateiro do departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, que nos falou essencialmente das suas experiências e que nos lançou o

desafio de procurarmos o que nos falta para sermos criativos. Propõe que construamos um laboratório onde se trabalhem várias áreas que interligadas desenvolverão novas soluções para os problemas, porque, para que possamos criar, precisamos de ser inteligentes e ser inteligente é *«interligar duas coisas de forma diferente»*. Refere que os alicerces da nossa formação são o português, para que possamos escrever e concretizar as nossas ideias, a matemática, para desenvolvermos o pensamento rápido e lógico, a música, para sentirmos o mundo, e a educação física, para movimentarmos o corpo, e fazer dessas áreas uma ligação a outras distintas. Mas para isso *«precisamos do ginásio da imaginação porque sem esse treino, sem essa manutenção, não há criatividade que resulte.»* Estas foram algumas das palavras do professor durante a conversa.

As escolas, por norma e pelo que experienciei em Estarreja, convocam reuniões no início do ano com os professores para que se conheçam as turmas. Eu tive a oportunidade de assistir a algumas dessas reuniões e perceber que estas, na sua essência, servem para se perceber as necessidades requeridas pela turma quando existem alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE's) ou quando há alunos que demonstram mais dificuldades em anos anteriores e que precisam de mais apoio durante as aulas. Quando alguma turma tem um aluno NEE's é sempre constituída por menos alunos, 18-20, e a professora das NEE's comparece na reunião para dar a conhecer aos outros professores o perfil do aluno. Prevê-se a mesma situação para os alunos que necessitam de acompanhamento psicológico, embora não tenha assistido a nenhuma reunião em que a psicóloga da escola estivesse presente.

A meio do período letivo são realizadas reuniões para que os professores atribuam uma avaliação intercalar aos alunos. E no final do período, as recorrentes reuniões para a avaliação final, onde se trocam algumas ideias acerca do comportamento da turma de uma forma generalizada ou individualizada, dependendo dos casos.

Nota-se uma preocupação por parte dos professores em incentivar os alunos. Mesmo aqueles que não necessitam, comparecem nas aulas de apoio revelando ter um forte apreço pelos professores e um interesse pelas suas aulas. Verifiquei que muitas notas surgem como um incentivo para o aluno. Por vezes já os conhecem e acreditam que podem ter mais rendimento nas aulas do que o que estão a mostrar na realidade, compreendem que o aluno pode ter problemas pessoais que não o ajudem a desenvolver competências, compreendem que a idade da razão ainda está para vir e que eles vivem acima de tudo as emoções.

Para a concretização de uma das ações, as práticas também me possibilitaram a ida a seminários ao Museu de Serralves onde pude ouvir alguns oradores de várias áreas, desde a psicologia à escultura e estabelecer uma ponte entre a escola, as artes, a educação e o museu.

3.2. Descrição geral

As atividades a serem planificadas e realizadas na disciplina de educação visual tiveram como base alguns conteúdos, objetivos e resultados pretendidos patentes no programa da disciplina: comunicação – Elementos da comunicação visual, códigos da comunicação visual e

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

papel da imagem na comunicação; relação Homem-Espaço – Projetar espaços como a montagem de exposições e organização de zonas de convívio.

Embora tenham sido estes os alicerces para a planificação das atividades, todas elas abrangeram outros conteúdos de forma transversal: representação do espaço, estrutura e forma/função, percepção visual da forma, luz-cor.

As atividades a realizar na escola secundária de Estarreja permitiram uma abordagem da arte como transformação social no âmbito escolar. A partir de tarefas realizadas ao longo das aulas, os alunos desenvolveram duas ações artísticas no polivalente da escola, nas quais toda a comunidade escolar pôde intervir e participar. Uma terceira ação, não participativa, foi realizada em parceria com a fundação de Serralves e o projeto educativo que todos os anos propõem às escolas, na qual os alunos viram o seu trabalho exposto no museu.

A primeira ação decorreu durante uma manhã e tinha como finalidade o preenchimento de uma espécie de mural previamente concebido pelos alunos através da ilustração onde, quem quisesse, poderia colocar as suas mensagens e refilar o que lhe apetecesse. Esta atividade surge pelo facto de haver muitos preconceitos no modo como as pessoas expressam as suas opiniões numa instituição tão normativa como a escola. Ora, os alunos habituados a não fugir às normas, tiveram a possibilidade de dizer o que lhes vai na alma e expressar as suas emoções face aos seus problemas ou ao modo como o dia lhes estava a correr. Assim também o fizeram docentes e não-docentes. E de repente aquele mural já era uma forma de dar a conhecer a toda a comunidade as aspirações da escola. Para vermos este trabalho concretizado precisámos de quatro aulas de 90 minutos que decorreram entre 16 de novembro e dia 16 de dezembro de 2011.

A segunda ação, diretamente ligada ao projeto educativo de Serralves, teve como objetivo a realização de uma maquete de um quarto que foi exposta no museu juntamente com outras maquetes de outras escolas. Nesta atividade, e antes da realização da maquete final para ser enviada a Serralves, os alunos ainda realizaram uma maquete individual do seu quarto que foi exposta no polivalente da escola, não suscitando intervenção do público. Para esta ação trabalhámos durante seis aulas de 90 minutos entre 13 de fevereiro e 23 de março.

A terceira ação, seguindo um pouco o que se tinha realizado no projeto com Serralves, teve como principal finalidade a concretização imaterial de um quarto, ou seja o seu imaginário. Esse imaginário foi exposto à comunidade escolar que era convidada a dar ideias e a imaginar um mundo melhor. Foram dadas quatro aulas de 90 minutos entre 26 de maio e 16 de junho.

Em todas estas intervenções foram pedidas colaborações de docentes e não-docentes que atentamente participaram e se mostraram entusiasmados com o trabalho desenvolvido pelos alunos. A escola mostrou-se receptiva a estas ações pelo facto de serem uma forma de dinamizar o espaço. Os alunos estiveram sempre receptivos a novas ideias, davam sugestões e colaboraram sempre em todas as atividades.

3.3. Objetivos

Este projeto tem como finalidade a aproximação de educação visual com a comunidade escolar, por isso, para além de ter como base alguns objetivos e estratégias do ajustamento do programa da disciplina e das competências essenciais, as atividades desenvolvidas com os alunos foram planificadas tendo em conta o estudo teórico feito acerca da *Imaginação ao poder* e da sua importância hoje na sociedade, bem como a arquitetura escolar diferente do modelo de escola como nós a conhecemos. Aliando tudo isto à arte: uma forma de alertar e revelar consciências, uma forma de darmos a conhecer a nossa visão do mundo, para que os outros pensem e sintam o que os rodeia através de diferentes pontos de vista.

Objetivos tendo em conta as exigências do programa e das competências essenciais:

- Desenvolver o pensamento crítico e o conhecimento plástico-visual.
- Permitir o enriquecimento da experiência visual e a manipulação sensível dos alunos, possibilitando-lhes o contacto com obras de arte despertando o gosto para apreciar e fruir de diferentes contextos visuais.
- Aperfeiçoar a composição plástica e intencionalidade expressiva através de diversos modos de expressão experimentando plasticamente conceitos /temáticas e mobilizando assim os elementos de comunicação visual.

Para estes objetivos foram definidas algumas competências específicas a desenvolver pelos alunos:

- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.
- Descrever acontecimentos aplicando metodologias de desenho.
- Reconhecer a arte como expressão de sentimentos e de conhecimentos.
- Compreender que a forma tem diferentes significados tendo em conta o seu contexto e os sistemas simbólicos a que pertence.
- Capacidade de transformar as suas vivências e sentimentos em imagens sensitivas, expressivas e imaginativas.
- Criar composições a partir de realidades imaginadas utilizando os elementos e meios de expressão visual.

3.4. Preparação para a implementação do estudo

Antes de iniciar o meu estudo, tive a oportunidade de assistir a aulas de 7ºano e 8ºano de diferentes turmas e compreender o quanto a realidade é bem diferente para os alunos dos dois anos.

Nestas aulas, tanto de educação visual como de oficina artes e lecionadas pelo OC, consegui observar os alunos, as suas atitudes, os seus gostos pessoais e as suas necessidades para uma melhor aprendizagem. Fui auxiliando o OC nas aulas e percebendo de que forma poderia implementar e desenvolver o meu estudo.

Em educação visual do 7ºano todas as unidades curriculares se iniciavam com uma apresentação teórica dos conteúdos, seguindo-se a apresentação da proposta de trabalho. As atividades eram sempre contextualizadas e equiparadas a algo que eles conhecessem da vida exterior. Esta era uma forma dos alunos compreenderem o objetivo específico de cada trabalho. O professor deve ser visto como um estímulo para que o aluno não desenvolva constrangimentos e não tenha medo de errar e para tal foram sempre usados esboços. Por parte dos alunos, nota-se algum medo em arriscar pelo uso recorrente da borracha, mostram a ideia de que a educação visual tem uma fórmula como outras disciplinas, mas o erro é importante e o errar faz parte do amadurecimento dos conhecimentos.

Das duas turmas de 7ºano observadas, bastante diferentes, pude compreender o quanto é importante a utilização de diferentes estratégias de aula. Enquanto uma conseguia estar atenta e ouvir a exposição de conteúdos importante para a realização do exercício, a outra mantinha-se desatenta e agitada. Para esta última, o OC interrompia várias vezes a exposição para realizar o exercício pretendido, assim, os alunos, ao mesmo tempo que adquiriam conhecimentos, consolidavam-nos através da prática e mantinham-se atentos e empenhados.



Imagem 15: Trabalho de educação visual do 7ºano - ponto



Imagem 14: Trabalho de educação visual do 7ºano - linha

Em educação visual do 8ºano, o procedimento era igual mas com conteúdos mais aprofundados da disciplina. Os alunos do 8ºano revelam-se mais curiosos fazendo inúmeras questões e mostrando um maior esforço para realizar bem as tarefas com persistência.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

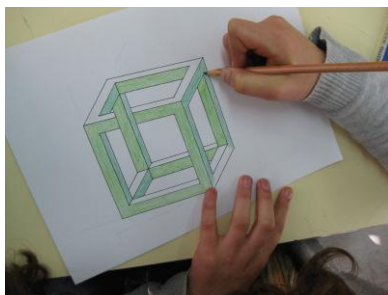


Imagem 16: Trabalho de educação visual do 8ºano - perspectiva

A disciplina de oficina de artes, oferta de escola, pelo facto de ter menos alunos torna-se mais intimista. O professor está mais perto dos alunos e pode conhecê-los melhor. Tanto o 7º e o 8º ano mostram uma disposição diferente para aprender. O currículo é desenhado de forma flexível tendo em conta o que os alunos esperam da disciplina. São aulas mais próximas da humanização permitindo que o aluno desenvolva e fomente maior sensibilidade artística. Existe mais espaço para discussão e comunicação que assentam em temas/problemas concretos.



Imagem 18: Trabalho de oficina de artes do 7ºano - claro-escuro



Imagem 17: Trabalho de oficina de artes do 8ºano – perfil

Antes de iniciar a prática do meu estudo, planifiquei duas aulas de educação visual (7º e 8ºano) sobre a teoria da cor, de forma a ambientar-me ao espaço de interação com os alunos na exposição de conteúdos programáticos. Tentei que, ao longo das duas exposições, os alunos fossem questionadores e interagissem. Notei que o 8ºano é mais recetivo a isso. A construção de conhecimento resulta deste jogo de interações complexas que entendem melhor que o 7ºano (Ver anexo pág. 96)

3.5. Caracterização da amostra

Entende-se por amostra a parte de uma dada população que se objetiva investigar. O número de elementos que fazem parte da amostra designa-se por dimensão ou grandeza. A amostra para este estudo foram 22 alunos do 8ºano de escolaridade, entre os quais 18 raparigas

Escola e Artes, um espaço de interfaces

3.6.Fases e descrição das atividades

- **Reflexão** (desenvolvimento do pensamento e da inteligência)

- **Prática artística** (imaginação e criatividade)

A problemática era introduzida sempre com uma explicação dos conteúdos onde os alunos eram convidados a refletir sobre o assunto. Seguia-se a construção de ideias para se poder materializar o trabalho artístico e consecutivamente a criação. Após a criação, o trabalho era sujeito à avaliação do público que observava, refletia e intervinha sendo a participação de todos essencial para se completar o trabalho desenvolvido pelos alunos em sala de aula.

Em todas elas abriu-se espaço para diálogo e troca de ideias relativamente aos trabalhos que se estava a desenvolver. Os alunos puderam falar sobre os seus trabalhos com os colegas havendo sempre colaboração. Neste sentido, os trabalhos coletivos foram imprescindíveis. Os recursos didáticos eram em grande parte trazidos de casa quando lhes era pedido, embora tivesse sempre a preocupação de levar material. Foi criado um blog com algum material informativo para que os alunos pudessem consultar após as aulas.



3.6.1. Ação 1: Hoje podes refilar

Esta unidade dividiu-se em duas fases. A primeira em contexto de sala de aula e a outra voltada para a comunidade escolar, culminando numa apresentação pública. A primeira fase dividiu-se em quatro aulas e a segunda decorreu durante o último dia de aulas do 1º período. (Ver anexo pág.97)

Conteúdos abordados

Ligados à comunicação visual, os conteúdos dados foram as imagens e as linguagens patentes no programa curricular de educação visual sendo para isso trabalhada a ilustração.

Aliando os elementos principais da comunicação visual referidos no programa, os conceitos fundamentais para a planificação desta unidade surgiram do livro *Design e comunicação visual* de Bruno Munari. A comunicação visual compreende todas as expressões gráficas desde as formas dos caracteres à paginação de um jornal, desde os limites da legibilidade das palavras a todos os meios que facilitam a leitura de um texto. A comunicação visual aprende-se como uma língua. As imagens, assim como as histórias, informam-nos. Nós não pensamos sem uma imagem mental. Quando nos abordam sobre qualquer assunto, o nosso cérebro conduz-nos sempre para um conjunto de imagens para que organizemos o pensamento.

Propõe-se que os alunos sejam capazes de mostrar a sua imaginação em situações criadas ao longo das aulas planificadas. Para ativar a imaginação foram mostradas algumas imagens do Dadaísmo, movimento artístico formado por escritores e artistas plásticos caracterizados por serem irónicos, com algum pessimismo, mas sempre radicais e improvisadores. São apresentados artistas modernistas do início do século XX como Hannah Hoch, Raoul Hausmann, Tristan Tzara, Kurt Schwitters, Richard Hulsenbeck e Johannes Baader, e artistas contemporâneos pertencentes ao final do século XX - inícios do século XXI como Peter Dowker, Julia Izmaylova, Michael Harford, Susana Lakner, Samuel Montalvetti, Eni Ilis, Jayne Maya Chandler e Jennifer Kosharek. (Ver anexo 4 pág.100)

Reflexão

Na primeira aula era fundamental que os alunos compreendessem o que é a comunicação visual e algum do seu conteúdo teórico. Era importante que materializassem uma imagem, ou seja, a criação de um artefacto de linha e de cor com uma expressão própria. Desta forma, pedi aos alunos que criassem composições a partir de realidades imaginadas utilizando os elementos e meios de expressão visual.

Sem uma imposição de conceitos e para perceber o estado dos alunos em relação à temática, pedi-lhes que realizassem uma imagem com uma mensagem perceptível a partir de um círculo - *Todos os dias comunico e uso a imaginação. O que poderei fazer com um círculo? Que objeto desenharia a partir de um círculo? Inventa e comunica.*

No final da apresentação teórica, inverte a situação. Distribui 11 imagens diferentes com balões de banda desenhada onde eles interpretaram as imagens e escreveram o diálogo das

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

personagens (ver anexo 5 pág. 103). Foram distribuídas imagens diferentes mas repetindo-se. Imagens iguais, pessoas diferentes, interpretações diferentes. Cada aluno teve algo diferente para dizer. Este exercício correspondia um pouco àquilo que os Situacionistas faziam, explorando imagens existentes e conhecidas para transmitir as suas mensagens políticas.

Conversa

A ilustração é uma forma de expressão artística que existe para comunicar uma mensagem pré-estabelecida. Para testar os conteúdos expostos na primeira aula, a ilustração pretende ser um exercício para que os alunos transmitam uma mensagem clara e definida. Contudo, e como se tratava de um trabalho dinâmico que se esquivava a sistematizações rígidas, podia-se esperar qualquer coisa. Acima de tudo, quis promover a proteção da emoção e a liberdade criativa bem como a aventura intelectual. Creio que esta unidade contribuiu para um estímulo na arte de pensar formando pessoas ativas e não passivas, potenciando ferramentas de pensamento.

Para esta unidade foram escolhidas sete frases com forte valor reivindicativo e irónico para que os alunos pudessem ilustrar. Uma vez que a turma era constituída por 22 alunos, as frases foram repetidas três vezes e uma delas quatro. As frases dadas foram as seguintes: *Se a iluminação é pública onde está o interruptor?; A sociedade é uma flor carnívora; Uma mulher sem homem é como um peixe sem bicicleta; As paredes têm ouvidos, os teus ouvidos têm paredes; Abre o teu cérebro tantas vezes quanto a braguilha; Parem o mundo eu quero descer; Não é o homem mas sim o mundo que se tornou anormal.*

Nesta aula também lhes foi explicado o sentido do trabalho. Com as ilustrações que iriam desenvolver teriam que criar uma espécie de mural onde toda a gente da escola poderia colocar as suas mensagens de preocupação. Este mural seria colocado no polivalente e teria como finalidade a realização de um evento: ***Hoje podes refilar.***

Prática artística

Esta aula foi reservada para os alunos conceberem a ilustração. A sala foi disposta em U para que eles pudessem interagir e mostrar os trabalhos aos colegas, pedindo-lhes opiniões ou materiais que necessitassem. O facto de estarem em frente uns aos outros facilitou a troca de sugestões e a partilha de conhecimento.

A última aula serviu para que terminassem os trabalhos. A conclusão dos mesmos foi determinante para a organização do evento a decorrer no polivalente da escola no último dia de aulas. O facto de os alunos verem a projecção dos seus trabalhos alargada à comunidade escolar era importante para que entendessem que o esforço feito até então deveria ser reconhecido socialmente. O que tornou este trabalho público foi, não só a contemplação do trabalho pela comunidade, mas a sua intervenção na construção do mesmo.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Ação/comunicação

Criar estas situações na comunidade escolar pretende ser o culminar da produção dos trabalhos dos alunos em sala de aula, colocando todo o pessoal docente/não docente e alunos na posição de agentes interventivos em situações quase imprevisíveis num local de grande afluência na escola. Estas ações contribuíram para uma chamada de atenção para a disciplina de educação visual e para o seu papel como processo de aprendizagem e consciencialização. Porque cada vez mais vemos que o contacto com o sensível e com o real tem vindo a ser substituído pela renúncia à experiência de imaginar e de pensar.

Na criação do mural, as ilustrações foram agrupadas por frases em painéis A0. Cada painel foi composto por três ilustrações diferentes (um deles quatro). Cada painel pôde corresponder às frases que lhes foram pedidas para ilustrar. Ao todo foram desenvolvidos sete painéis que serviram de base para que toda a gente pudesse refilar e colar as suas mensagens. Estas mensagens foram escritas em papéis distribuídos pelos alunos e que continham as mesmas imagens que eles interpretaram na primeira aula.



Imagem 19: Preparação do evento *Hoje podes refilar*

Prepararam-se as imagens onde iriam ser escritas as mensagens e desenvolveu-se um mural onde quem quisesse podia intervir, refilar ou comunicar o que lhes apetecesse conforme o estado de espírito ou a imagem que lhes fosse dada.



Imagem 20: Mural da ação 1: *Hoje podes refilar*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Dois dias antes e com a autorização da direção, foram distribuídos cartazes A4 pela escola como forma de divulgar o evento. Estes cartazes foram de certa forma concebidos pelos alunos. Na última aula da unidade, quando já tinham as ilustrações acabadas foram tiradas fotocópias a alguns trabalhos. Nessas fotocópias foi colado o texto de divulgação.



Imagem 21: Cartaz do evento *Hoje podes refilar*

Esta unidade compreendeu a interpretação de frases metafóricas e portanto possibilitou a exercitação do português ao mesmo tempo que nos fez remeter para os acontecimentos históricos ligados ao Maio de 68.

3.6.2. Ação 2: *Cada gaveta, uma identidade*

Esta unidade, dedicada ao desenvolvimento de uma proposta feita às escolas pelo Museu de Serralves, tinha como finalidade a apresentação de uma maquete de um quarto por turma. 'Quarto: Lugar de abrigo, identidade, evasão' foi o projeto de escolas com Serralves para o ano letivo 2011/2012. Este projeto destinava-se a todos os níveis de ensino entre a pré-escola e o ensino secundário e teve como objetivos: «*Exercitar as capacidades de expressão, diálogo e partilha; Estimular o pensamento crítico e criativo; Incentivar o pensamento complexo, articulando dimensões e escalas múltiplas numa malha de referências e interações dinâmicas cada vez mais complexas Experimentar a criação artística como laboratório de possibilidades de ação e transformação; Incentivar a ação em profunda harmonia com a identidade; Provocar o debate em torno do quarto e da identidade.*» (Ver anexo 6 pág. 109)

Conteúdos abordados

Foram dadas algumas inspirações aos alunos para eles desenvolverem o trabalho, como a apresentação de imagens de quartos criados por artistas como Van Gogh, Tracy Emin, Erwin Wurm. Numa primeira fase, e antes de iniciarem a maquete final, pretendeu-se que explorassem

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

o conceito de quarto de forma individual, ou seja, a criação de uma maquete individual que pudesse representar cada um deles. Deviam explorar a forma e a tridimensionalidade e ao mesmo tempo desenvolverem um trabalho livre, aliando a geometria voltada para a racionalidade e a produção artística voltada para a emotividade.

Sendo assim, a primeira fase deste projeto consistiu na realização de um trabalho de expressão plástica onde os alunos representaram os seus mundos, as suas emoções, os seus imaginários, finalizando-o com uma maquete do seu quarto. Foram dados alguns temas de inspiração: «o real e o sonho; o trabalho e o descanso; o concreto e a imaginação; o fechado e o aberto; o amor e o castigo; os segredos e os medos; o espaço de auto conhecimento; o espaço íntimo ou multifuncional.»

Reflexão

Esta aula foi dedicada exclusivamente a um exercício – Brainstorming. Para este projeto foi necessário criar-se alguma expectativa nos alunos e tentar perceber o que eles pensavam do tema. Educação Visual não é só desenhar, é parte importante na construção de ideias. Por isso, em conjunto, tinham que expor o seu conceito de quarto, quais os aspetos que o constituem: os cheiros, o que dizem as paredes, as texturas, as cores. (ver anexo 8 pág.113)

Conversa

Nos 90 minutos seguintes foi feita uma exposição da temática com o intuito de clarificar a proposta de Serralves - *O Quarto: Lugar de abrigo, identidade e evasão*.

Foram dados alguns exemplos e algumas dicas para os alunos prosseguirem o trabalho. *O que sou, o que penso, o que gosto, o que me identifica*. Foram distribuídas fichas pelos alunos nas quais deveriam responder individualmente: *Qual é a minha relação com o quarto?*, *Onde fica o meu quarto?*, *De que falam as paredes do meu quarto?* (Ver anexo 9 pág.114) Em seguida materializaram as suas respostas desenvolvendo esboços de um quarto – Sketchstorming.

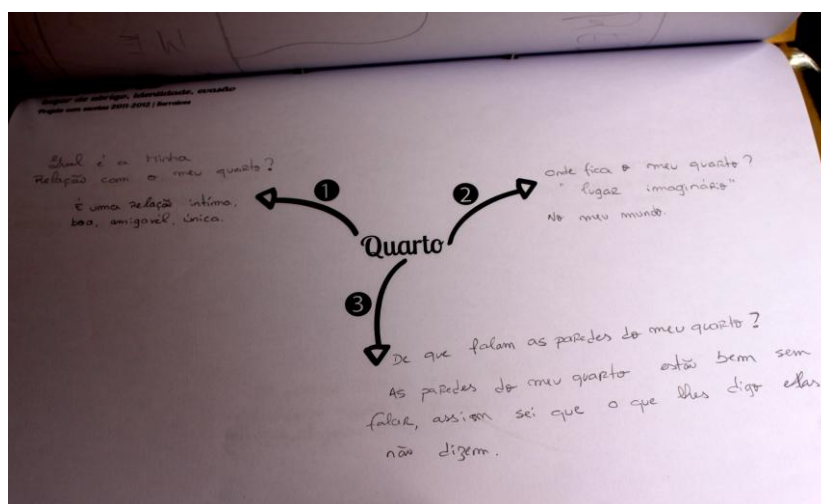


Imagem 22: *Qual é a minha relação com o quarto?*, *Onde fica o meu quarto?*, *De que falam as paredes do meu quarto?*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Esta aula foi utilizada para que os alunos terminassem os esboços que deram lugar às primeiras construções das suas maquetes.

Prática artística

Nesta aula foram distribuídos suportes em cartão, uma base para a elaboração da maquete do quarto individual. Cada aluno deveria ter ideia de como organizar e dispor todos os elementos para a construção do seu quarto. Também foram disponibilizados alguns materiais. Com o que foram idealizando ao longo do processo, os alunos construíram o seu quarto imaginário e a sua identidade.

Continuação da prática artística

Depois de se analisar as maquetes individuais, foram criados grupos para que os alunos partilhassem sugestões e materiais. Cada aluno do grupo pôde desenvolver autonomamente um elemento do quarto, intervindo plasticamente no suporte de cartão dado por Serralves para a realização da maquete a entregar no museu. Cada aluno tinha que criar uma gaveta com a qual se faria representar.

Ação/comunicação

As maquetes individuais foram colocadas no polivalente para exposição e a maquete coletiva foi entregue no museu de Serralves onde permaneceu até Setembro de 2012.

3.6.3. Ação 3: *Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto*

Esta ação foi um seguimento do projeto da maquete do quarto desenvolvido para o museu de Serralves.

Para além de ser um espaço para dormir/estudar/brincar, o quarto é um lugar onde surgem ideias, onde discutimos com o nosso eu, onde queremos mudar o mundo como se fosse o único espaço que temos para intervir e para mudarmos o que está errado na sociedade.

Esta atividade pretendeu dar resposta a um projeto desenvolvido com outra estagiária com a qual os alunos criaram um quarto feito em cartão. Assim, foi-lhes pedido que desenvolvessem o imaginário do quarto igualmente em cartão. Este quarto foi construído no polivalente da escola tornando o trabalho uma atividade partilhada e participativa através da arte do tipo ativista participativa e socialmente envolvida.

O primeiro bloco foi dividido entre uma breve apresentação do projeto e a concretização das primeiras fases fundamentais na realização da intervenção. As restantes aulas foram dedicadas ao desenvolvimento do trabalho.

Para dar início a este projeto tivemos como inspiração um texto do escritor português Gonçalo M. Tavares:

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

«-Falemos de ideias...

- ... ideia que não muda de espaço (...) Não quero que esta ideia percorra o espaço, quero apenas que esta ideia percorra o tempo

(...)

- ... uma ideia por metro quadrado! Eis o lema que se exige a este século.

Mais: eis o que se exige a cada pessoa que habite um espaço: uma ideia por metro quadrado!

(...)

- Comprar um apartamento de cem metros quadrados (...) exigir do seu comprador cem ideias.

- Outra questão: alugar um apartamento versus alugar ideias.

- A questão é: como se aluga uma ideia?»

Gonçalo M. Tavares, in Magazine

(Ver anexo 10 pág. 119)

Como é que ativistas organizam um quarto de ideias? Era a pergunta de partida para a realização desta atividade. (Ver anexo 11 pág. 120)

Conteúdos abordados

Numa tentativa de aliar o tempo, a sociedade e o ser humano, os alunos deveriam construir a imaterialidade do quarto e uma ideia que representasse um momento da história humana, pegar numa obra artística conhecida e dar-lhe um novo sentido.

Escolheu-se *A Guernica* como inspiração, por ser uma marca de um momento histórico, por ser a contestação e revolta incidente em Picasso e por ter sido criada numa altura de grandes viragens sociais. É um exemplo de uma altura em que o homem racional e consumista teve a necessidade de quebrar as regras.

Contudo poderia ser escolhida outra obra porque todas as épocas são fruto de ideias, todas elas se repassam no tempo, o que permanece é o espaço. Imaginemos este quarto como um espaço assim, intacto, onde imagens são criadas e recriadas por homens que vão, que ficam e outros que nascem. Os nossos quartos são as nossas ideias, o que sonhamos, o que imaginamos e sobretudo onde imaginamos um mundo melhor e o que podemos fazer por ele.

Esta aula iniciou-se com uma breve exposição acerca da arte ativista, como se constitui e qual a sua contribuição para a sociedade. Considerou-se necessário fazer-se uma ligação entre a arte, ativismo e a escola para que os alunos compreendessem como estes três conceitos se poderiam ligar. (Ver anexo 12 pág.122)

Reflexão

Foi-lhes explicado que a arte ativista é uma arte partilhada e participativa onde não conta a genialidade do artista mas a transferência da sua obra para as mãos dos não-artistas, ou seja, do público. Informou-se que o espaço onde iriam intervir era o polivalente, pelo que eles seriam os artistas que num projeto coletivo desenhariam uma nova escola em parceria com o resto da comunidade escolar. Criaram-se grupos de trabalho, grupos de artistas ativistas. Nesta aula, os

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

vários grupos interpretaram a obra de Picasso *A Guernica* não tendo qualquer informação sobre a mesma.

Conversa

Como muitos grupos de artistas no início do séc.XX e ativistas surgidos por volta dos anos 70, os alunos em grupo deviam criar um pseudónimo para o grupo e criar um pequeno manifesto com base nas suas interpretações do quarto. Este pseudónimo e manifesto foram trabalhados de forma plástica num cartão 20 x 30 cm e serviram como porta de entrada para os seus quartos imaginários no dia do evento.

Prática artística

Nesta aula os grupos começaram a reinterpretar a obra fazendo esboços à medida que a iam discutindo. A obra foi dividida em diferentes partes distribuídas pelos grupos. Cada grupo teve que desenhar e intervir plasticamente de forma autónoma utilizando os materiais disponíveis. Os vários elementos desenhados em cartão ficaram suspensos no quarto feito em cartão que os alunos desenvolveram com a outra estagiária e assim conceberam o seu quarto imaginário.

Ação/comunicação

Neste momento os alunos terminaram de pintar e explorar os diversos materiais e os grupos mais avançados auxiliaram os que estavam mais atrasados. Esta última aula serviu para os alunos criarem um panfleto a ser distribuído pela escola no dia do evento.

Este panfleto continha a expressão *Por favor incomodar*, de forma a convidar toda a gente ao quarto para escrever as suas ideias. Era interessante que a escola entrasse em desassossego no quarto criado pelos alunos. (Ver anexo 13 pág. 125)

3.7. Resultados das diferentes fases

Em *Hoje podes refilar* quis dar-lhes a oportunidade de resolver propostas, confrontá-los com formas de olhar para a atualidade e promover o debate sem imposição de ideias.

No projeto com Serralves, *Cada gaveta, uma identidade*, desde logo ficou compreendido que era enriquecedor, tanto para os alunos como para a escola, vermos os seus trabalhos expostos na fundação aproveitando a oportunidade que o projeto educativo oferecia para expor e partilhar os seus projetos.

Um quarto, uma ideia. Um quarto, um manifesto, para além de ser um seguimento do projeto com Serralves, é também um seguimento do primeiro trabalho desenvolvido na ação *Hoje*

podes refilar. O público era incentivado a dar ideias sobre qualquer coisa que achasse pertinente para a mudança no mundo. As ideias podiam passar por temas ligados à escola, à sociedade ou à vida pessoal. De outra forma poder-se-á dizer que este evento era uma representação da velha máxima *quero mudar o mundo*. Nota-se que as pessoas estão fartas de refilar, também querem dar ideias. E se já tínhamos incomodado era importante que agora nos incomodassem. Os alunos fizeram com que a comunidade escolar desse sugestões mesmo que impossíveis como um jogo de imaginação, uma lufada de ar fresco para a sociedade *consumida*.

Reflexão

Em ***Hoje podes refilar*** nota-se, na generalidade, que não têm a prática do desenho muito desenvolvida, ou precisariam de mais tempo para desenvolver a proposta. Respeitante ao exercício do círculo, obtive diferentes composições a partir de um único elemento por isso pude perceber as diferentes interpretações do mesmo. Todos espelharam ser diferentes e não precisaram de refletir muito porque a situação proporcionou-se para que abrissem os seus imaginários, apenas precisaram de uma imagem e uma vivência qualquer que só eles entendem. Respeitante às imagens com os balões para preencherem, conseguiram libertar-se do superficial e criar imagens com identidade, reflexos dos seus imaginários, onde puderam aceder a outras verdades, jogando com imagens que constroem, revelando também novas dimensões da realidade. Assim também o demonstraram com o brainstorming de ***Cada gaveta, uma identidade***, procedendo a um processo de reflexão coletiva. O mesmo se passou em ***Um quarto, uma ideia. Um quarto, um manifesto***. Os alunos juntaram-se em grupo como se tratassem de um grupo de artistas ativistas, e interpretaram a ‘Guernica’ de Picasso. Durante a reflexão ouviram-se muitas histórias, muitas opiniões. Uns grupos mais indignados remontaram a obra para os dias de hoje e identificaram-na com muitas situações de opressão do dia-a-dia. Outros mais fantasiosos equipararam as figuras do quadro com mutantes e até mesmo fantasmas. Mas todos chegaram à mesma conclusão, fossem pessoas ou mutantes o quadro transparece medo.

Conversa

Nos projetos dos *refilanços*, as frases atribuídas para a construção do mural suscitaram alguns risos e admirações nos alunos por serem irónicas e metafóricas, o que gerou alguma discussão e conversa entre eles para as compreenderem. Tentaram interpretar e relacionar com alguns dos assuntos que envolvem a atualidade, como a situação política do país.

Já no projeto do quarto nota-se que gostam mais de falar de si e dos seus trabalhos, talvez porque se refletem neles. Essa característica constitui parte importante da libertação dos sentidos porque além de terem a arte como recurso para se expressarem, ainda adquirem o prazer de conversar com os outros sobre isso e sentem ter à vontade para o fazer. *O que sou? O que penso? O que gosto? O que me identifica?*: a arte como revelação e a transformação da realidade, «onde cada pessoa tem o seu lugar» como dizia Rui Chafes num seminário em Serralves, e onde podemos, através dela, criar realidades ficcionais.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

No projeto do quarto como manifesto voltaram às problemáticas atuais revelando ideias interessantes sobre a obra e dando um nome a cada grupo de trabalho. Cada grupo escreveu uma frase e todas as frases formaram um manifesto:

«Os gritos do desespero ecoam na confusão da opressão.

A união da confusão e do medo faz com que o avesso se torne esquisito.

No meio da confusão, onde a criatividade, a fantasia e a imaginação se ligam, também se consegue notar uma ideia assustadora e fantasmagórica.

Com imaginação, fantasia e confusão dos mutantes faz-se o pânico.

E tu queres ser monótono? Igual à sociedade de hoje em dia? Escuta, pensa, liberta-te, expressa-te.»

Seguem-se os nomes dos grupos: **A queda, (Artistas ativistas) Virados do Averso, Vento de ideia, Fantasma –susto, O excluído.**

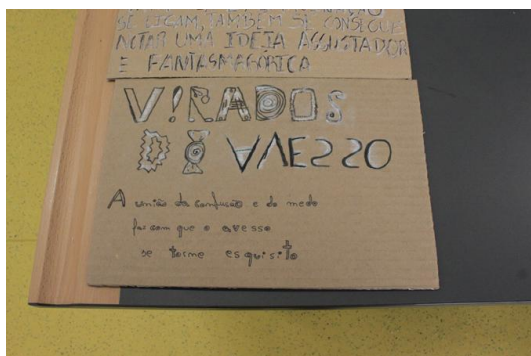


Imagem 23: Frases dos grupos ativistas



Prática artística

Em **Hoje podes refilar**, todas as interpretações das ilustrações dos alunos que se seguem foram obtidas em conversação com os mesmos.

Se a iluminação é pública onde está o interruptor?

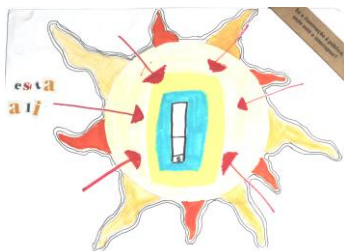


Imagem 25: Ilustração da aluna A



Imagem 24: Ilustração da aluna B

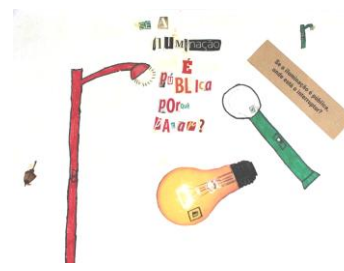


Imagem 26: Ilustração da aluna C

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Na imagem 25, a aluna quis dar a entender que a nossa grande iluminação é o sol e que o podemos apagar quando quisermos. Tentou evidenciar isso com as setas como se «*as pessoas fossem muito burras*», como ela própria disse.

A imagem 26 tem como elemento central uma questão de reflexão interpretada pela aluna.

A imagem 24 remete-nos para a atenção que devemos ter para ver as coisas de forma consciente por isso a utilização dos olhos como elemento repetitivo.

A sociedade é uma flor carnívora



Imagem 27: Ilustração do aluno D



Imagem 29: Ilustração da aluna E



Imagem 28: Ilustração da aluna F

O aluno que elaborou a primeira ilustração da imagem 27 associou a frase aos políticos da atualidade, o que significa que ele circunscreve esta sociedade devoradora de homens a um determinado grupo social - o dos governantes.

Na ilustração ao lado, imagem 28, a aluna utiliza como elemento essencial o cadáver, representativo de uma sociedade morta onde todas as pessoas estão a ser comidas pela flor carnívora.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Na ilustração da imagem 29, a aluna generaliza a sociedade, qualquer um de nós pode ser egocêntrico sendo capaz de fazer qualquer coisa para passar por cima dos outros.

Uma mulher sem homem é como um peixe sem bicicleta



Imagem 30: Ilustração da aluna G



Imagem 31: Ilustração da aluna H

Uma frase proferida por Gloria Steinem, jornalista americana, conhecida pelo seu forte feminismo e defesa das mulheres, principalmente na década de 60.

Na imagem 30, a aluna conjugou vários elementos na interpretação da frase, a mulher é sempre vista como o ser mais forte. Note-se a ironia do quadro da Monalisa com cabeça de homem.

Na imagem 31 podemos ver a subjugação do homem à mulher e o poder das mulheres face à fraqueza do homem.



Imagem 32: Ilustração da aluna I

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Na imagem 32, a mulher surge com características sensíveis transparecendo emocionalidade e charme. No entanto o homem, encontra-se num aquário preso a ser pescado por um peixe. O peixe é colocado no lugar do homem.

As paredes têm ouvidos, os teus ouvidos têm paredes

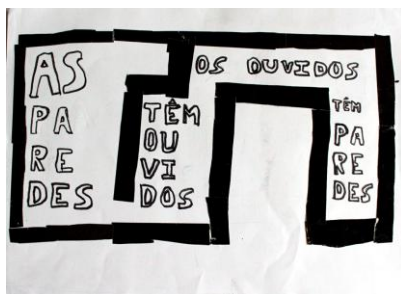


Imagem 33: Ilustração do aluno J



Imagem 34: Ilustração da aluna L

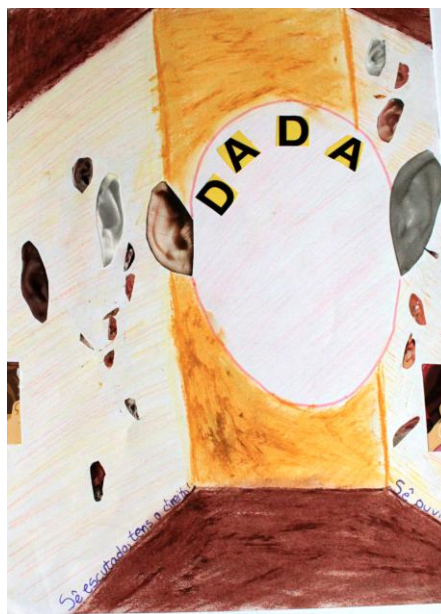


Imagem 35: Ilustração do aluno K

Esta frase ganhou um sentido quase literal podendo ser testemunhada até hoje em castelos medievais, onde muitos deles escondiam aquedutos e aberturas pelas paredes para se poder ouvir o que se dizia nas outras salas.

Na imagem 33, o aluno pretendeu representar um labirinto onde o homem não encontra a saída.

Na imagem 34, a aluna resolveu não representar de forma tão específica os elementos da frase, representando um casal de namorados que está a ouvir atentamente os pensamentos de um macaco, conduzindo-nos para a importância da liberdade de expressão.

A imagem 35, ao lado, não foge à figuração da frase, representando concretamente o que é dito em conjugação com algumas frases importantes para explicar a mensagem.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Abre o teu cérebro tantas vezes quanto a braguilha

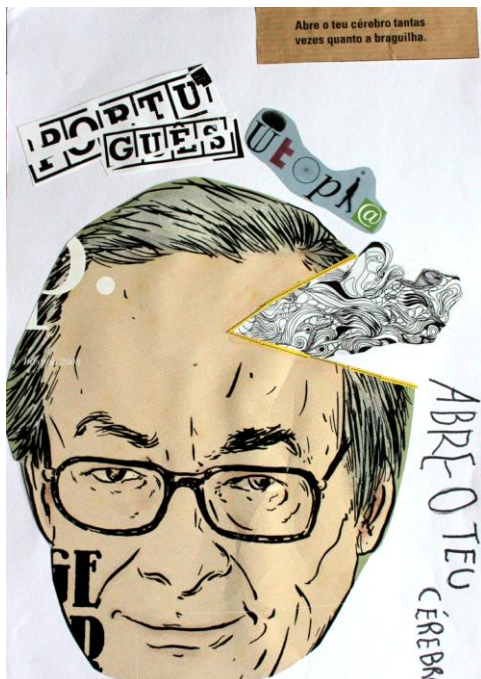


Imagem 36: Ilustração do aluno M

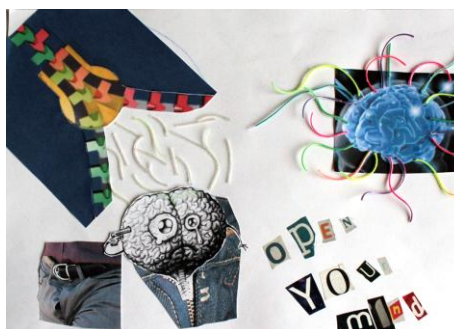


Imagem 37: Ilustração da aluno N



Imagem 38: Ilustração da aluna O

A frase remonta ao Maio de 68 e pretendia ser um grito para aqueles que eram mais conservadores, num momento em que se exigia uma mentalidade mais aberta.

O aluno, na ilustração da imagem 36, decidiu pegar na cabeça de um homem e abri-la, deixando que as ideias se soltassem, utilizou palavras como utopia e português porque as achava «bonitas», como ele próprio disse.

Ao lado, as duas ilustrações representam mais ou menos o mesmo conceito no sentido em que o cérebro é a figura central de todas as imagens. E ainda a frase *open your mind* para ressaltar a ideia.

Parem o mundo eu quero descer



Imagem 40: Ilustração da aluna P

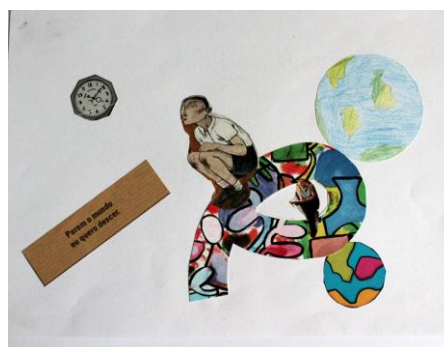


Imagem 39: Ilustração da aluna Q

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

O Homem, farto das injustiças vividas, vê o mundo como um carrossel de onde ele quer sair.

Na imagem 39, o homem que desce do mundo num escorrega e vê o tempo que passa e que desperdiça.

Na imagem 40 podemos ver que a aluna quer transparecer um mundo diferente, com um universo de coisas fantásticas e imaginárias. O homem que segura o mundo com as duas mãos e que o domina.

A juntar a estas ilustrações falta ainda uma que o aluno não chegou a entregar.

Não é o Homem mas sim o mundo que se tornou anormal



Imagem 41: Ilustração da aluna R



Imagem 42: Ilustração do aluno S



Imagem 43: Ilustração da aluna T



Imagem 44: Ilustração da aluna U

Imaginação ao poder em educação visual

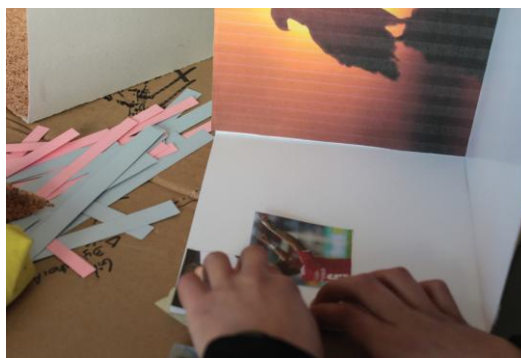
Escola e Artes, um espaço de interfaces

O mundo tornou-se anormal por causa das decisões mal tomadas pelo Homem. As primeiras ilustrações das imagens 41 e 42 pretendem mostrar a mesma coisa. Os alunos associaram a frase a um mundo ao contrário. A imagem 43, conjuga a natureza, o homem e a fantasia. Estes trabalhos foram um ponto de partida para comunicar com a comunidade escolar. A imagem 44 representa um mundo de homens dominado por desenhos animados.

No desenvolvimento da maquete individual em ***Cada gaveta, uma identidade***, os alunos construíram, assim como num texto de Rui Chafes (ver anexo 14 pág. 126), a sua ideia de quarto e refletiram sobre ela escrevendo e desenvolvendo um trabalho plástico. A meu ver, este trabalho plástico resultou num conjunto de significados dados às suas personalidades e à forma como se vêem.



Imagem 41: Elaboração das maquetes individuais dos quartos para a Ação 2 *cada gaveta, uma identidade*



É esta liberdade identitária que é preciso preservar, porque se os desafiarmos eles vão ser capazes de se mostrar, é a idade em que pensam mais neles e nas suas atitudes, precisando de as refletir de alguma forma. A arte na educação constitui esse desafio e tem-se mostrado como o veículo mais eficaz para se compreender os alunos. Alguns, percebe-se que tentam esconder-se. Mas mesmo esses conseguem transparecer a sua forma de ser e estar através destes trabalhos. Rapidamente se nota na postura como encaram os exercícios e como os resolvem. E quase de uma forma subtil revelam-se sem medo. *Como representar um quarto que é a forma mais próxima do meu imaginário?* Esta reflexão foi alargada aos alunos para que apurassem o seu sentido crítico e emocional, para que conseguissem espelhar na arte as suas perceções e sensações. Assim é determinada a ideia que o ser humano constrói sobre o mundo, proveniente de um conjunto de imagens e sentimentos advindos da realidade vivida, revivida e imaginada. (Ver mais trabalhos anexo 15 pág.128)

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

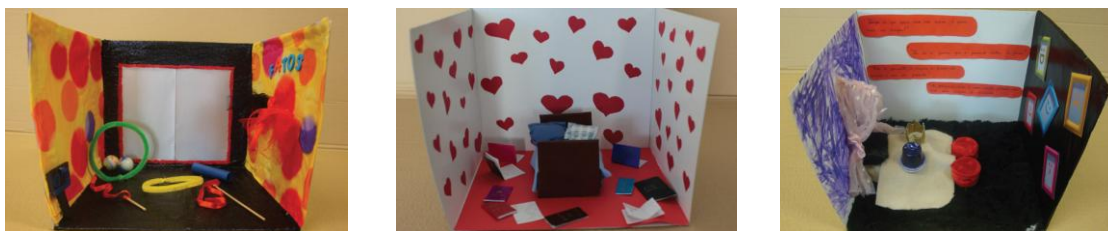


Imagem 42: Maquetes individuais dos quartos

Na segunda parte da proposta foi-lhes dado um tema mais específico com base no resultado dos trabalhos individuais. Cada um pôde fazer-se representar por um gaveta e ir buscar o que tinha mais gostado de fazer na maquete anterior. O conjunto de gavetas formou a maquete coletiva. Era importante que a turma desenvolvesse a sua própria identidade numa revelação conjunta e que permitisse perceber que juntos conseguem criar um imaginário coletivo que se estendesse ao público do museu. Cada gaveta é a representação de cada um, todas as gavetas são a representação de uma turma e cada interpretação foi parte do trabalho desenvolvido por eles. *O que é que estes alunos querem dizer com isto?* Deveria ser essa a pergunta do espectador, que, animado, tentaria perceber o que está para além das características estilísticas que eles criaram para se dar a conhecer.

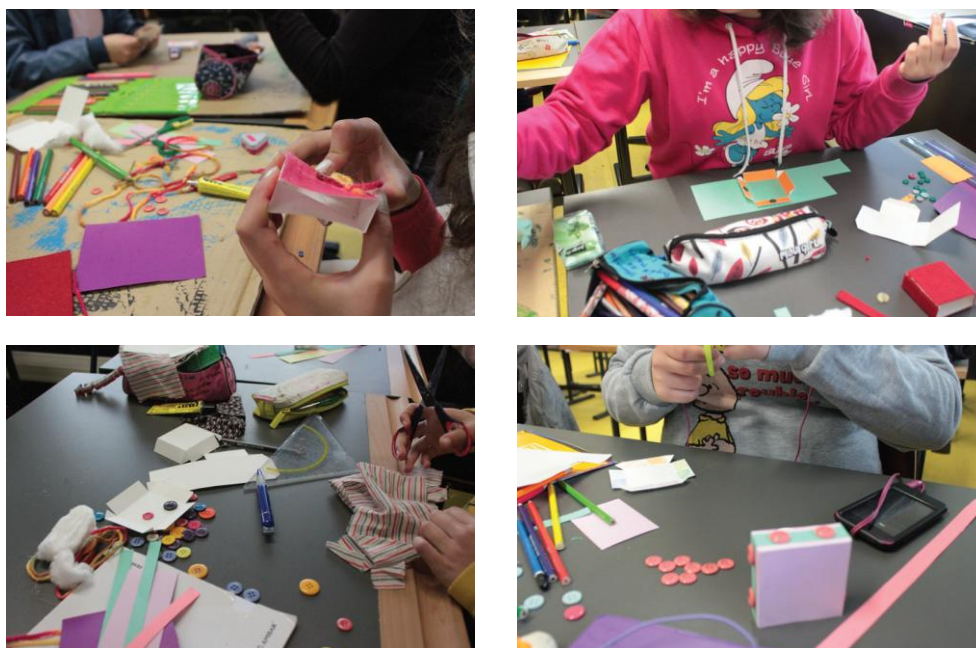


Imagem 43: Preparação da maquete coletiva *Cada gaveta, uma identidade* a entregar no Museu Serralves

Com estes exemplos e estes trabalhos em grupo, pude constatar que em educação visual é possível fazer da arte uma ação coletiva, trabalhar na criação artística com os alunos, envolvê-los nos problemas, pedir que reflitam e colaborem no desenho de uma obra conjunta. Por isso resolvi avançar com mais um projeto, o desenvolvimento de um quarto imaginário e um quarto

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

como forma de manifesto. A arte, como vimos, pode ser intemporal, e faz parte de um momento da história e de um movimento artístico. Assim, a obra de Picasso, em ***Um quarto, um ideia. Um quarto, um manifesto*** destacou-se das mãos dos alunos com uma nova interpretação que depois de criada foi aliada a outro projeto, um quarto feito de cartão. Um quarto onde os móveis e o imaginário se unem e que retrata os dias de hoje. São ideias do passado de Picasso e as ideias do presente a propor que toda a escola contribua com ideias para o futuro.



Imagem 44: Reinterpretação do quadro *A Guernica* de Pablo Picasso para ação 3: *Um quarto, uma ideia. Um quarto, um manifesto*

O conceito de arte de museu mudou. Hoje encontramos uma arte mais próxima de todos, ela reintegra-se no espaço e torna-se parte de um coletivo que vai desde os artistas à equipa de montagem, até ao espectador (veja-se o exemplo de Vik Muniz). Todos se ligam por uma realidade criada pelo artista. Mais do que uma cópia do real, é o desenvolvimento de um momento ficcionado e é através desse momento de formação estética que percebemos a realidade como ela existe. No fundo, o acessório concedido à obra de arte pelo aluno é o que nos vai despertar as sensações e a imaginação. A nossa consciência fará o favor de associar cenas passadas, vividas e lembradas para assim construirmos a nossa própria imagem do que é o real, darmos um novo sentido à obra que o artista propôs aos nossos olhos.



Imagem 45: Reinterpretação plástica do quadro

Ação/comunicação

Na primeira ação, os alunos da turma foram sempre recetivos a novos desafios, principalmente no dia do evento. Sempre houve comunicação entre eles, que eram, por assim dizer, o intermediário entre mim e o resto da escola. Tentei travar sempre a conversa com os alunos, tanto os da turma como os que participavam. Este evento constituiu parte fundamental do meu trabalho na escola uma vez que me fez conhecer quais os murmúrios que a constroem. Tanto tive a percepção e apreciação dos alunos da turma que estavam em contacto com os outros, como pude intervir e dirigir-me às pessoas explicando-lhes o sentido do projeto. Houve também alguma adesão por parte do pessoal docente e não docente e um interesse por parte dos mesmos para verem o que estava a ser dito naqueles painéis. As reações ao projeto foram várias. Muitos alunos, ao princípio, mostravam-se reticentes em relação ao *refilançaço*. Penso que isso possa ser uma atitude mais do que natural, num sítio onde eles estão habituados a ter algum controlo na forma como se expressam, sentindo-se portanto um pouco reprimidos, com medo de serem punidos e angustiados pelo temor de sanções, no entanto, era-lhes explicado que para os alunos da turma era importante que toda a gente participasse e que para eles seria um momento de abertura emocional.

Ainda assim, ao serem distribuídas as primeiras imagens, alguns alunos da turma sentiram-se um pouco insultados pelo facto dos colegas não estarem a colaborar com eles. Começaram a fazer aviões com os papéis e a escrever palavras insultuosas. Esta atitude era previsível, porque, tal como uma aluna me disse, «*as pessoas não gostam de ser incomodadas quando estão a jogar às cartas*». É uma situação normal. Por isso mostraram a sua indignação mesmo face ao evento, pois de facto estávamos a incomodar toda a gente. Há quem veja isso como algo positivo e esteja recetivo a novas experiências na escola, mas também há quem não esteja minimamente interessado porque possivelmente ninguém lhes mostrou que estas iniciativas podem ser uma aventura divertida. É tempo de os deixar aprender sozinhos. Portanto, creio que estes *refilançaços* dos *refilançaços* são próprios. E assim os aviões foram colocados nos painéis na mesma e foi-lhes dada a devida importância. Em conversa com a turma, e por respeito aos seus trabalhos, pois eles próprios estavam indignados, resolvemos cortar as palavras insultuosas para que as pessoas percebessem que deviam refletir e dar o seu melhor para uma educação construtiva.



Imagem 46: Mensagens *Hoje podes refilar* - Intervenção da escola

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

A partir daí, e como tudo se sabe de palavra em palavra, o evento começou a ter mais pessoas a intervir e os alunos perceberam que deviam explicar melhor o que aquele projeto significava. Alguns alunos da turma, de certa forma mais desinibidos, deram uma grande importância ao facto de poderem conhecer mais gente na escola. Por isso posso verificar que a comunicação não foi só realizada visualmente, a comunicação verbal foi do mesmo modo importante. Ao estarmos a conversar com alguém sobre o que fizemos, estamos a pensar sobre isso e sobre a sua importância.



Imagem 47: Mensagens *Hoje Podes Refilar* - Intervenção da escola

Os *refilanços* atravessaram diversos temas: as condições da nova escola, as aulas e os professores, os namorados, as redes sociais, a ironia e a revolta face ao poder político, os problemas da cidade, os ordenados, os feriados, a música e as amizades.

Esta ação vai ao encontro do que os Situacionistas realizavam com a pilhagem criativa. Durante os acontecimentos do Maio de 68, a Internacional Situacionista usava-se de filmes, obras de arte e outro material gráfico para criar as suas próprias bandas desenhadas, nas quais sempre adotaram um estilo irónico. Também nós roubámos algumas imagens e usámo-las para que as pessoas refletissem, refilassem qualquer coisa e enfrentassem uma situação diferente em contexto escolar. Recebemos 443 mensagens.

Penso que esta atividade de final de período também contribuiu um pouco para que toda a gente se divertisse e se animasse. Nunca se desenvolveu tantos programas de entretenimento e ao mesmo tempo nunca se viu pessoas tão deprimidas. Creio que uma pessoa é rica do ponto de vista psicológico se valorizar pequenas coisas que possam ocorrer de diferente no seu dia-a-dia e os alunos puderam valorizar-se, valorizando ao mesmo tempo os seus trabalhos e a sua capacidade de mobilizar a escola. Nada é mais mobilizador que o pensamento, e a escola deve ser detentora dessa máxima.

O ser humano só goza da sua liberdade quando se desperta para a realidade. A arte na educação é ver com lucidez, é ver com espanto e participar da surpresa. Quando alunos renunciam à participação livre de um evento que os deixa exprimir as suas inquietações, como

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

aconteceu com alguns deles, é porque não tiveram a oportunidade desde cedo de se emocionar. Isto clarifica a afirmação de De Koninck (2003) quando diz que «*separar o ser humano dos seus sentimentos impede-o de ser ele mesmo*». Os alunos sentem-se oprimidos pela forma como os tratam, tanto em casa como na escola, e dificilmente conseguem ser transparentes e espontâneos.

Este evento permitiu ver com clareza o imaginário da escola na sua globalidade, o lugar invisível cuja essência é determinante para procurarmos resolver alguns problemas que invadem o espaço educativo e para levarmos as medidas políticas educativas, profundamente burocráticas, o melhor que conseguirmos, tanto pela defesa de qualidade da aprendizagem, como pelos alunos e pelo seu contexto social.

Esta ação foi essencialmente a voz dos alunos que tinham como mensagem: *Hoje podes refilar* e a voz do resto da comunidade que tinha como mensagem: *Ouçam-nos!* Face aos problemas que hoje vivemos, a escuta é de facto insubstituível. Esta cidade e a escola precisam de lugares de verdadeira conversação.

Os Situacionistas recusavam-se a uma arte fechada apenas nos seus propósitos estilísticos e formais. Assim os alunos saíram da arte fechada na sala de aula e trouxeram a arte para os outros, uma arte que se adapta ao contexto, uma arte que corrompe o ambiente passivo e neutro e que é mais que expositiva, é uma arte de transformação.



Imagem 48: Evento *Hoje podes refilar*



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Em ***Cada gaveta, uma identidade***, os quartos individuais foram expostos no polivalente onde, tanto docentes como não docentes e colegas, puderam discutir cada quarto fazendo interpretações dos alunos e conhecendo mais aprofundadamente os seus segredos. A atividade artística e o íntimo interligados num conjunto de interpretações um pouco genuínas e de certa forma sinceras, como se os próprios alunos comunicassem de uma forma visual *olhem para mim, eu estou aqui*.



Imagem 49: Exposição dos quartos individuais no polivalente

E assim se espera que os alunos desenvolvam competências, mais próximos da liberdade imaginativa do que da alienação do currículo na redução das suas capacidades. É preciso, na escola, atribuir alguma função à arte e que ela não se cinja ao ideal de beleza meramente contemplativo. Neste sentido, a realização de uma maquete para expor num museu de arte contemporânea exigia que houvesse uma preocupação com o imaginário do espectador, pois assim, o espectador poderá perceber e sentir sem abrir as diversas gavetas e fazer parte de um momento de subjetividade e interpretação.

Não posso esquecer que este projeto me fez descobrir o modo como os alunos vivem, quais os seus gostos e de que forma os conseguem representar através da arte. Os quartos individuais expressaram e delinearam a maneira de estar do aluno e o quarto coletivo pôde conter em cada gaveta um pouco de cada um. Considero este exercício muito importante, pelo facto de podermos traçar o perfil do aluno, obviamente sem criar juízos de valor, pois é um exercício que pode conter tanto deles e tanta informação que facilmente se consegue compreender o que pensam, o que querem e o que os alegra através da arte.



Imagem 50: Maquete coletiva *Cada gaveta uma identidade*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Em ***Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, uma identidade***, os alunos propuseram ao público a entrada nos seus quartos, não se deixaram intimidar, não utilizaram um cartão de entrada com *não incomodar*, pretenderam que os incomodassem e se intrometessem livremente nos seus mundos, para que juntos, com arte e ação, se figure um novo mundo onde a criatividade é o ponto de partida para deixarmos de discutir e acionarmos esta era planetária ainda tão presa a ideologias e teorias, a conceitos objetivos e certezas expressas em fórmulas.

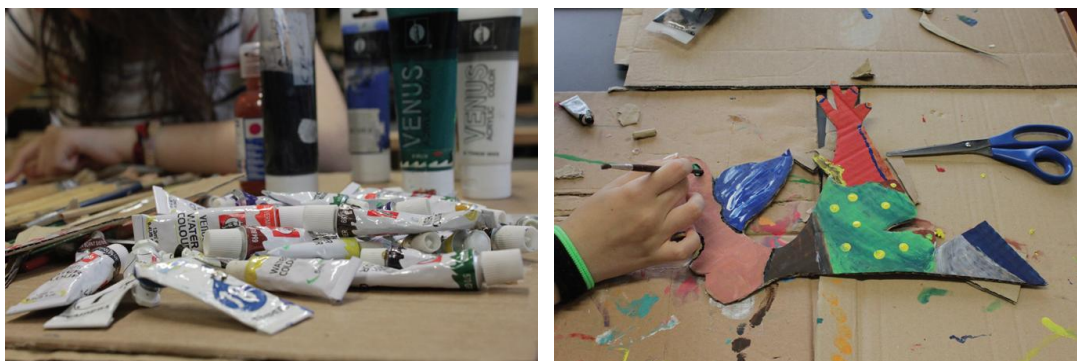


Imagem 51: Trabalho de aula ***Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto***

Elaborou-se um cartaz de divulgação da exposição/intervenção. Os cartazes foram elaborados com base nos cartões dos manifestos criados pelos alunos em sala de aula.

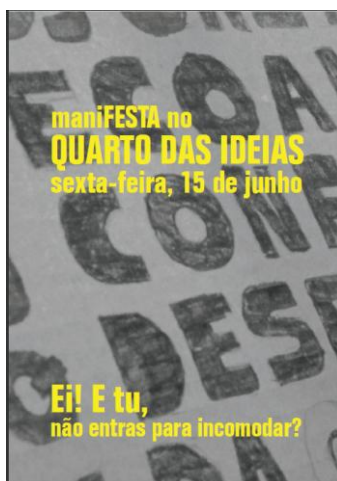


Imagem 52: Cartaz do evento ***Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto***

Este evento foi um passo em frente dado pela escola, um salto depois dos *refilanços*. A arte faz-nos questionar tudo por isso é tão subjetiva e humana, tão próxima da imaginação.

Outros quartos foram realizados com mais três turmas mas para este estudo achou-se pertinente, e por limitações no tempo, confinar o estudo a uma turma embora as imagens que se seguem mostrem os quartos dos outros alunos.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



Imagem 53: Trabalho de aula *Cada quarto, uma ideia. Cada quarto, um manifesto*

Esta ação não se realizou no espaço amplo do polivalente como na ação ***Hoje podes refilar*** mas numa sala do polivalente. Pelo facto de estar mais escondida, nota-se que não houve tantos participantes como na primeira ação.

Os vários alunos das três turmas participaram no dia do evento distribuindo, pelos que passavam, os papéis para as ideias. Quem quisesse escrever podia ir lá colocá-las, entrar no

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

quarto e ver o trabalho realizado pelos alunos. À entrada, no chão, estavam colocados os manifestos acerca da obra sendo uma inspiração para quem quisesse participar. Todos se mostraram entusiasmados pelas figuras suspensas e recriadas com tanta cor e que animaram o espaço branco da escola.

Freire (1974) refere que a escola «*é uma casa onde os estudantes são convidados a assumir uma atitude passiva, com vista a receberem a transferência de conhecimentos existentes sem refletir na verdadeira possibilidade da criação destes conhecimentos! (...) Em vez da transferência dos conhecimentos existentes, é necessário convidar a consciência a assumir a atitude ativa sem a qual é impossível criar conhecimentos.*» A partir do momento em que os alunos são capazes de expandir o pensamento crítico em sala de aula desenvolvendo uma atitude crítica sobre determinada obra de arte, recriando-a plasticamente, representando uma época e expondo-a aos outros, a escola passa a ser o lugar de criação de conhecimentos. Os alunos geram o conhecimento e partilham-no incentivando os intervenientes a fazer o mesmo. Há uma comunicação incitada em sala de aula que se alarga a todos os alunos, docentes e não docentes, onde ideias são refletidas e questionadas percorrendo o tempo mas não o espaço. Assim se cria o quarto de uma escola.

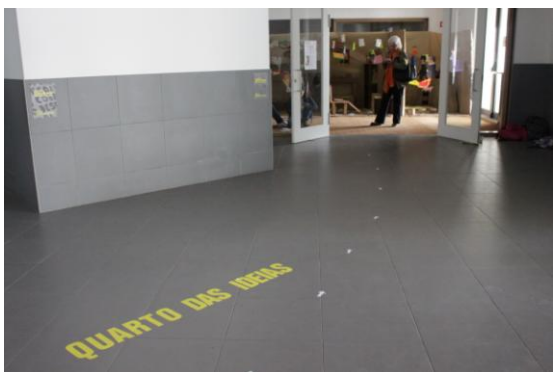
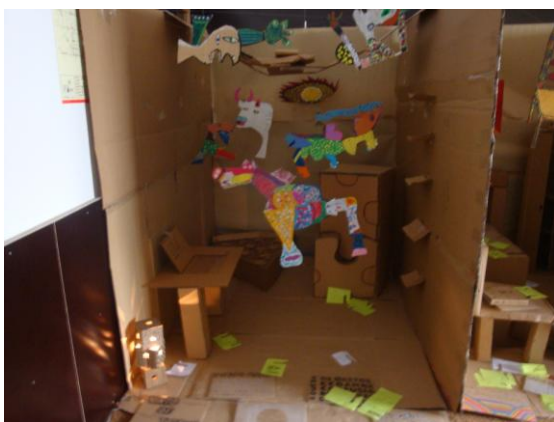


Imagem 54: Quarto das ideias



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



4. ESCOLA E ARTES, UM ESPAÇO DE INTERFACES – AVALIAÇÃO

4.1. Método

«Investigação-acção é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma acção ou com a resolução de um problema colectivo e no qual os investigadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.» (Michel Thiollent, 2005)

A escola é um espaço social onde ocorrem grandes mudanças e por isso é importante que os intervenientes educativos tenham vontade de dialogar, agir e refletir. Para esta investigação foi organizado um conjunto de objetivos e pressupostos teóricos que me levaram a desenvolver uma série de atividades educativas relacionadas com a educação visual e as artes de uma forma geral.

O desejo de mudança foi um pressuposto fundamental na construção deste projeto de investigação em educação e que culminou numa melhoria da ação artística na escola, embora este espaço de intervenção viva da subjetividade, o que provoca algumas dificuldades na objetivação de alguns resultados obtidos.

Recorrendo ao modelo de Kemmis, que considerava Lewin como o pai da investigação-acção, procurou-se dividir a investigação em duas vertentes que se cruzam e completam: organizativa (planificação e observação); estratégica (ação e reflexão).

Este processo permitiu o desenvolvimento de um plano de ação com base na informação crítica recolhida; a aplicação do plano; a observação da ação decorrente; e a reflexão dos resultados obtidos.

A investigação-acção tem como objetivo a realização de um projeto de intervenção adequado ao contexto que vai ser aplicado. O professor, para além de investigador, é interveniente na medida em que tenciona procurar respostas para o seu plano de intervenção, para tal, o estudo presente serve-se de métodos qualitativos e quantitativos, porque um complementa o outro.

O método qualitativo é utilizado com vista à criação de ideias, opiniões e conceitos sobre a sociedade atual, procurando entender padrões e comprovar modelos e teorias. De uma forma geral, os métodos qualitativos tendem a levar a investigação a procedimentos interpretativos, tal como acontece neste estudo.

O método quantitativo é utilizado para apresentar dados a partir de conceitos do quotidiano e neste caso serviu para compreender a realidade objetiva.

Questões de investigação

Como se faz sentir a Imaginação ao poder hoje na escola?

Como fazer emergir o imaginário dos alunos através da arte?

Que estratégias utilizar em educação visual para que a escola seja um espaço de interfaces?

4.2. Instrumentos

Para o desenvolvimento de uma investigação-ação é imprescindível que se reúnam formas eficazes o suficiente para recolher a informação desejada tendo em conta os objetivos definidos para o projeto e o quadro teórico.

Neste caso, optou-se por utilizar técnicas baseadas na observação. Pude observar e presenciar o plano de ação aplicado (observação participante), obter informações a partir das interpretação das imagens da primeira ação através da banda desenhada, desenvolver técnicas baseadas na conversação através da realização de um conjunto de perguntas abertas (questionários), analisar os dados obtidos fora do contexto de sala de aula com os *refilanchos* e as *ideias* da comunidade escolar e utilizar meios áudio-visuais através do registo fotográfico.

Para efeitos de análise de dados considerou-se pertinente recorrer ao material obtido durante as duas intervenções: ***Hoje podes refilar*** e ***Um quarto, uma ideia. Um quarto, um manifesto***. Este estudo foi preparado para que toda a escola interviesse, por isso também pude recolher uma série de informações dos intervenientes, que foram deixando as suas mensagens em resposta ao que era pedido pelos alunos nas suas ações. Considera-se estes instrumentos fundamentais para completar o estudo não só para compreender objetivamente quais os temas mais falados na escola, mas porque esta informação é o resultado da integração da comunidade escolar no trabalho dos alunos e das ações decorridas fora da sala de aula, sendo também o reflexo da comunicação através da arte e a procura por meios de transformação social através da prática artística.

4.3. Análise de dados

Para uma revisão dos momentos de aula foram feitos registos fotográficos que, confrontados com as observações, resultaram num melhor acompanhamento dos alunos.

Todos os exercícios resolvidos também foram importantes para tirar conclusões, e perceber as dificuldades sentidas. O questionário foi esclarecedor porque o que não mostraram na prática puderam fazê-lo através da escrita.

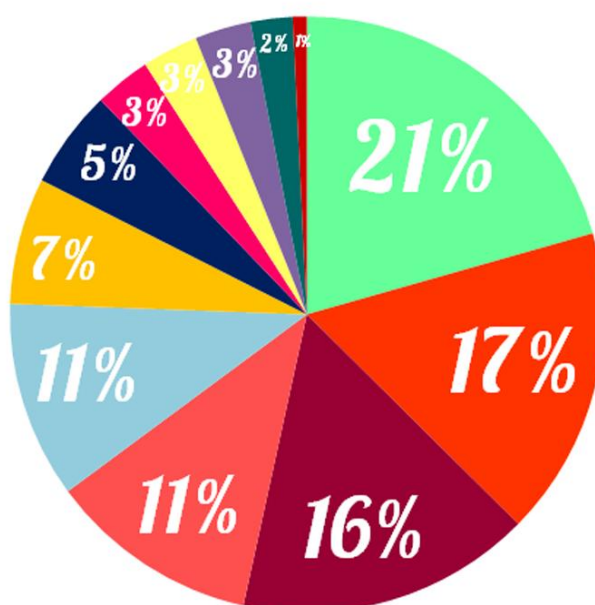
Quanto à colaboração da comunidade nas intervenções artísticas pude perceber quais os problemas com que a escola mais se preocupa. Resolveu-se perceber quais os temas que a escola fala mais.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

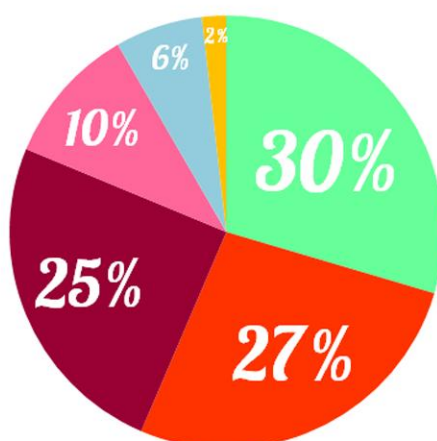
Recebemos 131 *refilanços* sobre a escola. E dentro deste tema falam maioritariamente sobre o espaço. Sobre o significado de escola recebemos 27. Foram recebidos 21 *refilanços* sobre as aulas, seguidamente falam sobre os professores (15) e as férias (14), as notas (9) e a cantina (7). No final da tabela estão os alunos (4), os funcionários (4), a segurança (4), o bufete (3) e os trabalhos para casa (1).

Significado de escola	Espaço	Aulas	Professores
Férias	Notas	Cantina	Alunos
Funcionários	Segurança	Bufete	TPC's



Relativamente a outros *refilanços*, os intervenientes aproveitam para deixar mensagens para alguém (119), outros assuntos muito diversos (110), seguindo-se a sociedade/política (46), expressam-se através de smiles (29). Obtemos 8 mensagens rasgadas.

Escola	Relações/Mensagens	Outros	Sociedade/Política	Smiles	Mensagens rasgadas
--------	--------------------	--------	--------------------	--------	--------------------

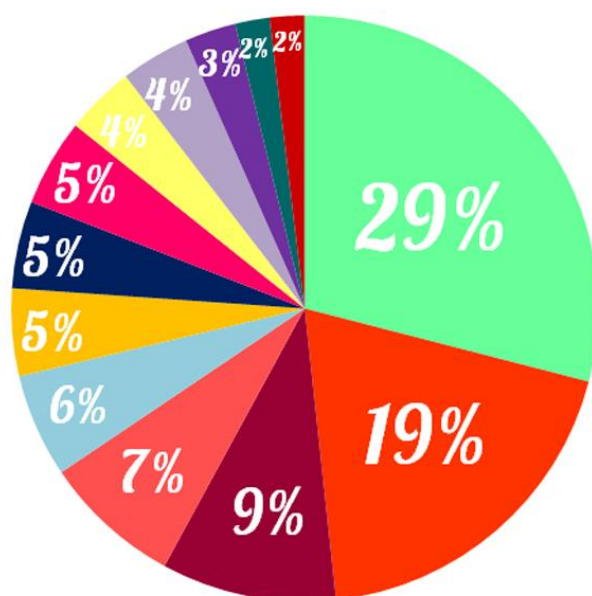


Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

No topo das ideias está a poluição (30). Grande parte dos intervenientes acredita que para mudar o mundo é preciso que se mudem hábitos ambientais. Seguidamente fala-se da fomentação de alguns sentimentos (20), tais como a compreensão, a gentileza, o amor, o respeito, o humanismo, a solidariedade, a alegria, a tolerância, a felicidade, a verdade e a amizade. Em terceiro lugar assuntos diversos (10). Posteriormente o mundo de uma forma generalizada (8), pessoas (6), e com o mesmo número (5) a política, a escola e as drogas. Seguidamente a guerra (4) e ajudar as pessoas (4). Com os números mais baixos do gráfico, emprego (3), dinheiro (2) e música (2).

Poluição Sentimentos Outros Mundo Pessoas Escola Política
Drogas Guerra Ajudar Emprego Dinheiro Música



t

nos durante
a a resolver
todas as atividades que pudessem ter. nestes momentos pode perceber que a educação visual ainda é tida como uma disciplina para passar o tempo e que não é tão importante quanto as outras, porque só os que têm jeito é que conseguem resolver os exercícios. De uma forma geral, os alunos desmotivam-se.

Trabalhar numa escola significa lidar com gente de todas as idades e com todas as diferenças, significa compreender como as relações se cruzam. O evento Hoje podes refilar abriu portas para um entendimento generalizado de como vai a escola hoje em dia e como a *imaginação ao poder* é sentida.

Quando, na ação *Hoje podes refilar*, falam do espaço, referem-se a melhores condições na escola mesmo depois de esta ter sido renovada: «Falta de luz natural», «Melhores condições no polivalente», «Esta escola não tem árvores e é só betão. É só alcatrão e as mesas e os bancos nem sequer são em madeira», «Os corredores deviam ter mais janelas para dar iluminação. A escola tá muito tapada!!», «Esta escola está muito mal construída», «Quero uma mesa de

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

matrecos no poli», «A escola devia ter música no polivalente! Alegrava os intervalos», «o bloco C está muito frio!! Não há condições...», «Não gosto do facto da escola ser muito fria», «A escola devia ter enfermaria», «Queremos festas das listas».

Relativamente às aulas: *«Menos aulas», «Finalmente acabaram as aulas», «As obras atrapalharam as aulas», «As aulas não devia ser um seca», «Quero usar o telemóvel na sala de aula», «Menos carga horária e mais respeito», «Não quero estar sozinha nas aulas de história! Vou morrer de tédio!», «As aulas são uma seca, principalmente a de inglês», «90 min de intervalo e 15/10 min de aulas», «Mais visitas de estudo», «Já estou farto disto. Queremos ser nós a escolher as nossas disciplinas», «Devíamos ter aulas ao ar-livre».*

Quanto aos professores: *«Eu odeio quando os stôres têm alunos preferidos!», «Há professores que falam com ar superior para os funcionários. Somos todos iguais!», «Despeçam alguns professores. Todos concordo», «Odeio a minha professora de português», «Os profs não levam chaves para as salas!», «Os stores devem ter a cabeça grande porque não entendo o que dizem!», «Queremos mais stores como o de física».*

Em relação às férias: *«Nós queremos férias», «Não queremos aulas nas férias!», «ESE nunca mais chega as férias», «Estou de férias! Já não tenho de aturar a professora de matemática», «As férias deviam ser maiores».*

Quanto às notas: *«Vou ter 6 negas yeah!», «Quero uma prof de geo que me dê melhor nota», «Olá ativistas! Eu quero muitos 5 nas pautas», «Dêem-me positiva », «Quero um 4!», «É só injustiças nas notas», «Eu tenho uma média para fazer».*

Relativamente à cantina: *«O comer da cantina está a perder qualidade», «A funcionária da cantina, que nomeadamente serve a comida, está sempre de mau humor e trata mal os alunos», «A cantina havia de abrir mais cedo, pois assim saíamos das aulas e iam logo comer», «Na cantina não dão a mesma quantidade de comida e todos pagamos o mesmo», «A comida tem de ter maior dose», «Podia haver mais sobremesas e menos peixe!».*

Em relação aos alunos: *«Parem de calar a voz aos alunos», «Acho mal os alunos serem suspensos uma série de dias, pois isso é o que eles querem: “Não vir à escola”...».*

Face aos funcionários: *«Queremos mais funcionários na escola!!!», «Desejo ter mais ‘calor’ no meu sector, apanho muita corrente de ar...», «Para quê uma escola tão grande que se tem tão poucos funcionários! Não teria sido melhor renovar o que estava?»*

Relativamente à segurança: *«Espero que exista mais segurança nesta escola», «É lamentável o problema gravíssimo que sucedeu nesta escola com um aluno que foi violentamente agredido e está no hospital», «Está a existir muita agressividade».*

Em relação ao bufete: *«a escola devia ter mais gomas», «O bar é pequeno demais para tanto cliente», «A fila do bufete é só uma. Não duas uma para professores e alunos».*

Relativamente aos trabalhos para casa: *«Fora os trabalhos de casa».*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Depois de falar da escola, a comunidade escolar fala de relações humanas: «Gosto muito de ti Amanda», «Tou farto de ti», «És um pão», «Devia haver mais rapazes bonitos na escola», «Love the life you live; Live the life you love; «Ai se eu pudesse matar alguém!!», «Eu não sou ignorante», «Gosto muito de vocês», «Vamos excluir o ramos», «Já não existe amigos verdadeiros», «Não há amizade, não há conforto», «Temos todas a consciência traquila. A tua é que deve pesar!», «Aproveitem a vida e não percam tempo», «Porque é que o Diogo é tão gato?», «Já tou farto de te ouvir», «As gajas são melhores que os gajos», «Quero falar alto!», «Pejos excluído», «Um dia serei algo que nunca foste», «És o meu cavalete», «Queres vir a Frankfurt comigo?», «Vocês riem-se por nós sermos diferentes, e nós rimo-nos de vocês por serem todos iguais», «Se te zangares eu conto até 2012 para não fiques infeliz».

Surgem outras preocupações: «Vais de vela como os desempregados!», «Não cabe no balão as injustiças existentes», «Tirar os feriados sim mas as pontes não, se não caio ao rio», «Please! Learn how to appreciate the silence», «Um papel em branco, tanto para dizer. Não me digas nada, não venhas com poesia, que isto é só fachada», «Não gosto que me acordem aos berros e a abrir logo as persianas», «Quando vir alguém a vender ar, já vi de tudo», «Os feriados são retirados. Cara de melancia», «O cego é aquele que não quer ver a realidade», «Ai se eu te pego! Já foste Cândida!», «Dá um beijinho ao bebé senão voa-te a saia», «A vida deu-me com os pés ao contrário», «Estou indignado com as vindimas», «Não faço mais a barba, não corto mais o cabelo senão a Miquelina dá-me cabo do pêlo», «Querida vai trabalhar que logo há festa», «Os caminhos estão todos partidos. Eu sei, venha ver o caminho da minha avó».

Relativamente à sociedade/política: «Insisto na união», «Estou contra o acordo ortográfico», «E a crise chegou a Portugal, fujam enquanto podem, fujam», «Ainda bem que sou velha. Bolas, já não vou ter uma boa reforma», «Palavras não me chegam, quero atitudes», «A crise chega a tudo (sonhar ainda é de graça)», «Odeio falsidade e maldade. Refilo contra os valores da nossa sociedade», «Não haver trabalho para os jovens», «Os governos sempre a calar os pobres», «Quando eu tiver 20 anos vocês vão ver o que acontece à crise», «Quero um aumento de salário! Estou cheia de ganhar só para comer. Quero um emprego não um trabalho», «Sabiam que Portugal se ia afundar dai terem comprado os submarinos», «Amanhã vamos ficar ricos. És como a stora de matemática que promete e nunca cumpre», «A crise chega a todos mas sonhar ainda é de graça», «Dada a conjuntura económica em que o país se encontra, estou contra o dinheiro gasto em luzes de natal na Madeira». (Ver mais refilanços anexo 16 pág.131)

As atividades do quarto permitiram emergir o imaginário dos alunos. Relativamente ao questionário sobre o quarto, e quando lhes pergunto qual a relação que têm com ele, respondem: «É uma relação íntima, boa e amigável», «É onde encontro sossego à minha volta (refúgio)», «O quarto é o meu melhor amigo onde posso sonhar, voar, pensar sem parar...», «A minha relação com o meu quarto é de lealdade, nenhum outro lugar o substitui.»

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Quando lhes pergunto onde fica o quarto deles: «*O meu quarto fica num mundo sem maldade e falsidade*», «*Eu gostava que estivesse no céu e não num canto sem sentido*», «*Na cintura de asteróides de Kwiper no nosso sistema ao solar*», «*Num lugar cheio de borboletas*», «*O meu quarto fica num mundo de legos*», «*Jardim, no país das maravilhas e da música*», «*O meu quarto fica nos meus sonhos*».

Quando lhes pergunto o que dizem as paredes dos seus quartos: «*As paredes do meu quarto estão bem sem falar, assim sei que o que lhes digo, elas não dizem*», «*As minhas paredes contam, não a fantasia mas a realidade, a alegria e o passado, ouvem a alegria e choram por o meu coração. Elas falam para mim e só eu as oiço. Elas falam do passado e do futuro, elas falam do coração.*», «*As paredes do meu quarto falam sobre astronomia*», «*Falam sobre a liberdade, sobre o azul do céu*», «*As paredes falam de futebol e para parar de chutar contra elas. Falam de problemas que eu tenho pois lá estou sozinho*», «*As paredes do meu quarto dão-me ideias, felicidade, originalidade, opiniões e sobretudo muuuito carinho!!! O meu quarto fala-me para me acalmar, não chorar e ter o máximo de carinho com ele*», «*Dizem que sou estranho num bom sentido*», «*As paredes do meu quarto falam de memórias, histórias e momentos*», «*De música e de sonhos*», «*Contam histórias de lugares longe onde a paz e a imaginação reina, onde cada um mostra o seu verdadeiro ser*». (Ver mais ideias anexo 17 pág. 149)

Depois de perceber o que fervilha nos seus imaginários através dos seus quartos, quis perceber o imaginário da escola secundária de Estarreja e como seria se fosse um quarto coletivo de ideias. Quanto às ideias que foram dadas, a diminuição da poluição sobrepõe-se a qualquer outra resolução para um mundo melhor: «*Não poluir*», «*Poluir menos*», «*Eu gosto muito do ambiente não podemos polui-lo*», «*Andar menos vezes de carro para não poluir a natureza*», «*Reciclar, reutilizar, reduzir*», «*Poluir é um ato de maldade*», «*O mundo ficava melhor sem poluição*».

A escola também fala muito de sentimentos. Se se fomentasse alguns deles o mundo seria melhor: «*Sorrir!*», «*Ser mais gentil com toda a gente e não maltratar os seres humanos*», «*Haver mais amizade*», «*Verdade*», «*Alegria*», «*Respeitar todos apesar das suas diferenças*», «*Não haver tanta discriminação*», «*Compreensão entre todos*», «*Um quarto cheio de amor!*», «*Rir muito, sonhar muito, ser feliz!*», «*Don't worry be happy!*»

Seguidamente ideias diversas: «*Acabar com a corrupção*», «*Nunca se desiste...Seguir sempre em frente e ver longe*», «*Viver cada dia como se fosse o último*», «*Trabalhar o corpo e a mente*», «*Procurar ser melhor todos os dias*», «*Pensar no sim comum*», «*Põe poesia em tudo o que fazes e diverte-te!*».

Quanto ao mundo na generalidade: «*Deixar de haver gente parva no mundo*», «*Que Salreu seja a capital do mundo*», «*Se cada pessoa respeitasse a ideia dos outros, o mundo seria mais equilibrado e justo*», «*“Deixa o mundo sempre melhor do que o que encontraste” B.P.*».

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Relativamente às pessoas: *«Fazer mais fabrícias», «Gosto muito da Joana, ela tem que viver para o mundo ser bom!», «Abraçar a pessoa que está ao nosso lado», «Para o mundo ser melhor... Devia haver mais pessoas como a Ana», «O Gonçalo Melo é bué fofo e eu gosto muito dele! ☺ Ele melhora o meu mundo!!»*

Quanto às drogas: *«Fumar erva todos os dias», «Menos fumadores».*

Quanto à política: *«Matar a troika».*

Quanto à escola: *«Não haver aulas», «Responsabilizar os alunos para que desempenhem o seu papel».*

Quanto à guerra: *«Que as bombas nucleares nunca mais sejam fabricadas e as que o mundo tem que enviem para o espaço».*

Quanto a ajudar: *«Ajudar quem mais precisa. Nunca abandones ninguém».*

Quanto ao emprego: *«Ser empreendedor».*

Quanto à música: *«Haver menos música pimba e mais Rock e Metal», «Ressuscitar o Jimmy Sullivan».* (Ver anexo 18 pág. 154))

Através da realização de um questionário no final das PES pude retirar algumas ideias importantes sobre a minha prática, as atividades que realizei na escola e os conceitos que lhes fui transmitindo. Este questionário foi dirigido aos alunos que puderam refletir no final todo o trabalho que desenvolveram.

Quando lhes pergunto o que é a imaginação dizem que é *«dizer tudo o que vai na mente e nos sonhos», «criar um mundo controlado pelo pensamento», «universo interior e divertido baseado na nossa mente», «uma forma de vivermos o impossível».*

Para se ser imaginativo dizem que precisam *«de sonhar e de pensar que não há limites, nem barreiras», «de ter sossego e boa disposição», «ler», «pensar», «ser um pouco criança», «de ter espontaneidade».*

Para eles ser artista é *«ser várias personagens», «é pegar na imaginação e coloca-la à vista de todos», «é sabermos o que queremos sem ter dúvidas, criar sem pensar», «é sermos nós próprios», «se eu fosse artista criaria uma monalisa com massas».*

Quando os questiono face à intervenção pública dizem que é importante *«para descontrair e incentivar as pessoas a sonhar», «para as outras pessoas criarem também», «para as pessoas se distraírem da crise e do trabalho», «para chamar a atenção das pessoas para os problemas», «porque preciso personalizar o espaço que habito», «para descobrir o interior da mente dos outros», «para podermos conviver e conhecer melhor as pessoas», «para não vermos sempre da mesma forma».*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Quando os coloco no papel de artistas e lhes pergunto que problema social representariam e como, dizem: *«os direitos dos animais (ou a falta deles)», «a xenofobia, apenas utilizava tinta branca e preta», «a solidão com pinturas e desenhos», «o aquecimento global, o mundo a explodir», «pobreza. Não sei como representaria, seria espontânea», «confusão. Porque muitas vezes os artistas costumam representar o seu estado de espírito», «Crise. Pôr toda a gente à porrada por causa das promoções.»*

Quando lhes pergunto qual foi a ação que gostaram mais, as respostas variam mas a maioria diz que gostou da ação do quarto *«por causa de pintar com as mãos», «porque foi mais pessoal», «porque foi mais divertido».*

Marcuse (1969) afirma, relativamente aos acontecimentos vividos pelo Maio de 68 em França, que *«os estudantes reintegram o imaginário na realidade. O imaginário é sobretudo o único terreno em que a liberdade do homem sempre foi completa, onde nada conseguiu reprimi-la.»*

Talvez precisemos mais dela, e não de fórmulas que não deixam espaço para a criação e para a subjetividade. Estes momentos viveram essencialmente dessa subjetividade.

4.5. Dificuldades

Uma das dificuldades sentidas ao longo de todo o processo foi essencialmente a escassez de tempo para poder realizar as atividades com os alunos. O tempo é uma limitação por exemplo na motivação dos mesmos, porque os exercícios têm que ser resolvidos rapidamente para cumprir determinadas metas estipuladas, não só pelo programa proposto da disciplina de educação visual, mas porque as outras disciplinas também exigem bastante dos alunos para cumprirem outras tarefas.

Relativamente às ações, o facto de não vermos uma participação maior por parte da comunidade escolar também dificulta estas atividades que vivem essencialmente da intervenção. Houve um grande número de recusas que, por não estarem familiarizados com os intervenientes, também não se sentiam à vontade para fazê-lo.

Nota-se, de uma forma geral, que os que não participam encaram este desafio de pensar o quotidiano como se estivessem a discutir política e as pessoas não gostam de discutir política porque não são incentivadas a isso. E a política aliada à arte ainda fomenta maior estranheza. O ser diferente provoca algum acanhamento nas pessoas que não estão acostumadas a ver para além do que vêem todos os dias.

Este tema implica o maior cuidado na recolha de dados e informações pois é um estudo bastante subjetivo e interpretativo.

4.6. Conclusões

O trabalho do quarto com Serralves contribuiu para a construção do 'eu' de modo a que o aluno pudesse ser autónomo e crítico. Refletiram sobre os seus gostos, os seus hábitos e os seus sentimentos espelhando-se na maquete de um quarto imaginário e ao mesmo tempo real, reflexo das suas identidades. É o lugar íntimo e amigável, o refúgio, o espaço sossegado e mágico onde estudam, dormem, choram, recordam e têm ideias. É o lugar onde estão sozinhos com eles mesmos, que lhes dá proteção, onde não existe maldade e onde até vêm borboletas e doces com momentos de música, legos, tecnologia e futebol. É um livro de histórias e contos de fadas fantásticos, o companheiro dos desabafos, das emoções e da vida. Assim se poderá traçar o perfil do imaginário de uma turma, através dos seus quartos.

Os eventos, tanto *Hoje podes refilar* como *Um quarto, uma ideia. Um quarto, um manifesto* revelaram que a escola, apesar de imutável segundo normas políticas, está em constante mudança. E apesar dos temas falados serem parecidos com os mesmos de há 50 anos, notam-se algumas preocupações novas.

Representar estes trabalhos através da ação pretende dar resposta ao que Sartre dizia, que para os estudantes só a ação conta. Mas estas ações, reflexões, *refilanços* e ideias não chegam. Ficou a vontade de levar o que foi dito para a prática, principalmente no quarto de ideias. Ir mais longe e continuarmos este exercício de imaginar e criar para sermos capazes de inovar constantemente mesmo fora da sala de aula. Viver, por exemplo, outros lugares como o museu, chamar a atenção de todos no polivalente com o intuito último de partilhar ideias e de estar em colisão com outras vivências, assim como as residências artísticas. Para, ao mesmo tempo, sabermos partilhar e inspirarmos os outros.

Os eventos e mesmo a exposição das maquetes individuais dos quartos e da maquete final no museu proporcionaram o sentir e o agir de que fala Rui Horta, vemos e confrontamos a obra artística e sentimo-la para que possamos ter o desejo de agir e resolver aquilo que nos está a pôr em questão.

As ideias permitiram voltarmos à referência dos loucos por Steve Jobs. Se queremos atingir o impossível para alcançar outros lugares, precisamos de ser loucos o suficiente para querermos o mundo como o imaginamos. São os alunos os navegadores nessas aventuras. Apenas precisam de desenvolver técnicas e realizar projetos para, através do pensamento, afinar a imaginação e a criatividade. É desta forma que se materializam ideias, ainda que de uma forma simbólica, fazê-las acontecer para que não passem de utopias. E quando essas se esgotarem, voltar a sonhar com a utopia. Fazer experiências e correr riscos, esperar qualquer coisa dos resultados da criatividade e não temer repetir o mesmo processo.

Criar situações em que as pessoas se sintam o centro das preocupações para sermos indivíduos mais voltados para o *eros* de que nos fala Freud, porque o homem é dominado constantemente ao longo do dia, desde que começa a sua vida na escola até que vai trabalhar. A função do homem como ser mecanizado já não tem lugar no séc. XXI, que precisa de gente

sensível e criadora. Para isso penso ser importante criar mais situações que provoquem a alegria num quotidiano diferente. Neste sentido o conceito *crelazer* é significativo. Estas ações ganham vida através da criação e do lazer que provocam, avivando a comunidade para situações experimentais que possibilitam a transformação do comportamento habitual da escola. Os situacionistas construíam estes momentos para que as pessoas valorizassem o ócio e a redução do tempo de trabalho. Hoje constatamos que se necessita das mesmas coisas ou os alunos não falavam tanto em férias e festas das listas no polivalente da escola.

A onda da esquerda nos anos 60 reivindicava problemas como os direitos das mulheres, a libertação sexual, a igualdade, entre outros. A pedagogia da libertação tratou de defender esses temas. No séc. XXI já fomos ultrapassando alguns desses problemas, outros continuam por resolver. Isso comprova-se essencialmente nas ideias que foram dadas, o problema da poluição e o apelo a alguns sentimentos considerados importantes para a mudança do mundo, como a amizade, o amor, o respeito, a gentileza, a alegria. O facto de haver tantas ideias um pouco abstratas e vagas não significa que elas não possam resolver parte dos problemas expostos nos *refilanços*. Como Marcuse refere, se não virmos um pouco de real na impossibilidade também não existimos, vamos sobrevivendo. Daí a importância de sermos Situacionistas, vivermos do diálogo e da interação, vivermos a situação.

Talvez estejamos a assistir a um novo mal-estar estudantil como em 68. Daí ser importante compreender-se os interesses da comunidade escolar. Falam do frio que sentem na escola, da falta de condições mesmo a escola sendo nova, das injustiças das notas e das refeições da cantina. Ainda hoje se reivindicam disciplinas escolhidas por eles e também se criam algumas frases como se tratassem de uma espécie de slogans. Slogans que possivelmente serão os de tantos outros jovens. Insistem na união, pedem que se aproveite a vida enquanto se pode, dizem que não cabem no balão as injustiças a que vamos assistindo.

A arte é um meio propício para comunicarmos e criarmos essas situações que alteram as condições opressivas em que o homem se encontra. Por isso foram utilizadas imagens em *Hoje podes refilar* com BD's dadas durante o evento. No quarto com manifesto recriou-se com a *Guernica* de Picasso. Assim pudemos aceder a outras verdades, libertarmo-nos da imagem existente e criarmos uma nova, noutro contexto.

Dessas verdades falou-se principalmente do espaço da escola porque o ambiente é frio. Assim o demonstraram os situacionistas face ao urbanismo da sua época. O lugar é amplo mas o espaço de socialização não existe. Estas ações tentam criar esse ambientes comunicantes. A arquitetura fria não deixa que a comunidade escolar sonhe, a arquitetura deveria modelar a realidade e os sentidos de toda a escola para um espaço mais pacífico e íntegro. Daí os situacionistas procurarem construir bairros que correspondessem aos sentimentos do homem.

Estas ações também responderam um pouco à prática ligada à psicogeografia, incentivando à interação contínua entre a escola. O ambiente de ambas foi acolhedor, apresentado-se como um lugar democrático capaz de procurar entender quais as necessidades que passam por uma escola do séc. XXI. Será que esta escola não grita por mudança assim como a *New Left*? Será que estamos perante uma nova onda de gente que quer sentir as coisas de

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

maneira diferente do habitual? Nos *refilanços* e ideias recolhidos apercebo-me de que se fala essencialmente de hábitos que aprisionam.

Todas as mensagens deixadas são fruto da liberdade dada à escola para refilar e para sonhar. Representam diferenças, relações e opiniões divergentes e convergentes promovendo uma escola inter e multicultural e combinando reflexões e estados de espírito. As ideias e os *refilanços* mostram-nos a depressão, o desânimo e a desmotivação sentida pela escola, pelo país, pelas pessoas. O homem continua a viver em conformidade com o estabelecido, destruindo as suas capacidades e motivações. Sonhar com hábitos diferentes pode ser imaginar como John Lennon e recordar o discurso de Martin Luther King, ou ainda pensar no Woodstock dos hippies e pôr música nos intervalos para dar mais vida à escola. Neste sentido, a multidimensionalidade da arte é um privilégio para estas ações pois trata várias áreas da humanidade para chegar ao maior número de tendências e comportamentos.

Todos estes momentos são reveladores de imaginação através da arte de modo a romper com as normas estabelecidas. A arte e o ensino combinam-se por uma mudança de paradigma na educação e as ações artísticas permitem mover o corpo, enriquecer o pensamento e estar em contacto com problemas reais. Estas ações procuram abrir a cena para uma nova sensibilidade que possa reestruturar a sociedade. E a imaginação é o ato de organizar o mundo segundo as necessidades dos homens e das mulheres, neste caso segundo os desejos de uma escola, onde tudo começa, desejos que vão para além das regras, do politicamente correto ou do que é utopia ou não. Os eventos foram interventivos neste sentido, de pôr tudo em questão e não separar o que é imaginação do que é real, como uma forma de protesto e de luta por melhores condições de vida. A escola é este lugar aberto ao imaginário coletivo procurando um estabelecimento de ensino diferente associado à ficção e ao sonho: *«Rir muito, sonhar muito e ser feliz.»*

Com estas atividades, tentou-se recriar uma espécie de pedagogia crítica onde os alunos foram críticos face ao que lhes é dito tendo sempre em conta a escola, o seu contexto e os seus valores. Todos os intervenientes agiram de forma a mudar a realidade que os envolve. É a procura pelo parque de diversões proposto por Vaneigem, porque contar números em fila sem permitir que a imaginação flua é confinar os alunos à escola mecanizada. Mas a escola ainda consegue ter humor interpretando as imagens que lhes foram dadas para refilar: *«Ai se eu te pego! Já foste Cândida»*, *«Dá cá um beijinho ao pai senão voa-te a saia!»*.

O facto destes exercícios não poderem ir mais longe e não serem contínuos tem a ver com a insistente preocupação das escolas com as planificações das atividades e pelo excesso de burocracia que lhe é adjacente. A criatividade passa para segundo plano no desespero pelo cumprimento de regras e tarefas que todos os agentes educativos têm que ver cumpridas. O pensamento fica enclausurado, mas estas ações procuram mobilizá-lo. Para além de que procuram construir, na medida do possível, um espaço escolar voltado para o encontro entre as pessoas permitindo-lhes dar voz dentro da escola: *«Parem de calar a voz dos alunos»*.

Não foram criadas assembleias como nas escolas democráticas mas penso que foram criadas situações artísticas democráticas, portanto participativas e autónomas que permitiram juntar alunos de todas as idades do 7º ao 12º ano, passando pelo ensino profissional e abrangendo os demais colaboradores da escola entre docentes e não docentes. Estas ações também permitiram quebrar a ponte que existe entre o papel do professor e do aluno, muitas das vezes imperceptíveis aos olhos de um e de outro. O professor visto como aquele que avalia e obriga o aluno a estudar, podemos ver isso em alguns dos *refilanços*. Estes refilanços e ideias podiam ser o ponto de partida para os guias orientadores de que nos fala Morin (2003) pelo facto de introduzirem a vida na escola e a escola na vida.

Também podemos dizer que estas ações não foram o espaço de cafeteria que descreve Wagensberg (2007), mas consolidaram um espaço de estímulo através da arte concretizada pelos alunos, despontaram conversas acerca dos temas que eram propostos e sugeridos e ativaram a compreensão na interiorização dos objetivos da arte como transformação de consciência. Estas ações puderam mobilizar politicamente a escola porque as pessoas, mesmo sem se aperceberem, puderam fazer política, fazendo do espectador um artista. Quem estava por fora do contexto não esperava uma intervenção destas na escola principalmente quando uma das finalidades é refilar, e assim vê-se confrontado com um cenário diferente e que não está à espera. Estas situações proporcionaram a que todos falassem do que sentem e do que querem quando muitas vezes não se tem oportunidade para o fazer, é uma forma de libertação de vivências pessoais. Assim como o teatro do oprimido, não se espera que sejam dadas soluções mas que se procurem formas de solucionar algo.

Não saímos com problemas resolvidos mas envolvemos muita gente através da arte na procura por novos caminhos. Penso que os dois eventos interventivos deram a oportunidade das pessoas construirem as suas próprias mudanças, ou pelo menos de pensar sobre elas, com vista na criação de um mundo diferente e não utópico, eles foram o reflexo do que se passa hoje nas redes sociais, por isso é tão importante vermos a escola como um espaço de interface, onde sentimos o outro e pensamos coletivamente por um paradigma social novo. A arte como transformação social ganha fôlego quando aborda problemas e questões do contexto em que se insere, este foi o nosso debate com a arte e a escola, a sociedade e o mundo e deve ser um debate continuado e constante.

As três atividades pretenderam, acima de tudo, preservar os anseios da escola e buscar um modo diferente de ver a realidade de uma forma forma lúdica, livre e imaginada. As três ações foram uma tentativa de reestruturar a auto-estima dos alunos e da restante escola porque todos puderam construir um momento onde falaram das suas necessidades, anseios e desejos. A fórmula tem que ser substituída porque a objetividade condiciona-nos. A objetividade para ser objetividade teve que passar pela subjetividade e até a ciência para ser ciência teve que passar pelo instinto. Parte do poder está na imaginação porque como dizia uma aluna em resposta ao questionário: *«A imaginação são pássaros presos numa gaiola à espera do grande momento para fugir»*.

5. CONTRIBUTOS

A investigação sugere uma série de ciclos que são importantes para que possa haver a mudança. Todas as atividades realizadas são apenas exemplos de como tornar a escola um pouco diferente do comum, basta que os professores saibam dialogar com os alunos e perceberem o que eles querem fazer.

Fundamentalmente é preciso ouvi-los e deixar que se expressem. Posso dizer que neste caso, o facto de conversarmos descontraidamente durante as aulas ajudou-me a compreendê-los. A relação que os alunos têm com os professores normalmente é demasiado distante para que eles se desinibam.

Para se poder contornar o facto da falta de participação nas intervenções é necessário que se criem mais iniciativas neste formato e se procurem formas alternativas de ensino preservando a arte. Veja-se o exemplo da Universidade de la Luz Iluí Amani, que procura estímulos criativos através do jogo ligado à arte e ao corpo para se estimular tanto a lógica como a abstração.

Para além da particularidade da intervenção, estas ações mostraram ao resto da escola o que se pode fazer em educação visual e de que forma as disciplinas artísticas podem ser trabalhadas de forma dinâmica e abertas à comunidade. O trabalho dos alunos representa um processo de aprendizagem que se desenvolve para lá das ações, é um projeto que não está completo mas que passa pela concretização de uma ideia e pela busca de novas ideias na planificação de projetos futuros.

Seria interessante desenvolver os temas mais falados durante as ações e desenvolver outras atividades/situações públicas a partir desses temas. Para além da disciplina de educação visual, seria importante trazer para o centro da escola outras disciplinas, encontrar uma forma de as ligar à arte e incentivar a escola a debater. É importante que a escola encontre soluções como a Reggio Emília, que expõe os trabalhos dos alunos fora do espaço escolar para que eles entendam a comunidade como o seu espaço educativo. Terminar com a ideia de se encaixotar tudo entre paredes e abri-las ao resto das pessoas para que possam saber o que se anda a fazer na escola e para que a escola saiba o que se anda a passar à sua volta.

Cada estabelecimento de ensino deve procurar ser mais autónomo de acordo com o contexto em que se insere e ir ter com as pessoas como Vik Muniz ou Monica Calle, levar os alunos a gostarem de arte e a apreciá-la, através do teatro, da música, da pintura. Alguns alunos referiram o facto de gostarem mais do projeto do quarto porque pintaram com as mãos. É preciso dar-lhes alternativas e deixar que explorem os sentidos, os materiais e as suas decisões.

6. CONCLUSÃO FINAL

Num momento de ânsia e de procura por uma revolução social, para esta investigação, tive sempre o intuito de me centrar numa temática que pudesse vir a resolver algumas lacunas a que vamos assistindo todos os dias a partir dos jornais e da televisão. A educação visual é uma disciplina artística obrigatória para o 7º, 8ºano e recentemente no 9ºano, e constitui parte importante não só na formação dos alunos, como no seu estado sensível e afetivo.

Creio que a disciplina pode resolver um sem número de problemas sociais fundamentais e experimentar buscar o que cada aluno tem de melhor. Mas para isso é necessário afundarmo-nos nos seus imaginários, esses poços de incertezas, questões e reflexões, num período em que tudo é possível e onde até as fantasias se tornam realidade. É assim o auge da imaginação e da construção de imagens, umas inventadas, outras já vistas. Por que não atribuir à imaginação um lugar no pódio? Ela comanda a escola ao mesmo tempo que se reinventa. Mas não nos podemos ficar pelo conceito. É preciso fazer brotar ideias e concretizá-las, é preciso pôr a escola a imaginar e a comunicar, por isso a construção de situações em contexto de sala de aula, onde os alunos viram a utilidade prática dos seus trabalhos e onde aprenderam a valorizá-los.

Esperava-se que com estas situações interventivas e a imaginação como processo, os alunos tomassem de assalto a escola e construíssem um imaginário educativo. De pequenas ideias evasivas, esperava-se que surgissem ideias refletidas. Pretendeu-se colocar este espaço um pouco em alvoroço. É uma forma de educar gente capaz de reivindicar e transformar o mundo através da arte, e, acima de tudo, fazer destas situações momentos que ficam na memória e que são vasculhados em anos posteriores, porque embora muitos alunos tenham presente o sentido do trabalho, irão lembrá-lo pela dinâmica que se gerou na escola. Devem ser criadas todas as condições para que o aluno se entregue e se empenhe por um mundo mais centrado nas relações humanas e nas emoções, procurando fazer do pensamento um espaço em constante mutação perante a sociedade e as políticas adotadas para a escola. Desvendar algo que está para além do que é visível e criar uma imagem desse mistério unindo o conhecimento.

Esta investigação permitiu que eu pudesse aplicar um plano de trabalho prático, lidando com problemas reais e tentando solucioná-los. Todo o processo foi colaborativo porque, para além dos alunos, toda a gente pôde ajudar nestas práticas.

A *Imaginação ao poder* sente-se na escola pelos refilancos e pelas ideias que foram surgindo, pela revelação de novas preocupações, diferentes das que se faziam sentir nos anos 60 e de outras que já vêm sendo conhecidas desde esses tempos. É altura de trabalhar a criatividade associada a todas as disciplinas, desenhar um novo currículo, que responda ao momento que vivemos. Menos poluição, mais amizade, mais conforto, tornar a escola mais quente, pôr mais poesia em tudo, fazer mais visitas de estudo, ter aulas ao ar-livre, fazer festas e pôr música, aproveitar a vida e não perder tempo, sorrir, ver longe, haver mais pessoas como as que gostamos, respeitar e deixar o mundo melhor. Os manifestos foram parte de movimentos artísticos no início do séc. XX, também o quarto das ideias foi uma tentativa de recriar um manifesto para fazer ouvir toda a gente, uma espécie de combate ao sufoco de ideias. Um dos

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

objetivos da arte é romper com esses padrões e improvisar situações. Dar sentido e interpretar imagens em *Hoje podes refilar* foi parte desse improviso, no qual também se criaram diálogos.

Para isso é preciso que se vasculhem os imaginários, dar mais sentido ao que somos e ao que queremos fazer, refletir e aprender para que em qualquer lugar, e até na escola, possamos ter um quarto como os alunos o desenharam. E levar a arte dos nossos imaginários aos outros para que também possam imaginar e ser parte da arte de forma democrática e construtiva.

A estrutura arquitetônica da escola está em desacordo com os modos de comportamento, o que significa que não corresponde à dinâmica dos alunos. Vemos que existe uma crise relativamente ao espaço, o que comprova a crise urbanística dos Situacionistas. A escola como espaço de interfaces permite criar redes de imaginários cruzados que formará um imaginário coletivo, de onde despontará a criatividade. A arte e as ações artísticas levadas ao público constituem parte desse processo, pois trará algo de novo ao quotidiano, algo a que estamos habituados pela história e que queremos mudar. É uma escola de transformações que incentivará à sociedade transformada.

A música, o teatro e a literatura inspiraram os movimentos da década de 60 que procuravam por uma revolução cultural. A imaginação é a base de tudo e o ponto de partida para a mudança. A ideia é criar um espaço alternativo ao espaço tradicional de escola, onde os intervenientes autogestionam a própria ação e revolucionam o espaço. Fica provado pelo Maio de 68 que os jovens conseguem mover a sociedade começando pela escola. Os alunos conseguiram trazer docentes/não docentes a refletir e dar ideias, a verem os seus quartos e a discutirem problemas juntos. Para além do pensamento, um dos nossos melhores recursos, o painel, a maquete e o quarto foram as suas ferramentas de comunicação para aprendermos com os outros o que queremos aprender. A escola deve criar projetos de vida, espaços de trabalho abertos para que haja interação entre pessoas de diferentes idades vivendo autonomamente a aprendizagem.

Como vimos, a educação visual permite criar essas ações que estrategicamente convidarão o público a participar na recriação do seu quotidiano.

7. BIBLIOGRAFIA

- Adreotti, Libero (1991). Táticas de jogo da Internacional Situacionista – 139-145. <http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=revista:e17:libero.pdf> – acedido a 18 de janeiro de 2012
- Alarcão, I. (1996). Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora.
- Baczko, Bronislaw (1986). Imaginação social. Lisboa: Anthropos-Homem nº5
- Baudrillard, Jean (1997). A sociedade de consumo, Lisboa: Edições 70
- Centro Internazionale Loris Malaguzzi. Reggio Children, Reggio Emilia - Itália – acedido a 17 de setembro de 2012 - <http://www.reggiochildren.it/?lang=en>
- Cohn-Bendit, Daniel (1985). Nós que amamos tanto a revolução. Rio de Janeiro: Rocco
- Cohn-Bendit, Daniel, Marcuse, Herbert, Sartre, Jean Paul (1978). La imaginación al poder, segunda edición. Barcelona: Editorial Argonauta – acedido a 30 de abril - <http://www.omegalfa.es/downloadfile>
- Colegio Ideas (2012). Colegio Ideas Pre-escolar, Primaria, Bachillerato, Cali - Colombia – acedido a 15 de setembro de 2012 - <http://colegioideas.edu.co/>
- Colegio INCRE (2008). Instituto Crecer Educación Inicial, Primaria y Secundaria. Montevideo - Uruguay – acedido a 15 de setembro de 2012 - <http://www.incre.edu.uy/>
- Cooperativa Olga Cossettini. Cooperativa de Enseñanza Olga Cossettini. Capilla Del Monte - Córdoba – acedido a 16 de setembro de 2012 - <http://escuelacossettini.wordpress.com/>
- Damásio, António (1998). O Erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano, Lisboa: Publicações Europa-América
- Debord, Guy (2003). A sociedade do espetáculo. Brasil: Contraponto Editora
- De Koninck, Thomas (2003). A nova ignorância e o problema da cultura. Lisboa: Edições 70
- Escola da Ponte (2003). Fazer a Ponte Projeto Educativo. Santo Tirso – acedido a 10 de outubro de 2012 - http://beta.escoladaponte.com.pt/docs/PEE_2003.pdf
- Escola de Música do Conservatório Nacional (2007). Orquestra Geração Projeto. Lisboa – acedido a 10 de outubro de 2012 - <http://www.orquestra.geracao.aml.pt/>
- Forrester, Viviane (1997). O horror económico. São Paulo: Unesp

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Faure, Marcuse, Moravia, e Sartre (1969). Juventude e contestação, Lisboa: Publicações Dom Quixote

Freire, Paulo (1974). Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Freud, Sigmund (1997). O Mal-Estar na Civilização. Rio de Janeiro: Imago

Giroux, Henry (1997). Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas

Gobierno Bolivariano de Venezuela. Fundación Musical Simón Bolívar – 10 de outubro de 2012 - <http://www.fesnojiv.gob.ve/>

Goldbard, Arlene (2006). New creative community: the art of cultural development. Oakland: New Village Press

Hobsbawn, Eric (2002). Tempos interessantes: Uma Vida no séc. XX. São Paulo: Companhia das Letras

Horta, Rui. O Espaço do Tempo Introdução , Montemor-o-Novo – acedido a 8 de outubro de 2012 - <http://www.oespacodotempo.pt/pt/>

Huizinga, Joan (1980). Homo Ludens. São Paulo: Editora Perspetiva

Illich, Ivan (1985). Sociedade sem Escolas. Petrópolis: Vozes

Iluí Amaní. Universidad de la Luz en la Tierra. Montevideo – acedido a 17 de setembro de 2012 - <http://www.uniluz.net/ul/>

Instituto Popular de Cultura. Escuela de Artes Plásticas. Cali – acedido a 15 de setembro de 2012 - <http://www.cali.gov.co/ipc/>

Ivain, Gilles (1999). Internacional Situacionista Vol. I - Formulario para un nuevo urbanismo. Madrid – acedido a 5 de maio de 2012 - <http://www.sindominio.net/ash/is0109.htm>

JR. JR-Art, – acedido a 20 de setembro de 2012 - <http://www.jr-art.net/>

Judt, Tony (2010). Um tratado sobre os nossos actuais descontentamentos. Lisboa: Edições 70

Kilpatrick, kilpatrick School – acedido a 17 de setembro de 2012
<http://www.kilpatrick.moonfruit.com/>

Le Moigne, Jean-Louis; Morin, Edgar (2000). A inteligência da complexidade. São Paulo: Editora Peirópolis

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

- Lopes, Ana Carolina (2010). O Labirinto, o Barracão e a Nova Babilónia. Brasil: Unicamp - Acedido a 5 de setembro - http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/ana_carolina_froes.pdf
- MacIntyre, Alasdair (1970). As ideias de Marcuse. São Paulo: Editora Cultrix
- Maffesoli, Michel(2001). O imaginário é uma realidade. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS
- Marcuse, Herbert (1999). A dimensão estética. Lisboa: Edições 70
- Marcuse, Herbert (1999). A grande recusa hoje. Petrópolis: Editora Vozes
- Marcuse, Herbert (1977). Um ensaio para a Libertação. Lisboa: Livraria Bertrand
- Miller, Arthur I. (2007). Einstein y Picasso El espácio, el tiempo y los estragos de la beleza. Barcelona: Tusquets Editores
- Ministério da Educação (1991). Ajustamento do programa de educação visual. Publicado no diário da república 2ªsérie, nº188. Lisboa - acedido a 20 de maio de 2012 - <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=142>
- Ministério da Educação. Currículo nacional do ensino básico - competências essenciais. Lisboa – acedido a 14 de abril de 2012 - http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/88/comp_essenc_EducacaoArtistica.pdf
- Ministério da Educação (2009). Escola secundária de Estarreja - PEE | PCE | PAA | PCT – acedido a 20 de janeiro de 2012 - <http://www.esestarreja.net/archive.asp?idtype=10>
- Ministerio de Educación de Santa Fe (1990). La Cecilia Escuela de la Nueva Cultura. Santa fe - Argentina – acedido a 16 de setembro de 2012 – <http://www.lacecilia.org.ar/web/>
- Morin, Edgar (2003). A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Multiversidad Mundo Real Edgar Morin. Mexico – acedido a 30 de maio de 2012 - <http://www.multiversidadreal.org/>
- Munari, Bruno (1979). Design e comunicação visual. Lisboa: Edições 70
- Muñoz, Carlos Calvo (2005). Entre la educación corporal caótica y la escolarización corporal ordenada, número 39. - acedido a 15 de setembro de 2012 - <http://www.rieoei.org/rie39a04.htm>
- Nelo (2009). M.A.R. Kayaks, LDA. Vila do Conde– acedido a 7 de outubro de 2012 - <http://www.mar-kayaks.pt/>
- Nieuwenhuy, Constant (1999). Internacional Situacionista Vol. I - Otra cidade para otra vida, Madrid – acedido a 5 de maio de 2012 - <http://www.sindominio.net/ash/is0314.htm>

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Óprima (2012). O que é o Teatro do Oprimido. Lisboa – acedido a 10 de outubro de 2012 - <http://oprima.wordpress.com/about/>

Projeto Âncora (1995). Projeto Âncora pelos Direitos da Criança, Adolescente e Idoso, Brasil – acedido a 16 de setembro de 2012 - <http://www.projetoancora.org.br/>

Proust, Marcel (1987). Em busca do tempo perdido. Lisboa: Edições 70

Read, Herbert (1982). Educação pela Arte. Lisboa: Edições 70

Reboul, Oliver (2000). A Filosofia da Educação. Lisboa: Edições 70

Serralves (2011). O meu quarto não tem paredes, Porto – acedido a 10 de fevereiro de 2012 - <http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=2024>

Serres, Michel (1992). Les Tiers Instruit. Paris: Galeimard Folio

Soeiro, José (2009). O teatro como política contra a política como teatro. Diversidades - acedido a 10 de outubro - <http://diversidadesactuais.blogspot.pt/2009/12/o-teatro-como-politica-contra-politica.html>

Steiner, George, Ladjali, Cecile (2005). Elogio da Transmissão. Lisboa: Dom Quixote

The Montessori Foundation. International Montessori Council. Florida – acedido a 16 de setembro de 2012 - <http://www.montessori.org/>

Thiollent, Michel (2005). Metodologia da Pesquisa-ação, 14ª Edição. São Paulo: Cortez Editora

Tolstói, Leon (1888). La Liberté dans L'Ecole. Paris: Nouvelle Librairie Parisienne

Vaneigem, Raoul (1995). Aviso aos alunos do básico e do secundário. Lisboa: Antígona

Vasco, Rute Sousa (2012). Steve Jobs o Líder – acedido a 8 de outubro de 2012 - <http://noticias.sapo.pt/especial/stevejobs/biografia/>

Vik Muniz (2012), Vik Muniz, New York – acedido a 10 de janeiro de 2012 - <http://www.vikmuniz.net/>

Wagensberg, Jorge (2007). El gozo intelectual. Barcelona: Tusquets Editores

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

IMAGENS

Imagem 1 - Banda desenhada reinterpretada da Internacional

Situacionista. http://www.corneta.org/no_47/corneta_presenta_la_internacional_situacionista_files/COMICA.jpg

Imagem 3 – *Abolition du travail aliene*, Internacional Situacionista

<http://2.bp.blogspot.com/-UYXsOH3V4Po/T19Mw3NZBRI/AAAAAAAAAft4/LM2BYVteZcA/s400/ABOLITION.jpg>

Imagem 4 – *Guide Psychogeographique de Paris: Discours Sur Les Passions D’Amour*, Guy Debord

<http://selfselector.files.wordpress.com/2012/11/debordpsychogeo.jpeg?w=720&h=572>

Imagem 5 – *Our Domestic Resurrection Circus*, Bread & Puppet Theater

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/2a/Bread_and_Puppet_Circus.jpg/350px-Bread_and_Puppet_Circus.jpg

Imagem 6 – *Paradise Now*, Off-Broadway Living Theater

<http://panicnarrative.com/wp-content/uploads/2010/10/Living-theater1.gif>

Imagem 7 – Mural dos alunos das Belas Artes em França (1968)

http://andreflaneur.blogspot.pt/2008/05/maio-de-1968-imaginao-ao-poder_02.html

Imagem 8 – Espaço do Atelier Populaire (1968)

http://1.bp.blogspot.com/_ZFthdB6ovtU/TCREAZWNhl/AAAAAAAAAVg/RlmaFvtcNko/s1600/atelierpopulaire3.jpg

Imagem 9 – David Matat Obra de Vik Muniz

<http://www.nytimes.com/imagepages/2010/10/24/arts/MUNIZ-2.html>

Imagem 10 – *Olho*, JR

http://www.oesquema.com.br/urbe/wp-content/uploads/2008/11/providencia_jr_eyes.jpg

Imagem 11 – Orquestra Sinfónica Juvenil Simón Bolívar na Venezuela

http://www.opciones.cu/file/img/2011/11/f_orquesta-sinfonica-juvenil-de-venezuela-simon-bolivar.jpg

Imagem 12 – Orquestra Geração em Portugal

<http://1.bp.blogspot.com/-hlbyowUUf04/TeNiHPQ9ALI/AAAAAAAAAD c/HZLn25205EI/s1600/DSC09005.JPG>

Imagem 13 – Árvore do Teatro do Oprimido

<http://oprima.files.wordpress.com/2012/01/c3a1rvore-do-to.jpg>

8. ANEXOS

ANEXO 1 - Ajustamento do Programa de educação visual

**PROPOSTA DE AJUSTAMENTO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO VISUAL
GESTÃO FLEXIVEL DO CURRÍCULO**

EDUCAÇÃO VISUAL

**3º CICLO
ENSINO BÁSICO
PLANO DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO - APRENDIZAGEM
Vol. II.**

COMUNICAÇÃO

CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	7º	8º	9º
Elementos visuais na Comunicação	<ul style="list-style-type: none">Fazer o levantamento gráfico (com lápis, esferográfica, carvão, guachos, marcadores, etc.) do seu envolvimento (equipamento, habitação, paisagem, actividades, pessoas, etc.).	X	X	X
Códigos de comunicação visual	<ul style="list-style-type: none">Conceber e executar Bandas Desenhadas.Elaborar gráficos e esquemas.Executar projectos de equipamento, organização de espaços, etc.,...fazendo esboço cotado, vistas ortogonais, maquetas ou modelos tridimensionais.Conceber e executar sinalizações (de serviços, de circulações, de perigos., etc.).	X X	X X X	X X
Papel da imagem na Comunicação	<ul style="list-style-type: none">Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas.Executar e reproduzir folhetos informativos.Executar cartazes.	X X X	X X X	X

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

		ESPAÇO		
CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	7º	8º	9º
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO				
Sobreposição Dimensão Cor Claro-escuro Gradação de nitidez	<ul style="list-style-type: none"> Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão, de cor e de claro-escuro ou as gradações de nitidez. 	X	X	X
Vistas: cubo envolvente, sistema europeu	<ul style="list-style-type: none"> Representar objectos pelas suas vistas no sistema europeu: Desenhando as vistas necessárias para compreensão de um objecto (noções de contomo e de corte); Registrando as suas medidas (escalas, cotas); utilizando linguagem gráfica convencional (linhas contínuas e interrompidas, de espessuras diferentes, etc.). 		X	X
Perspectiva de observação (livre e rigorosa)	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer sistematizações geométricas da perspectiva de observação (linhas e pontos de fuga, direcções principais e auxiliares, divisões proporcionais, etc.). 		X	X
Axonometrias	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer vários sistemas de representação axonométrica. Representar um objecto simples em perspectiva cavaleira. Converter a representação pelas vistas numa representação axonométrica e vice-versa. 			X X X
RELAÇÃO HOMEM – ESPAÇO	<ul style="list-style-type: none"> Registrar as proporções e, em esquema, os movimentos. Projectar objectos ou espaços tendo em conta a relação homem -espaço (por exemplo: montagem de uma exposição, organização da sala de convívio, encenação de uma peça de teatro, etc.). 	X	X X	X X

		ESTRUTURA		
CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	7º	8º	9º
ESTRUTURA/ FORMA/ FUNÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem. 	X	X	X
Estruturas naturais e Criadas pelo homem	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar a forma e a função dos objectos com a sua estrutura. 	X	X	X
Ritmo de crescimento	<ul style="list-style-type: none"> Representar a geometria das formas naturais e o seu ritmo de crescimento. 	X		
MÓDULO/ PADRÃO	<ul style="list-style-type: none"> Compreender os conceitos de módulo e de padrão. Realizar estruturas modulares (padrões), de suporte e visuais. 	X X		

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

FORMA				
CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	7º	8º	9º
PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA Qualidades formais Qualidades geométricas Qualidades expressivas FACTORES QUE DETERMINAM A FORMA DOS OBJECTOS Físicos - Propriedades dos materiais Económicos - Mão-de-obra - Materiais - Tempo - Conservação - Produção artesanal e produção industrial - Produção em série - Elementos e módulos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo). <ul style="list-style-type: none"> Conhecer as propriedades físicas de diversos materiais (comportamento em esforço, reacção aos agentes exteriores, etc.). Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas de design, em função das suas propriedades físicas.. <ul style="list-style-type: none"> Compreender a importância do factor económico considerando como condicionantes do design a mão-de-obra, os materiais, o tempo e a conservação. <ul style="list-style-type: none"> Compreender a diferença entre produções artesanais e industriais. Compreender as vantagens económicas do fabrico em série de elementos e de módulos. 	X	X	X
Funcionais - Função principal e subfunções - antropometria e ergonomia Estéticos	<ul style="list-style-type: none"> Distinguir entre a função principal e as subfunções de um objecto (por exemplo: guarda-chuva, pega, etc.). Relacionar a forma dos objectos com as medidas e os movimentos do homem. Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os factores considerados. 	X	X	X

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

REPRESENTAÇÃO TÉCNICA DE OBJECTOS Dupla projecção ortogonal	<ul style="list-style-type: none"> Utilizar, na representação técnica de objectos, a dupla projecção ortogonal. 		X	
--	--	--	---	--

CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	LUZ-COR		
		7º	8º	9º
A COR - LUZ NO AMBIENTE	<ul style="list-style-type: none"> Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente. Utilizar os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente. Aplicar os conhecimentos adquiridos sobre a cor – sensação e a influencia da cor no comportamento 	X X	X X X	X X x
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS				
Espectro luminoso	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a cor dos objectos como resultado da absorção e reflexão selectivas das ondas luminosas pela matéria. 		X	
Absorção e reflexão selectivas Globo ocular				
Cor/ luz = síntese aditiva Cor/ pigmento = síntese subtractiva	<ul style="list-style-type: none"> Compreender as diferenças entre a síntese aditiva da luz e a síntese subtractiva dos pigmentos. 		X	
Cores primárias e secundárias da síntese aditiva Cores primárias e secundárias da síntese subtractiva	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer as cores primárias e secundárias da síntese aditiva e as sínteses subtractiva. 		X	
Cores complementares/ contrastes Aplicações das sínteses aditiva e subtractiva	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer aplicações das sínteses aditivas e subtractiva. 		X	

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ANEXO 2 - Diapositivos das aulas sobre a cor (7º e 8ºAno)

ãe como se os olhos fossem a nossa máquina fotográfica, com a objectiva sempre pronta.
Miguel Ângelo

a cor

o Homem recebeu da natureza, sendo o sentido que mais faz vibrar o ser humano, fazendo-nos disfrutar as coisas do mundo.
Os olhos são os olhos privilegiados da ligação entre o interior e o que nos rodeia.
A imagem formada na retina só obtém significação depois de interpretada pelo nosso cérebro.

Alguns artistas do barroco, naturalismo, impressionismo e expressionismo para mostrar as diferentes utilizações da cor ao longo da história de arte.

na pintura

Caravaggio, C. 1600 - A Cabeça de Medusa
Tiziano, C. 1507
Rembrandt, C. 1670 - O Homem com o Tambor
Picasso, C. 1910

cores primárias

cores secundárias

Tradicionalmente representado por um círculo de 12 cores: 3 primárias, 3 secundárias, 6 terciárias

círculo cromático

Mistura das cores primárias com as cores secundárias.

SEM LUZ NÃO HÁ COR

Quando a luz do sol ilumina um objecto, algumas dessas cores são absorvidas pelo objecto, enquanto as outras são refletidas na direcção dos olhos que as percebem.

Isaac Newton
Séc. XVII

A teoria de Isaac Newton sobre a cor, surgida no séc. XVII.

Se nós, num quarto escuro colocamos um prisma à frente de um pequeno orifício que permite a entrada da luz solar, consegue-se projetar uma faixa com várias cores, à qual chamamos de espectro luminoso.
A luz, ao atravessar o prisma, desdobra-se nas cores do espectro.

tom

Corresponde às cores primárias e compostas numa variação qualitativa da cor.
Vai-se acrescentando branco, preto ou cinza.
Cor + branco - matiz
Cor + preto - sombreado
Cor + cinza - tonalidade

exemplo diferentes tons

cor-luz síntese aditiva

Na luz-cor, quando se estimulam três tipos de cor em proporções idênticas teremos a sensação do branco. Podemos conseguir a sensação de branco pela combinação de três cores. Vermelho, verde e azul.

cor-luz síntese aditiva

São as cores da TV (por exemplo).

cor-luz síntese aditiva

Na cor-pigmento, as cores primárias são o amarelo, o ciano e o magenta, das quais quando misturadas obtemos o preto.
E são, por exemplo, as cores impressas em revistas.

cor-pigmento síntese subtrativa

exemplo

saturação

O VALOR ALTERA-SE QUANDO SE ADICIONA PRETO OU BRANCO À COR

exemplo

cores frias

cores quentes

sensações cromáticas

As cores provocam sensações. As cores muito escuras parecem mais próximas.

sensações térmicas

cores neutras

ANEXO 3 - Ação 1: Planificação das aulas

Tema

O poder da Imagem na Comunicação

Conteúdos

Imagens e linguagens: A ilustração

Descrição sumária

Nesta unidade o aluno deve reconhecer a imagem como meio de comunicação de massas, capaz de transmitir mensagens. Pretende-se que o aluno tenha em conta valores e problemáticas de ordem política e social. O termo comunicação visual é bastante abrangente pelo que para esta unidade serão dados apenas alguns exemplos da sua utilização. Neste sentido, o aluno deve compreender que tudo o que os nossos olhos vêem é comunicação visual, sendo ela casual ou intencional, podendo o ser humano criar imagens que corresponderão à representação de emoções e experiências vividas.

O primeiro bloco será praticamente teórico permitindo a intervenção dos alunos para expressarem opiniões, exporem dúvidas e relatarem experiências que sejam pertinentes na compreensão da temática. As restantes aulas serão dedicadas ao desenvolvimento do trabalho que decorrerá até ao final do período culminando numa apresentação pública à comunidade escolar.

Objetivos

- Desenvolver o pensamento crítico e o conhecimento plástico-visual.
- Permitir o enriquecimento da experiência visual e a manipulação sensível dos alunos, possibilitando-lhes o contacto com obras de arte despertando o gosto para apreciar e fruir de diferentes contextos visuais.
- Aperfeiçoar a composição plástica e intencionalidade expressiva através de diversos modos de expressão experimentando plasticamente conceitos /temáticas e mobilizando assim os elementos de comunicação visual.

Competências específicas

- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.
- Descrever acontecimentos aplicando metodologias de desenho.
- Reconhecer a arte como expressão de sentimentos e de conhecimentos.
- Compreender que a forma tem diferentes significados tendo em conta o seu contexto e os sistemas simbólicos a que pertence.
- Capacidade de transformar as suas vivências e sentimentos em imagens sensitivas, expressivas e imaginativas.
- Criar composições a partir de realidades imaginadas utilizando os elementos e meios de expressão visual.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Metodologia/Estratégias | Descrição das actividades por aulas

A exploração das linguagens plásticas deve ser adequada ao nível de conhecimento de cada aluno como meio fundamental para o entendimento estrutural do universo visual envolvente. Por esta razão, entende-se que a comunicação promove uma cultura e uma sensibilidade visual e estética no desenvolvimento de capacidades de expressão criativa. A comunicação visual nasce de um percurso de vivências ao nível individual que se poderá desenrolar numa manifestação coletiva. Essa ânsia de despertar imaginários individuais ou colectivos constituirá uma forte necessidade de comunicar com a sociedade. Para tal, são criadas imagens que se tornam elementos fundamentais na representação de conceitos/ideias de um determinado grupo. Afigura-se, portanto, necessária a conceção de um meio de comunicação – A ilustração - que transmitirá o sentido crítico e criativo do aluno perante a realidade. Para tal, serão criadas situações em aula capazes de estimular a imaginação como desenvolvimento fundamental da inventividade.

Lições 1 | 2 (Bloco de 90 min)

[Introdução]

A comunicação visual é como aprender uma língua, onde transmitimos uma mensagem por imagens sendo que esta é apreendida por pessoas diferentes com interesses diferentes. Para isso deve ser realizado um exercício. Que desenho farias com um círculo? Cada aluno terá algo diferente para 'dizer'. No final da aula são dadas imagens que refletem a sociedade e que terão balões de banda desenhada para os alunos interpretarem o que vêem ou o que sentem em relação ao tema.

Lições 3 | 4 (bloco de 90 min)

[Tema | Conceito]

A ideia de *Imaginação ao poder*, introduzida pelos movimentos de estudantes a 1968 em França, remete-nos para o apelo à renovação. Por isso, foram adotadas formas de reivindicação inovadoras, surgindo frases e cartazes com forte apelo visual. Sendo assim, serão escolhidas 7 frases com forte valor reivindicativo e irónico para que os alunos possam ilustra-las. Uma vez que a turma é constituída por 22 alunos, as frases serão repetidas 3 vezes e uma delas 4.

Lições 5 | 6 (bloco de 90 min)

[Execução gráfica]

No decorrer da aula, espera-se que os alunos que estejam com mais dificuldades sejam auxiliados pelos colegas e que os alunos mais avançados continuem o trabalho. Nesta aula a sala será disposta em U. Os alunos serão dispostos pelos grupos de frases. A sala em U permitirá que eles interajam mais facilmente na conceção dos seus trabalhos.

Lições 7 | 8 (bloco de 90 min)

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

[Execução gráfica. Finalização]

A conclusão dos trabalhos é determinante para o evento que irá decorrer no polivalente. As ilustrações serão agrupadas por frases em painéis A0, ou seja, cada painel terá 3 ilustrações diferentes (um deles terá 4). Cada painel corresponde às frases que lhes foram pedidas para ilustrar. Ao todo serão desenvolvidos 7 painéis que servirão de base para que toda a gente possa refilar e colar as suas mensagens. Essas frases serão escritas num papel que será dado pelos alunos e que terá as mesmas imagens que eles interpretaram na primeira aula.

Motivação

Deve incentivar-se os alunos à pesquisa, à análise e à síntese de dados recolhidos para que sejam capazes de conjugar a poética do imaginário com o rigor da expressão. Para apoiar os alunos, serão fornecidos algumas imagens do movimento artístico Dada para que os ajude a explorar a linguagem plástica. Paralelamente, serão indicados alguns artistas que representarão uma base para a concepção plástica da ilustração.

Materiais/recursos

Datashow; computador; grafite; marcadores; lápis de cor; lápis de cera; papel cavalete; papel de máquina; revistas; jornais; cola; tesoura

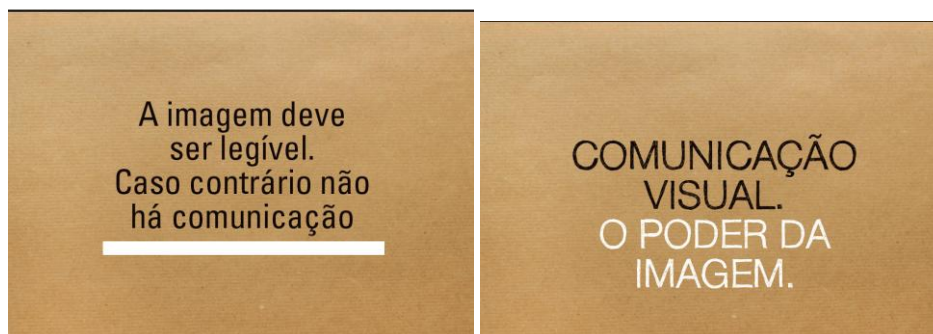
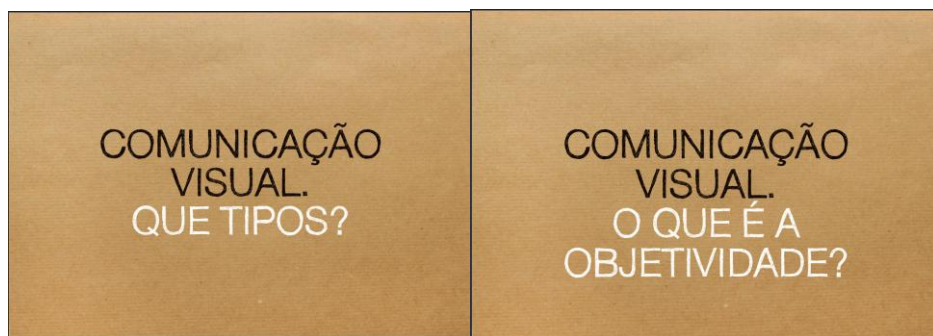
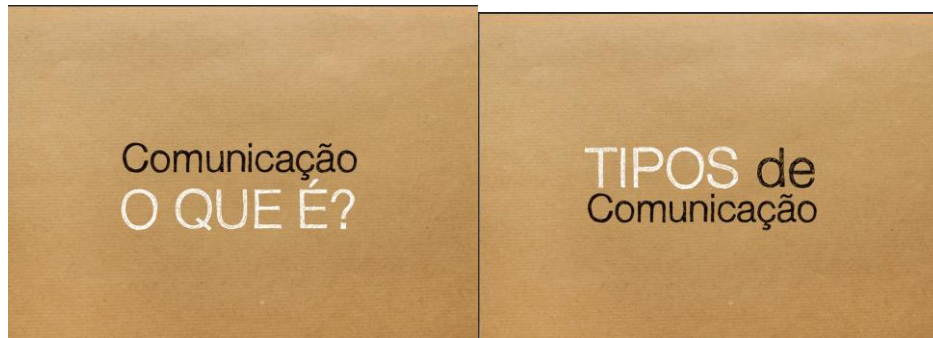
CrITÉRIOS de avaliação

1ª aula - 10%; originalidade/conceito-20%; execução gráfica-30%; produto final-35%; evento-5%

Interdisciplinaridade

Esta unidade compreende a interpretação de frases metafóricas e portanto, a exercitação do português ao mesmo tempo que nos remete para um acontecimento onde são analisados fatos relacionados com a história.

ANEXO 4 – Ação 1: Diapositivos



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

O QUE VEMOS?
DE QUE FORMA
VEMOS?

COMUNICAÇÃO
INSTRUMENTOS.

COMUNICAÇÃO
CASUAL OU
INTENCIONAL?

A MENSAGEM
VISUAL.

A MENSAGEM
VISUAL
SUPORTE.

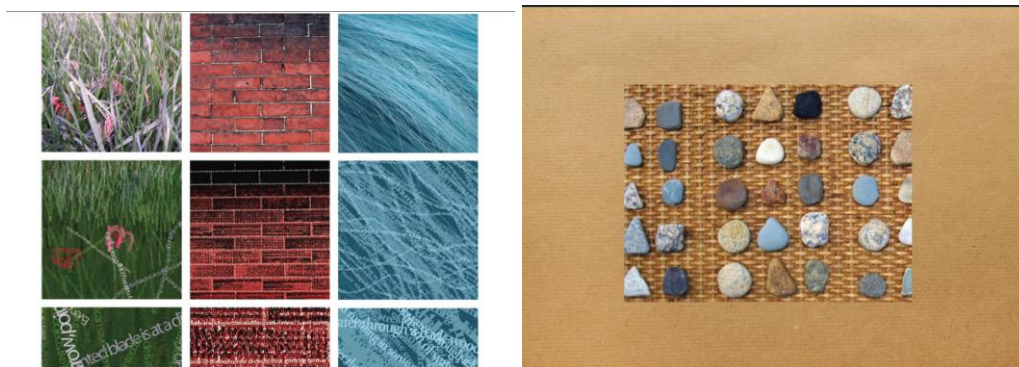
Textura

Forma

Estrutura

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ANEXO 5 – Ação 1: BD's interpretadas pelos alunos



*«Ninguém nos vai descobrir.
Em breve seremos só tu e eu.
Seremos felizes sem termos
de esconder isto de todas as
pessoas.»*

*«Fui considerado o melhor
homem do mundo porque
tenho uma mulher espantosa!
Ao teu lado sinto-me uma
pessoa especial.»*



*«Sinto-me seguro de tudo aquilo
que faço.
A minha imaginação anda sempre
para a frente e para trás porque
vou buscar imaginação do
passado e do presente.
Mesmo que eu esteja sempre
seguro, estou sempre no mesmo
sitio.»*

*«OLÁ! Yes, estou na televisão.
Beijinhos para a minha mãe,
para o meu pai, para a minha tia...
ihh; vou ficar famoso.
Bem, vou sacar a pistola do
bolso e fingir que estou num
filme de acção.»*

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



«Sou uma mulher forte!»

Diana Carmo

***«As mulheres também têm
direito ao poder.
Não nos discriminem, nós
somos como vocês.
Somos fortes e temos direito
à igualdade.»***

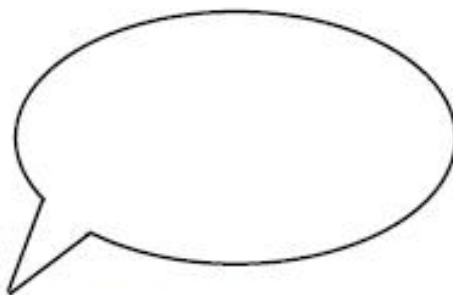


***«Revolta-te, diz aquilo que
sentes, para ficares bem contigo
próprio!
Hoje chegou a minha vez...»***

***«A liberdade é um direito!
Sim, há liberdade de expressão!
Não há censura.
Nós temos direitos!»***

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



*«Não digo mais nada...
Simplesmente amo quem não
me merece!
Um dia tu vais querer e eu não
vou cá estar.»*

*«Ó meu camelo não fazes
mais nada do que ver televisão,
traz-me as nabiças se queres
comer hoje. E depois vai tirar
o esterco aos porcos.
Não te esqueças da máscara
de oxigénio.»*



*«Shiu!!
Independência é em Portugal.
Cá há que ter respeitinho
oh baixinho.
Calou há?
Pensas que estás nos Simpsons
oh betinho!!!»
«Cambada de imbecis.
Andam com umas camisas
parecem os pacotes
de pipocas do cinema.»*

*«Stars and Stripes
indeed...»*

*«Stars and Stripes
for ever!»*



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



«Tenho muita riqueza e por isso não me quero expôr para outros países porque podem vir para o meu país e me roubarem ou até fazer mal.»

Cláudia Silva

«Estou bonita fora a foto? Hoje pus maquiagem.»

Paulina Costa

«Comprei estes óculos para o carnaval, MAS NÃO CONSIGO VER NADA! A única coisa que vejo são lâminas para barbear.»

Fábio Freitas



«As novas giletes com 1 mm de largura tão finas que até cortavam uma borracha. Agora só homens que são homens usam giletes desta grossura.»

Tiago Oliveira

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



«Por isso caros amigo americanos votem em mim, no dia 25 de Janeiro. Yes, We Can.»

«AhAhAh!
O cabelo dele parece que foi lambido por um animal!»

«A onda de assaltos continua...
Notícia de última hora!
Um homem atirou-se de um prédio e gritou: eu sou estúpido!»

«O raio do homem não se cala!
Já sabemos que os homens são estúpidos não é preciso dizer.»

«Este gajo de trás não se cala. Vou partir-lhe a cara.»

«Este filme não presta.
Tenho que ir cortar o cabelo.»

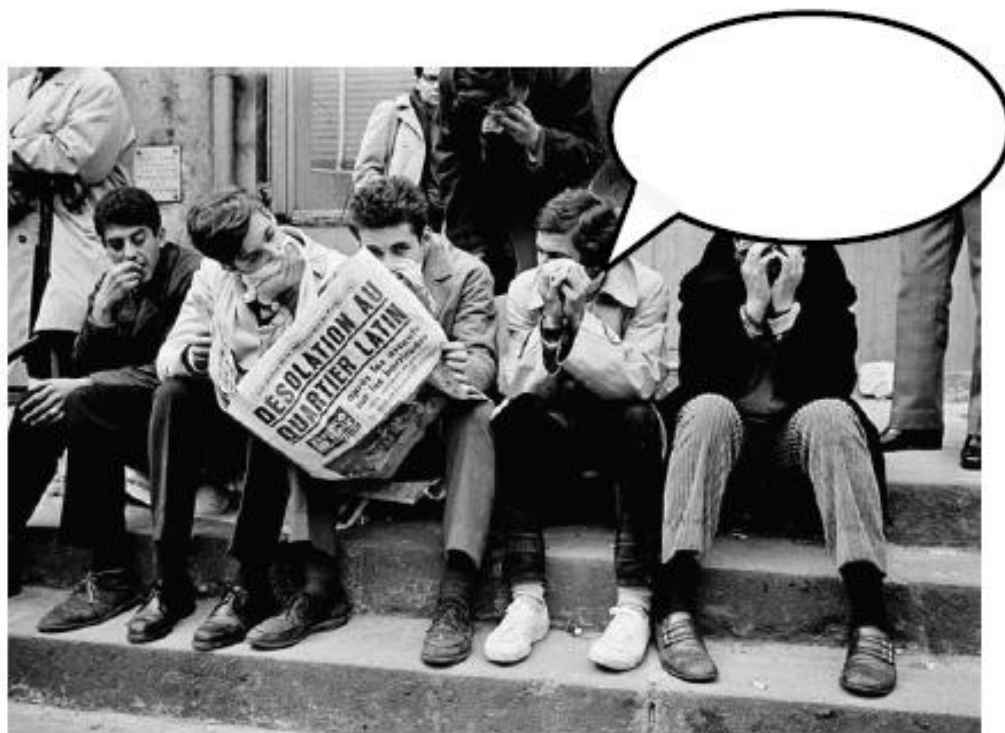
«Talvez momentos que me marcaram e que simplesmente quero esquecer.

«Faz-me lembrar momentos que já passei na minha vida.
E hoje sei que nunca os quis deixar para trás.»



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



*«Maldita gripe.
Quem foi o palhaço que
me pegou?»*

*«Porra! Que cheiro a bosta!
Nem a ler o jornal se estamos
em paz.
Fogo! Cheira muito mal!
Quem foi o ladrão que abriu
o escape?»*

ANEXO 6 - Ação 2: Planificação das aulas

Tema

Quarto: Lugar de abrigo, identidade e evasão.

Cada gaveta, uma identidade.

Conteúdos

Elementos da forma - Relação homem-espço

Representação do espaço – Perspetiva de observação (livre e rigorosa)

Estrutura/Forma/Função – Estruturas criadas pelo homem

Descrição sumária

Esta unidade será dedicada ao desenvolvimento de uma proposta feita às escolas pelo Museu de Serralves. Tem como objetivo final a apresentação de uma maquete de um quarto por turma.

Assim, serão dados algumas inspirações aos alunos para eles desenvolverem o trabalho. Numa primeira fase, e antes de iniciarem a maquete final, pretende-se que explorem o conceito de quarto de forma individual, o que ele representa para cada um deles. Poderão explorar a forma e a tridimensionalidade e ao mesmo tempo desenvolverem um trabalho artístico e livre. Depois da realização de uma maquete individual será dado um tema sob o qual poderão trabalhar na maquete final.

Objetivos

- Desenvolver a capacidade de criar mapas mentais
- Explorar o conceito de quarto como algo identitário
- Relacionar o quarto com o imaginário
- Ver para além do real e perceber que o quarto é mais do que um compartimento para dormir
- Desenvolver um quarto imaginário através de diversos meios de expressão plástica

Competências específicas

- Conceber formas obedecendo a algumas formas de representação
- Entender o desenho como meio de representação expressiva e rigorosa
- Compreender as relações do homem com o espaço
- Criar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas

Metodologia/Estratégias | Descrição das actividades por aulas

Para este projeto, os alunos devem trabalhar individualmente e, posteriormente, em grupos escolhidos pelos professores. Antes de se iniciar a proposta de trabalho,

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

devem dar-se algumas pistas para que, sem conhecimento do que fazer, pensem e questionem. O trabalho coletivo é fundamental para discutirem ideias e colaborarem uns com os outros em prol de um objetivo. Será dada alguma autonomia no trabalho individual e no trabalho de grupo devem organizar-se e dividir-se tarefas.

FASE 1

Lições 1 | 2 (Bloco de 90 min)

[Brainstorming]

Esta aula é dedicada exclusivamente a um exercício – Brainstorming. Para este projeto é necessário criar-se alguma expectativa nos alunos e perceber o que eles pensam do tema. Educação Visual não é só desenhar, é parte importante na construção de ideias e este exercício irá ajudá-los a articular todos os momentos constituintes da proposta. Devem, em conjunto, expor o seu conceito de quarto, quais os aspetos que o constituem, os cheiros, o que dizem as paredes, as texturas, as cores.

Lições 3 | 4 (bloco de 90 min)

[Exposição | Perguntas | Sketchstorming]

Nos 90 minutos seguintes deve haver uma exposição da temática por parte do professor com o intuito de clarificar a proposta de Serralves - o quarto e a identidade. Serão dados alguns exemplos e algumas dicas para os alunos prosseguirem o trabalho. Serão distribuídas fichas pelos os alunos e devem responder individualmente: 'Qual é a minha relação com o quarto?', 'Onde fica o meu quarto?', 'De que falam as paredes do meu quarto?' Em seguida devem realizar esboços de um quarto tendo em conta o que escreveram - Sketchstorming.

Lições 5 | 6 (bloco de 90 min)

[Esboços | Construções]

Esta aula deve ser utilizada para os alunos terminarem os esboços que darão lugar às primeiras construções para as suas maquetes. Serão mostrados alguns exemplos de planificações que eles possam querer utilizar.

Lições 7 | 8 (bloco de 90 min)

[Maquete]

Nesta aula serão distribuídos os suportes em cartão, base para a elaboração da maquete do quarto individual. Cada um deve ter ideia de como organizar e dispor todos

os elementos. Também serão dados alguns materiais que os auxiliarão.

Lições 9 | 10 (bloco de 90 min)

[Maquete | Conclusão]

Será dada uma última aula para a conclusão das maquetes.

FASE 2

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Lições 11 | 12 (Bloco de 90 min)

Os alunos juntar-se-ão em grupos e desenvolverão a maquete com base num tema. O professor deve intervir e dar o tema depois de analisar as maquetes individuais. Serão distribuídas tarefas por grupos. Cada um poderá desenvolver autonomamente um elemento do quarto intervindo plasticamente.

Motivação

Deve incentivar-se os alunos à pesquisa, à análise e à síntese de dados recolhidos através de exemplos dados pelo professor.

Materiais/recursos

Datashow; computador; grafite; marcadores; lápis de cor; lápis de cera; papel cavalinho; papel de máquina; cola; tesoura; tecidos; cartão; cartolinas; outros.

Critérios de avaliação

Maquete Individual + Maquete Coletiva + Colaboração (50%+45%+5%)

Interdisciplinaridade

Este projeto atravessa várias áreas, desde a matemática ao português. São dados conteúdos de geometria. Sempre que se sentem inibidos no desenho, os alunos exprimem-se através da escrita.

ANEXO 7 – Ação 2: Documentação do Projeto com Serralves 2

SERRALVES

QUARTO: LUGAR DE ABRIGO, IDENTIDADE, EVASÃO UM PROJETO COM ESCOLAS 2011-2012

POR FAVOR ASSINALE COM UMA X EM CASO AFIRMATIVO:

CONFIRMO A INSCRIÇÃO NO PROJETO ANUAL "QUARTO: LUGAR DE ABRIGO, IDENTIDADE, EVASÃO" (2011-2012)



Escola	Escola Secundária de Estarreja		
Nome do(a) Professor(a)	Alexandra Patrícia Das Neves Ribeiro		
Disciplina que leciona	Educação Visual e Oficina de Artes		
Morada da escola	Rua Dr. Jaime Ferreira Da Silva		
Código Postal	3860	Localidade	Estarreja
Telefone	234 841 704	Fax	
Nº de alunos com que vai trabalhar	27+11		
Nº de turmas	2		
Nível de ensino	7º e 8º Anos		

Dados pessoais do Professor (preenchimento facultativo)

Morada	Rua Ramalho Ortigão nº52/2ºDto		
Código Postal	4420-544	Localidade	Valbom/Gondomar
Telefone	91 280 46 67	E-mail	alexandra_pribeiro@hotmail.com

O 1º Encontro de trabalho do Projeto com Escolas Insere-se no 12º Encontro Anual de Formadores, que se realiza no dia 02 de Novembro de 2011. Para inscrição, por favor, consultar ESCOLAS_PROFESSORES.

DATA LIMITE DE INSCRIÇÃO:

19 de Outubro de 2011.

ANEXO 8 - Ação 2: Brainstorming coletivo

‘QUE PALAVRAS ASSOCIAS AO QUARTO?’

Computador, desconstrair, liberdade, televisão, comer, dançar, realização, lealdade, ídolos, estudar, cinema, vestir, descansar, impressionar, despir, dormir, segredo, música, namorar, relembrar, o nosso espaço, único, privacidade, o nosso mundo, amar, decorar, criar, reviver, refúgio, imaginar, abrigo, reflexão, chorar, jogar, sentimentos, ler, pensamentos, bons momentos.

‘QUE OBJETOS TENS NO TEU QUARTO?’

Wii/consolas, tv, obras de arte, molduras, fotografias, bijutaria, malas, rádio, almofada, perfumes, roupa/calçado, despertador, etiquetas, peluches, espelho, luz, livros/cadernos/canetas, relógio, puff/ sofá, prémios/ diplomas, pesos, recordações.

‘QUE SONS?’

Música pop, bombeiros/sirenes, electro house, corrente elétrica, ondas, aquecedor, rock, natureza pássaros, vizinhos, silêncio, adele, galos/ cães/ gatos, vibrações, carros/motas, relógio, portas a bater sino.

‘QUE CHEIROS?’

Perfume, animais, comida, pão fresco, natureza, ‘mim’, mar/ praia, champô, transpiração, limpeza, velas/ aromas/ incenso, queimado, flores, eucalipto.

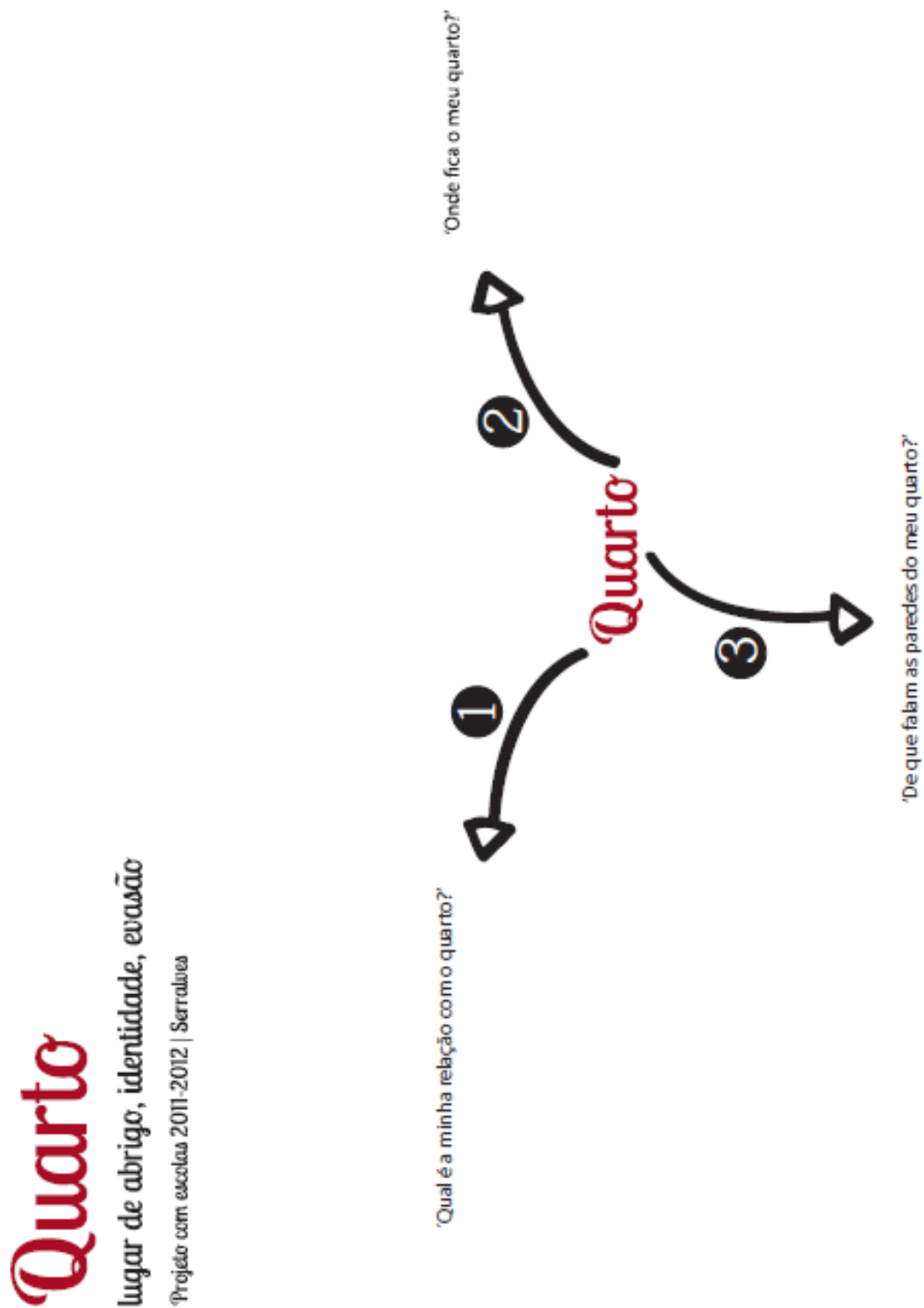
‘QUE CORES?’

Banco, vermelho e branco, azul, azul e branco, cor de rosa, verde e branco, azul claro e azul escuro, laranja e branco, rosa choque, verde e laranja, amarelo, verde e azul, vermelho e verde.

‘QUE TEXTURAS? SENSAÇÕES?’

Fofa, lisa, frio/quente, calmo/sereno, pacífico, agitação/saltitante, rugoso, temperado, tropical, conforto, peganhoso, meigo.

ANEXO 9 - Ação 2: Respostas individuais dos alunos sobre o quarto



1. Qual é a minha relação com o meu quarto?

É uma relação íntima, boa, amigável.

É onde estou em sossego e sozinho.

A minha relação com o meu quarto é de intimidade, sossego e amizade.

É onde encontro sossego à minha volta (refúgio)

Para mim o quarto é como um amigo, alguém em quem posso confiar, pois guarda os meus segredos mais íntimos.

Amigável

A minha relação é de sossego

Eu com o meu quarto não é muito "amigável" como os meus amigos, é lá onde estudo, durmo e sossego

Uma relação de confiança

O quarto é o meu melhor amigo onde posso sonhar, voar, parar sem parar...

Uma relação amigável e íntima. O meu quarto é o meu local preferido.

Amigável, íntima e divertida

Amizade, segredo

A minha relação é boa e íntima

Única e fixe

A minha relação com o meu quarto é amigável

Uma relação amor-ódio

A minha relação com o meu quarto é de lealdade, nenhum outro lugar o substitui

É uma relação divertida

Relação apaixonada

A minha relação com o meu quarto é divertida

Secreta, íntima, amigável, onde me sinto bem.

Amigável, íntima, uma relação de confiança, de proteção.

2. Onde fica o meu quarto?

"Lugar imaginário". No meu mundo.

O meu quarto fica num mundo sem maldade ou falsidade.

Eu gostava que tivesse no céu e não num canto sem sentido.

Na cintura de asteróides de Kwiper no nosso sistema solar.

Num lugar cheio de borboletas.

Na terra dos doces.

No céu ou no país das maravilhas e da música.

O meu quarto fica no meu mundo.

Fica num mundo que eu criei, um mundo só meu e lá fica o meu quarto... Bem mágico

O meu quarto fica nos meus sonhos

Nas núvens

Céu, terra onde nunca se acorda

O meu quarto fica num mundo de legos

Reino da tecnologia

Sofialândia

Jardim, no país das maravilhas e da música

Fica em sítios diferentes da minha imaginação, fica onde os sonhos me levarem

Num conto de fadas

No monte das almofadas em que ao lado esteja o monte de gelados

Canadá

Nova Iorque

No meu mundo com os meus sonhos

3. De que falam as paredes do meu quarto?

As paredes do meu quarto estão bem sem falar, assim sei que o que lhes digo, elas não dizem.

As paredes do meu quarto falam de histórias felizes e histórias infelizes, alegrias e tristezas.

As minhas paredes contam, não a fantasia mas a realidade, a alegria e o passado, ouvem a alegria e choram por o meu coração. Elas falam para mim e só eu as ouço. Elas falam do passado e do futuro, elas falam do coração.

As paredes do meu quarto falam sobre astronomia.

Falam sobre a liberdade, sobre o azul do céu.

As paredes falam de futebol e para parar de chutar contra elas.

Falam de problemas que eu tenho pois lá estou sozinho.

As paredes do meu quarto diziam para eu não chorar ou não me preocupar com pequenas coisas.

As paredes do meu quarto dão-me ideias, felicidade, originalidade, opiniões e sobretudo muuuito carinho!!!

O meu quarto fala-me para me acalmar, não chorar e ter o máximo de carinho com ele.

Falam sobre a minha caminhada da vida.

Jogos de computador.

As paredes diziam para eu ter mais calma e não ser tão ansiosa.

Dizem que sou estranho num bom sentido.

As paredes do meu quarto falam de memórias, histórias e momentos.

De música e de sonhos.

Contam histórias de lugares longe onde a paz e a imaginação reina, onde cada um mostra o seu verdadeiro ser.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Falam de carinho.

Falam do quanto cuida delas.

Falavam da minha vida e para eu continuar a ter força.

Falam da minha vida, emoções, sentimentos, desabafos.

Conflitos na escola, segredos de amigos, de música.

ANEXO 10 – Ação 3: Texto do escritor português Gonçalo M. Tavares

Diálogo sobre ideias, metros quadrados e planeamento

– Falemos de ideias.
– Muito bem.
– Pensemos numa ideia que não muda de espaço, não circula, mas passa para a geração seguinte na mesma casa. Ou seja, a ideia a passar de pai para filho, como um segredo... Esta ideia não sai daqui, diz o pai ao filho. Não quero que esta ideia percorra espaço, quero apenas que esta ideia percorra tempo. Quero que passes, daqui a uns anos, este segredo ao teu filho e que o teu filho passe ao seu futuro filho, e assim sucessivamente.
– Um segredo familiar como herança.
– Eis o que estou a colocar no mundo, diria esse pai: uma ideia que resiste ao tempo. Terá validade por muitas gerações, por séculos, mas só aqui neste espaço, nesta casa.
– Uma ideia que só tem validade naqueles cem metros quadrados.
– Pois, sim, mas o que eu proponho é o seguinte: uma ideia por metro quadrado! Eis o lema que se exige a este século. Mais: eis o que se exige a cada pessoa que habite um espaço: uma ideia por metro quadrado!
– Bravo!
– Portanto: sete metros quadrados, sete ideias.
– Comprar um apartamento de cem metros quadrados... exigir do seu comprador cem ideias.
– Outra questão: alugar um apartamento versus alugar ideias.
– A questão é: como se aluga uma ideia?
– Alugar uma ideia é utilizá-la durante um tempo e depois passá-la a outro – para que outros a utilizem durante um certo período em troca de uma renda. Depois terão de a devolver.
– Em vez de alugar casas, alugar ideias. Eis uma solução para quem é desprovido de metros quadrados próprios e materiais.
– Quem não tiver metros quadrados nem ideias está, portanto, arrumado.
– Exactamente. E é justo.
– Pois bem, mas coloquemos questões políticas relevantes.
– Coloquemos.
– Pergunta 1.
– Um.
– Como se planeia?
– Olhando para a frente.

– Pergunta 2.
– Dois.
– Como se estuda a história do mundo, do passado?
– Olhando para trás.
– Pergunta 3.
– Três.
– Como se planeia o passado?
– Como?
– Estava a brincar. Estava a ver se estava atento.
– Sim, mas eis uma questão bem forte e bem política.
– Qual?
– A questão de planear a História. Planear, projectar, programar o dia de ontem, a semana anterior, o século passado.
– Planear a História?
– Como se planeia o passado? – uma das grandes questões políticas.
– Bem presente nos ditadores.
– Exacto. Planear o passado é agir sobre o passado – e isso é possível, claro, sem viagens de ficção científica.
– Estaline, por exemplo. E não só. Tantos! Apagar, das fotografias, ex-companheiros. Eis uma forma de olhar para a frente e para trás ao mesmo tempo: planear o passado.
– Já que não podemos controlar o dia de amanhã nem sequer o dia de hoje, passemos a controlar...
– ...o dia de ontem!
– Sim, por exemplo. Não sou político, mas acabo de decidir o seguinte: hoje vou planejar a véspera!
– Assim sim, o verdadeiro planeamento exacto.
– Planear a véspera para não correr o risco de ter surpresas.
– Eu diria que há países – e homens individuais, perdoe-me a expressão – que são incapazes de planejar a véspera.
– Um país que planeia o ano anterior, um país que em 2012 planeia o ano de 2011 e... mesmo assim... falha!
– Eis o desastre.
– Em que país está a pensar?
– Ah, meu caro, meu caro. Não falemos em nomes! ●



GONÇALO M. TAVARES ESCRIBE DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA

ANEXO 11 – Ação 3: Planificação das aulas

Lição 1 | 2 (Bloco 90 min.)

Exposição de conceitos

Esta aula servirá para uma breve exposição acerca da arte ativista, como se constitui e qual a sua contribuição para a sociedade. Considera-se necessário fazer-se uma ligação entre a arte, ativismo e a escola para que os alunos compreendam como podem ser utilizados estes três intervenientes nas aulas de educação visual. Deve ser explicado que a arte ativista é uma arte partilhada e participativa onde não conta a genialidade do artista mas a transferência da sua obra para as mãos dos não-artistas, ou seja, do público. Também devem compreender que o espaço onde vão intervir é o polivalente pelo que eles serão os artistas que num projeto coletivo desenharão uma nova escola em parceria com os seus colegas, docentes e não docentes. Criar-se-ão grupos de trabalho, grupos de artistas ativistas. Nesta aula, os vários grupos interpretarão a obra que lhes for dada para analisar.

Lições 3 | 4 (Bloco 90 min.)

Pseudónimo + Manifesto

Como muitos grupos de artistas ativistas surgidos por volta dos anos 70, os alunos em grupo devem, tendo em conta as suas interpretações, criar um pseudónimo para o grupo e logo criar um pequeno manifesto do mesmo com as suas ideias e aquilo que querem representar. Este pseudónimo e manifesto serão trabalhados de forma plástica num cartão 20x30 cm.

Lição 4 | 5 (Bloco 90 min.)

Criação artística

Nesta aula os grupos devem começar a reinterpretar a obra à medida que a vão discutindo. As diferentes partes da obra serão distribuídas pelos grupos e cada grupo intervirá plasticamente de forma autónoma utilizando os materiais que desejar tendo em conta que o suporte para tal deve ser o cartão.

Lição 6 | 7 (Bloco 90 min.)

Criação artística (continuação)

Neste momento os alunos devem estar a terminar de pintar e explorar os diversos materiais e os grupos mais avançados devem auxiliar os mais atrasados. Esta última aula também servirá para os alunos criarem o panfleto a ser distribuído pela escola. Este panfleto deve conter obrigatoriamente «Por favor incomodar» para chamar às pessoas ao quarto e escrever as suas ideias.

Motivação

Os alunos devem ser incentivados à liberdade na expressão utilizando os materiais que desejarem e deixar que eles sintam que os artistas também trabalham em grupo e que as ideias de todos os elementos são fundamentais para a criação da obra.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Materiais/recursos

Datashow; computador; grafite; marcadores; lápis de cor; lápis de cera; cartão; acrílicos; óleos; guaches; aguarelas; pastéis secos e pastéis de óleo; e outros.

CrITÉRIOS de avaliação

Interpretação- 10%; Nome + Manifesto-10%; Criação artística-70%; Evento-10%

Interdisciplinaridade

Esta unidade pode atravessar várias disciplinas como o português nos manifestos e história na compreensão do conceito de ativismo.

ANEXO 12 – Ação 3: Diapositivos

ARTE ATIVISTA O QUE SIGNIFICA?

Atividade **partilhada** e **participativa**
onde as ideias circulam livremente.

Sala
Polivalente
ESCOLA



Onde tudo pode ser **imaginado**.
Onde a escola se torna um **lugar de ideias**.

UM QUARTO. UMA **IDEIA**.
UM QUARTO. UM **MANIFESTO**.

Atividade artística vivenciada e
transferida para as mãos de **não-artistas**.

Partilha de um **projeto artístico coletivo**
e desenho de um novo ambiente para a escola.

Substituir um espaço vazio por um **espaço
lúdico**.

Através de uma obra de arte
que **REPRESENTA AS IDEIAS DE UMA ÉPOCA**.

EVENTO COMO COMUNICAR?

PARA COMUNICAR É PRECISO...



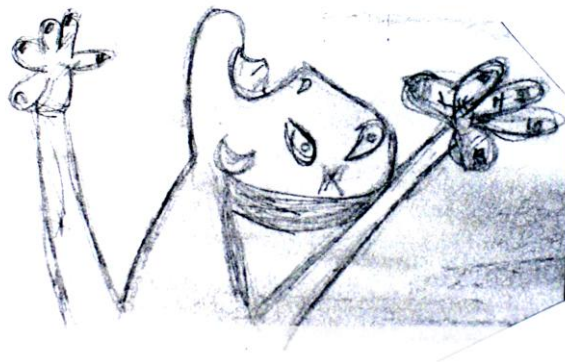
**Construir uma obra bidimensional
de forma TRIDIMENSIONAL...**

**...e que será o IMAGINÁRIO DO
NOSSO QUARTO.**

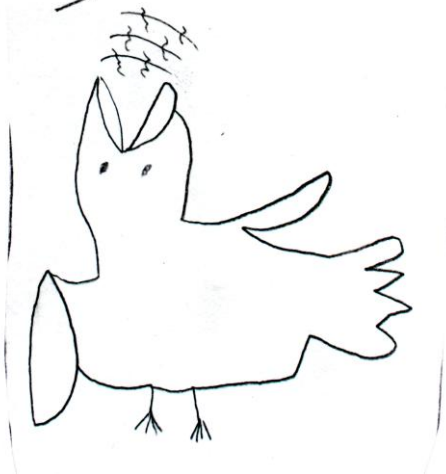
[O que está oculto na nossa imaginação.]

ANEXO 13 – Ação 3: Panfletos *Por favor incomodar*

POR FAVOR
INCOMODAR



POR FAVOR,
INCOMODE



ANEXO 14 – Ação 2: Texto do escultor português Rui Chafes

SERRALVES

UM QUARTO CHEIO DE NEVE

O meu quarto não tem paredes. No meu quarto está sempre a nevar e, no silêncio irreal que esse denso manto branco instaura, as montanhas vão exibindo os seus relevos feitos de sombras e encostas iluminadas. A primeira vez que descobri essas enormes montanhas no meu quarto fiquei sem palavras para as descrever. Os meus olhos percorreram lentamente essa longa paisagem e descobriram que, nalguns pontos desses campos nevados, existiam também pequenos lagos de sangue. Um dia, em que nevava intensamente, a montanha maior, em forma de mulher envolta em brancos lençóis, começou a elevar-se lentamente até ficar a pairar em frente dos meus olhos incrédulos. Compreendi finalmente que as montanhas de neve, por vezes, revelam a sua verdadeira existência e se elevam no ar como uma mulher que nos deixa sozinhos.

Dentro do quarto construo um mundo apenas visitado por figuras vestidas de vermelho e de ouro. Por vezes vêm de cinzento e branco e perguntam-me como me sinto. Em frente dos meus olhos ergue-se a última janela, a que recebe o último olhar. Tentel, várias vezes, agarrar essa janela; nunca me foi possível, talvez ainda não tenha chegado o momento da partilha do meu silêncio com os silêncios mais antigos, os que me entram no quarto através dessa última janela.

Para chegares a uma casa, tens de caminhar. Tens de procurá-la. Uma casa não existe. Uma casa não vem ter contigo, à tua procura. Nenhuma casa te espera, a menos que aceites que aquilo que te espera possa ser uma casa. Tens de procurá-la, tens de construí-la, mesmo que pareça já estar construída.

Procuramos uma casa, nem sempre sabemos onde ela se poderá encontrar. Uma casa de granito, ou de calcário, ou de madeira, ou de betão, ou de pano, ou de terra misturada com canas, ou de ferro, ou de papel. Um cobertor, ou apenas a arcada de um prédio na noite desta cidade. Ou os lençóis de uma cama, ou um quarto de hospital, ou as quatro paredes de um asilo ou de uma cela de prisão. Lugares onde a espessura do tempo perde todo o significado. Uma gruta onde alguém esperará por alguém até que a última vela se extinga e tudo mergulhe na escuridão, para sempre. Um pequeno apartamento perdido entre tantos outros, ou um palácio escondido por detrás das árvores. Enormes janelas sobre a paisagem, uma distância que nos defende do mundo através do mais preciso enquadramento da sua beleza. Uma casa negra, uma sombra. Uma casa que não quer aparecer, que está e não está, que existe e não existe neste lugar, erguendo a sua sombra entre a brancura de todas as que a rodeiam. Ou as paredes de betão, viradas para dentro, que nos isolam do resto da cidade. Uma sucessão de longos muros coloridos onde os ramos das árvores se

duplicam, silenciosamente, em forma de sombra. Um sofá no canto do quarto, a estante com todos os livros que contêm o nosso mundo. Um compartimento de comboio. Um quarto de hotel, frio, daqueles baratos, perto da estação, que os ladrões preferem, para poderem mais facilmente fugir. Uma cama para o nosso cansaço. Um objecto amado que conservamos no calor da nossa mão. Uma carta que recebemos e que mantemos guardada. Ou o armário com todos os objectos que recolhemos nas nossas viagens. Uma casa pode ser uma praia, uma onda, uma rocha. Uma casa é uma fogueira, ou é um copo de leite quente, ou um copo de vinho, ou um copo de água. Uma casa solitária, rodeada de miragens. Uma casa abandonada, que nos abriga da chuva. Uma casa é um jardim, uma árvore com raízes ou a sua sombra, apenas. Uma casa de adobe no vazio do deserto, uma tenda na estepe ou na hammada, o longo tempo que passamos escutando o sangue a percorrer as veias do nosso corpo. O velho nómada que vive numa tenda, no pátio da casa do seu filho, porque sabe que morrerá no dia em que tiver um telhado sobre a sua cabeça em vez do luminoso silêncio das estrelas.

Nós somos as casas, os países, as fronteiras. A nossa casa são as dunas do deserto onde, se algum dia morrermos, as nossas cinzas serão espalhadas e assim ficaremos para sempre juntos, levados pelo vento, pairando no nosso mais amado lugar do mundo, misturados com a areia, ora escaldante, ora gelada. A nossa casa é a nossa viagem, eterna e sem retorno, para além da última fronteira. Nunca mais nos custará subir as dunas, se fizemos parte delas. A minha casa és tu.

Se viveres no sítio onde nasceste, estás sempre a perder, diariamente: nada conseguirá curar as feridas da memória. Se emigraste para longe das tuas raízes, não perdes nada, tudo é novo para o teu coração. Tens tudo, menos o reconhecimento permanente e sempre espantoso dos espaços que já habitaste em criança, e que continuas a habitar. Reconhecer... é essa a palavra mais pesada de todas, quando falas da "casa". Falas de memória, de regressar às origens, do primitivo instinto do regresso. Uma menina com um ano, sentada na cadeira do fotógrafo, olha-nos lá de longe, na imensidão do tempo, com os seus olhos transparentes, a preto e branco; hoje tem quase 90 anos e a casa de granito onde nasceu persegue os seus sonhos e oferece-se, em vão, à sua corrida apressada e alegre pelas varandas e escadas. O cheiro das madeiras, o toque das maçanetas das portas na palma das nossas mãos, é disso que nos fala a muda arte dos construtores, dos arquitectos. Uma construção precisa, que fala apenas a sua própria linguagem, a sua própria essência específica.

O meu quarto não tem paredes, apenas sombras projectadas nas paredes. O medo que nos habita, desde a nossa infância, é a marca que ficará indelével no nosso coração. A criança adormece com medo da noite, com medo de não acordar mais. Na penumbra do quarto, enquanto observa os animais monstruosos que povoam as paredes, a criança pergunta-se, aterrorizada, sobre o que haverá quando morrermos. A noite envolve-a lentamente e ela ignora que a manhã chegará e que tudo recomeçará de novo. É importante lembrarmo-nos da primeira vez que tivemos medo do escuro

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

Uma casa é o riso e as vozes das crianças que a habitam. Uma casa é onde o sorriso antigo dos nossos Pais permanece sempre à nossa espera, de cada vez que chegamos. Uma casa é uma gargalhada, ou as vozes e o sorriso dos amigos. Procuramos uma casa que exista em todo o lado, sem tectos nem paredes. Nem alicerces. Nem portas fechadas.

Uma casa é um abraço: o maravilhoso aroma da pessoa amada, a sua acolhedora temperatura, a comovente suavidade e doçura dos seus contornos, a sua pele, a sua voz, o seu olhar que nos envolve. O seu sorriso, que sempre reconheceremos. A sua mão no interior da nossa mão quando passeamos os dois. Esta é a casa mais eterna e a mais precária, a única que esperará sempre por nós.

O meu quarto não tem paredes.

Nenhuma casa vem ter contigo. Para chegares a uma casa tens de caminhar, tens de a procurar. Podes conseguir encontrá-la, no tempo da tua vida. Ou não.

Rui Chafes

Lisboa, Fevereiro 2012

(texto adaptado para o seminário "Quarto: lugar de abrigo, identidade e evasão", Projecto com Escolas 2011-2012, Fundação de Serralves, 25 Fevereiro 2012)

* O texto não adopta o novo acordo ortográfico.

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

ANEXO 15 – Ação 2: Fotos dos quartos individuais



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces



ANEXO 16 – Ação 1: Refilanços

ESCOLA

1. A escola é uma *****... Eu quero boas notas não quero aturar os cromos dos stores...
2. Vou ter 6 negas. Yeah!
3. Melhores condições no polivalente
4. Eu não posso faltar... Os lugares alteram-se logo. Que nervos!
5. Gosto da escola LOOL
6. Falta de luz natural
7. Mamã, quero ir para casa... Não gosto da escola - -‘
8. Esta escola não tem árvores e é só betão. É só alcatrão e as mesas e os bancos nem sequer são em madeira
9. Não quero testes
10. O bar é pequeno demais para tanto cliente
11. Menos aulas
12. D.Guida a escola devia ter mais gomas :\$
13. Finalmente acabaram as aulas
14. “...o governo vai aumentar a carga horária...” ‘Tou lixado, vou ter de andar imenso tempo na escola oh
15. Eu não gosto dos professores
16. Eu odeio quando os stores têm alunos preferidos!
17. As obras atrapalharam as aulas
18. Nós queremos férias!!
19. Fora os trabalhos de casa
20. Ida livre aos cacifos
21. É só preferidos na turma, também quero ser!
22. Os filhos dos professores não devia ser beneficiados

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

23. Parem de calar a voz dos alunos!
24. As aulas não deviam ser uma seca
25. Concordo com o Jorge aquele que disse que esta escola era pior que o ciclo
26. Despedir o Ventura
27. A fila do bufete é só uma. Não há duas uma para professores e alunos. Por isso senhores professores não há cá passar à frente.
28. Os corredores deviam ter mais janelas para dar iluminação. A escola tá muito tapada!!
29. A escola é uma seca
30. Durante as aulas a porta da entrada do poli poderia estar fechada, pois evitava-se a corrente de ar para quem se encontra dentro da escola
31. Não queremos aulas nas férias!
32. Falta de condições
33. Menos aulas
34. Esta escola está muito mal construída
35. A escola devia acabar, é seca
36. O comer da cantina está a perder qualidade
37. Escola linda!! :p (tou a mentir)
38. Porque é que temos de vir à escola?!
39. A escola até é fixe quando quer FDX! LOL!
40. ESE nunca mais chega as férias! (:
41. Falta de luz no polivalente
42. Estou de férias! Já não tenho de aturar a professora de matemática
43. A funcionária da cantina, que nomeadamente serve a comida, está quase sempre de mau humor e trata mal os alunos. Queremos festas das listas!
44. Que escola linda. Só betão e falta de luz...
45. Acabar a escola
46. Aleluia que seca

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

47. A cantina devia abrir mais cedo, pois assim saíamos das aulas e íamos logo comer
48. Quero usar o telemóvel na sala de aula!
49. Na cantina não dão a mesma quantidade de comida e todos pagamos o mesmo. E a funcionária responsável não tem necessidade de ser malcriada e tratar mal as pessoas.
50. Acabar a escola
51. Acabar a escola
52. Estamos na escuridão nesta escola
53. Eu tenho uma média para fazer
54. Eu gosto muito da escola ☺
55. ESE; ESE; ESE; ESE; ESE; ESE
56. Que escuridão nesta escola... Isto é normal?
57. Menos carga horária e mais respeito
58. Quero uma nova prof de geo que me dê melhor nota
59. Acabar a escola
60. Tava a ver que a escola nunca mais acabava lol XD
61. Queremos mais segurança na escola!!! E mais funcionários na escola!!!
62. Mais feriados; menos trabalhos de casa!
63. Não quero estar sozinha nas aulas de história! Vou morrer de tédio!
64. Eu refilo das aulas
65. O bloco C está muito frio!! Não há condições...
66. Queremos férias!!
67. A escola tá uma confusão
68. Queremos mais funcionários na escola! Desejo ter mais “calor” no meu sector, apanho muita corrente de ar...
69. Esta escola devia ter enfermaria
70. As férias deviam ser maiores!

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

71. Odeio a escola - . –
72. Espero que exista mais segurança nesta escola...!!! Evitem isto pf xD
73. Não gosto da escola... Apoiado!
74. É lamentável o problema gravíssimo que sucedeu nesta escola com um aluno que foi violentamente agredido e está no hospital. E o sr. Director não faz nada quanto a isso. É uma vergonha. Até os alunos já não se sentem segurança! Faça alguma coisa! REVOLTEM-SE!
75. Está a existir muita agressividade
76. Há muita violência nesta escola
77. Isto é pró stores
78. Eu refilo com as escola e com os professores!
79. Olá ativistas! Eu quero muitos 5 nas pautas
80. Para quê uma escola tão grande se tem tão poucos funcionários! Não teria sido melhor renovar o que estava?
81. Vivam as férias de natal :p
82. Quero uma mesa de matrecos no poli
83. Bai para casa mazé estudar
84. Eu quero usar os meu telemóvel nas aulas
85. Eu sou um amendobobo
86. Esta escola não presta! Sempre para trás e para a frente!
87. ...professores bons, queremos profissionais!...
88. Telemóvel nas aulas SIM!
89. 6 a história? WTF!!! Morri diabo!!!
90. Com as construções os alunos estão a ser prejudicados
91. +férias, - escola
92. Queremos mais stores como o de física João Pinto
93. Não curto as novas regras da escola. São uma ***** ...
94. Intervalos maiores

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

95. As aulas são uma seca, principalmente a de inglês
96. Adeus escola
97. Digam sim aos telemóveis na aula!!!
98. Último dia e depois férias
99. Há professores que falam com ar superior para os funcionários. Somos todos iguais!
100. Estou a precisar de férias
101. Abra os olhos sr. Diretor. Fora a violência, fora com as drogas, fora com empregadas malandras, fora com o atendimento especial no buffet para os professores
102. 90 min de intervalo e 15/10 min de aulas
103. Não gosto do facto da escola ser muito fria
104. Podia haver mais sobremesas e menos peixe!
105. Mais visitas de estudo (;
106. Deêm-me positiva -.-
107. As aulas não valem nada
108. Dispensem alguns professores. Todos concordo
109. Acho mal a direcção não tomar qualquer medida por causa do acontecimento ocorrido na terça-feira
110. A escola tá bonita mas é só por fora nem ar condicionado tem.
111. Odeio a minha professora de português
112. Quero um 4!
113. Quando é que o material informático funciona bem? E de vez?
114. Já estou farto disto!! Queremos ser nós a escolher as nossas disciplinas.
115. Tu ai banana como vai a escola? O que achas? Os stores devem ter a cabeça grande porque não entendo o que dizem!
116. Os profs não levam chaves para as salas!
117. O país está em crise mas a escola não fica atrás!!

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

118. Há pessoas que não têm humildade nenhuma, o 8ºF pede para não nos rejeitarem nem nos tratarem mal!!!
119. Tou farto das aulas
120. A escola devia ter música no polivalente! Alegrava os intervalos ☺
121. Caraças p'ós profs -.-
122. Não gosto lá muito desta escola, preferia o ciclo
123. É só injustiças nas notas!
124. Mais civismos na escola, pois não estamos num infantário mas sim numa escola secundária
125. Não gosto da nova escola
126. A escola é muito linda. É pena que seja mentirosa
127. Odeia a escola SE!
128. Stop aos discursos do sr.diretor
129. Eu quero sair da escola, mamã!
130. Esta escola é má. Não há amizades, não há conforto
131. Acho mal os alunos serem suspensos durante uma série de dias, pois isso é o que eles querem: “Não vir à escola”...
132. Não quero estudar, quero férias!!!
133. A comida tem de ter maior dose
134. Último dia de aulas
135. A funcionária responsável da cantina não serve o comer de igual maneira a todos, e quando os que levaram menos comer vão pedir mais, ela reclama e trata mal os alunos. PAGAMOS O MESMO , TEMOS QUE RECEBER A MESMA QUANTIDADE.
136. Os camelos acabem com a escola
137. Devia de haver mais tempo de férias do que aulas ☹ ☹
138. Fila única para o bufete!!!
139. Devíamos ter aulas ao ar-livre!

SOCIEDADE/ POLÍTICA

1. Insisto na união
2. O ensino obrigatório vai ser até ao 4ºano, ainda bem!!
3. Hoje o país vai falir. Estúpidos políticos
4. Estou contra o acordo ortográfico
5. A educação cada vez está pior no geral
6. E a crise chegou a Portugal, fujam enquanto podem, fujam!
7. A república... que seca!
8. Ainda bem que sou velha... Bolas, já não vou ter uma boa reforma!
9. Quem manda aqui sou eu!
10. O país está mal mas esperamos melhores dias. Feliz Natal
11. Ai! Ai! Ai! Tiram o vencimento todo aos professores
12. Já não existe amor!
13. Oh pah, ajudem-me a refilar carago!
14. Legalize
15. Tirar-me o subsídio de Natal é que não!
16. Farta de pessoas falsas no mundo :s
17. Eu sou lésbica. Eu sou lésbica!
18. Porque gastei o meu dinheiro com isto? Este país está mesmo ótimo... Até a porcaria dos filmes falam de crise...
19. Nós, 8ºF, pedimos que refilem e não dizer asneiras e rejeitar-nos. Para isso não escrevem!!
20. Sim à paz. Diz não à violência. Não à guerra no mundo!
21. Abaixo o ministro da educação que vai cavar terras e não esteja sentado à secretária

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

22. Aumentem os feriados, não os tirem
23. Menos bullying
24. Palavras não me chegam, quero atitudes
25. Learn, learn, learn and don't stop!
26. Oh, estúpida, anda cá. Esqueceste-te da tua mala. Aih, esquece... tem dinheiro, eu fico com ele!!
27. Tá tudo ***** a crise chega a tudo (sonhar ainda é de graça)
28. Não haver trabalho para os jovens
29. As mulheres são poderosas!!
30. Odeio falsidade e maldade. Refilo contra os valores da nossa sociedade!
31. Mais educação, respeito pelos outros.
32. Diz não às pessoas que te fazem mal!
33. Contra o acordo ortográfico!
34. Não ao acordo ortográficos...
35. O governos sempre a calar os pobres
36. Já não existe respeito entre as pessoas!
37. Igualdade!
38. Estamos a viver num mundo abundante em crise! Estamos em crise não parece ao dinheiro que este gajo ganha e gasta em coisas completamente desnecessárias!
39. O IVA vai aumentar para 69%. OMG já não vou ter prendas de natal ☹
40. Quero mais comer e menos chulisse
41. Quando eu tiver 20 anos vocês vão ver o que acontece à crise - - ‘
42. Poio do Sócrates e do Pedro que dá passos de coelho
43. Menos à desigualdade
44. Já não existe simpatia, educação e respeito!
45. Quero um aumento de salário! Estou cheia de ganhar só para comer. Quero um emprego não um trabalho

46. Free Tibet

RELAÇÕES/MENSAGENS

1. Não gosto de nada
2. Reis estúpido!!
3. És um pão :s
4. Não fales pah
5. Não tenho nada a acrescentar!
6. Só força. Só tens paleio
7. Eh men, que seca. Daqui a pouco vou buscar a minha PSP
8. Tou farto de refilar
9. Gosto muito e de ti Amanda <3
10. 8ºF, quero chocolates
11. Nada a dizer.
12. I love my bestie. Matilde Oliveira
13. Tou farto de ti
14. Oh gente feia
15. Cala-te boca
16. És um pão *_*
17. Na escola devia de haver só gajas boas
18. Força Jorge
19. És um tóto ☺
20. Devia haver mais rapazes bonitos na escola
21. Tenho amigos verdadeiros
22. Verónica <3

23. O meu gajinho não quis refilar
24. Tu és espetacular
25. Não quero cair
26. Feliz Natal
27. És um comido drogado
28. És lindo :p
29. Nunca mais é sábado!
30. Feliz Natal!
31. Hoje só quero ir para casa
32. Quem é do benfica é cá dos meus
33. Não gosto de refilar
34. Quero-me casar com M.Q.
35. Cala-te Tiago!
36. Sou muita bom!
37. Vamos apoiar o Benfica
38. Ai que violência!
39. Ela é ogre
40. Oh que lindo, adoro romances (estou a brincar)
41. Mais gajos bons na escola!!!
42. Gosto muito de ti Sofia
43. Estou a ser assaltado!
44. Afinal o que se ensina na faculdade de arquitetura do Porto?
45. Love the life you live; Live the life you love ☺
46. I love Hugo Padinha and Dada
47. Feliz Natal ☺
48. Ahahahahah é só talento!

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

49. Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego
50. Ai se eu pudesse matar alguém!!
51. O dia de hoje está a ser uma seca -.-
52. És um drogado
53. É mano cala a boca...
54. Feliz Natal
55. Sou convencida!
56. Nossa nossa assim você me mata. Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego
57. Ramos sucks
58. C'um catano, já estou farto de refilar!
59. Gooo Jorge
60. Bom Natal!
61. Quero reclamar: demoram muito a tirar a foto
62. I love Tiago Silva
63. Bla... Bla... Bla... Mas o que é que ele está para aqui a dizer?
64. Dimitri descobre que o velho é
65. Benfica!
66. Devia ter uma PS3
67. Quero um solo Matilde!
68. Eu não sou ignorante
69. Ai se eu txi pego!
70. Dimitri descobre que tirou tudo negativa a matemática! Ahahaha
71. É só alcatrão. É uma seca!
72. Não digas não ao Jorge, diz NIM!!! (sim) Vota com cabeça Jorge!!!
73. Boas festas! Muita fiesta loca! ☺

74. Feliz Natal
75. Gosto disto. Falsas são vocês!!!
76. Adoro-te Sofia!
77. Gosto muito de vocês <3
78. Refilem à vontade
79. I'll stand up next to a mountain
80. Havia um pessegueiro na ilha... ou não!
81. Vamos excluir o Ramos!
82. Já não existe amigos verdadeiros!
83. Amo-te chico
84. Temos todas a consciência tranquila. A tua é que deve pesar!
85. Expulsem a Jéssica da escola ☺
86. Vai Jorge!
87. Aproveitem a vida e não percam tempo!
88. Adoro-te saca-rolhas <3
89. 30?!!!! Boa puto!
90. 8ºF, abaixo a delegada de turma
91. Tou no meio de uma cambada de feios
92. 'Tá calado. Este filme 3D não presta
93. É uma seca!!!
94. Tou sem saldo. Nervos!
95. Olha que eu mordo. Tu tem cuidado!
96. Hoje vou fazer a barba!
97. Não posso falar porque já fui do caraças mais velho
98. Sou bué saloio
99. Tu tens é inveja de ti? Nunca

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

- 100. Força Jorge. Porque é que o Diogo é tão gato?
- 101. Tou no 3D não me chateie
- 102. Bou cair!
- 103. Tiago és gordo
- 104. Há filmes em 2D, 3D e 4 D mas ainda não há um filme 1D!
- 105. Não gosto nada de ti, Sara
- 106. Sou melhor que o Jorge!!! Mas como ele já é presidente ninguém fica descontente. Força rapaz!!!
- 107. Desejo-te uma boa nota Madalena
- 108. Tanta gente com óculos de sol e não está sol cá dentro. Esta gente é toda do Benfica e do Porto!
- 109. Tira-me a mão. Daqui a pouco dou-te um pontapé. Ja tou farto de te ouvir pah...
- 110. Não gosto das máquinas ao pé do WC!! Que falta de gosto
- 111. Olha o peixe fresquinho!
- 112. As gajas são melhores que os gajos!
- 113. Verónica és toda boa!
- 114. Lawlllllllllll!!!!
- 115. Quero telemóvel nas aulas!
- 116. Oh carago deixa-me em paz!!!
- 117. Este par é bonito ☺
- 118. Quero falar alto!
- 119. Pêjos excluído

OUTROS

- 1. Vais de vela como os desempregados! Aprende home!
- 2. Não me deixam falar porque me tornei num cágado

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

3. Um dia eu serei algo que nunca foste
4. Não cabe no balão as injustiças existentes
5. Tirar os feriados sim mas as pontes não, se não caio ao rio!!!
6. Os bandidos devem estar na prisão! Não na escola!
7. Please! Learn how to appreciate silence!
8. Um papel em branco, tanto para dizer... Não me digas nada, não venhas com poesia, que isto é só fachada!
9. És o meu cavalete
10. Bamos à guerra com B de Baca e Vatalhar com V de Vurro
11. Cuidado 'tá a chover pepinos
12. Não falem, digam!
13. Não gosto que me acordem ao berros e a abrir logo as persianas
14. Sou a nova Mona Lisa. Já fostes
15. J'en ai marre de la crise!
16. Queres vir a Frankfurt comigo?
17. Quando vir alguém a vender ar, já vi de tudo
18. Vocês riem-se de nós por sermos diferentes, e nós rimo-nos de vocês por serem todos iguais
19. Olá, olá, olá, eu sou o Peter Pan e gosto de menina pequenas, são umas santinhas. OMG! Este estúpido nem sabe o que diz!
20. Não deixes para amanhã aquilo que podes fazer hoje
21. Tenho 5 coelhos pequenos nos PSD! Mas agora só são 2... Porque 3 já abriram os olhos!
22. Queres vir comigo à lua?
23. Não me está a apetecer fazer nada! Nem escrever nada! Por isso não digo mais nada!
24. Os feriados serão retirados. Cara de melancia!
25. Será que o pluto é filho da pluta?
26. Sou mulher mas tenho mais que o massas. 40 carago!

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

27. Sou um macho latino
28. Olá feitosa, queres curtir comigo??
29. Dada a conjuntura económica em que o país se encontra, estou contra o dinheiro gasto em luzes de natal na madeira. É um atentado à pobreza!!!
30. Anda cá ao pai
31. És tão feia. Até os chulos as comem
32. Sou lindo como o sol, uma autêntica brasa!!! Uma autêntica bomba
33. Vendo peixe 7 euros o quilo
34. Oh cromos, olha a festa de logo
35. Tão a olhar para onde seus bufas? Ui ele tem a mania
36. Cuidado com aqueles rapaz com calças de licra
37. Porra, quando é que o charro passa por aqui? Ainda não chegou cá.
38. A minha identidade é confidencial. Ass.: Rainha Isabel II
39. Eu sou do governo e meto medo. Ai que abutre
40. Devia haver mais sangue
41. O cego é aquele que não quer ver a realidade
42. Sacode moço. Ai menino, limpava-te as teias todas.
43. Foram despedidos por SMS
44. Os árbitros de hoje em dia são uma ***** Parece que compram o curso na loja dos chineses
45. Este gajo deve ser do PSD porque quer roubar-me
46. Ai se eu te pego. Já foste Cândida
47. Porra, tira-me a mão, cuidado, tenho ranho
48. Sai da frente Guedes
49. Força, vou conseguir, queres fazer braço de ferro?
50. Sou linda de morrer

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

51. Ela é ogre
52. A feijoada estraga a camada do ozono
53. Vai lavar-te amor
54. Força Leslie. Estamos contigo carago.
55. Lavastes os dentes?
56. Vamos a Frankfurt amanhã?
57. Será que se a Diana Chaves casasse com o Paulo Portas, o seu filho iria-se chamar Joana Porta Chaves? Pahahaha X)
58. És a minha mulher ou empregada?
59. Dá um beijinho bebé senão voa-te a saia!!!
60. A vida deu-me com os pés ao contrário
61. Estou indignado com as vindimas XDD
62. Atenção estamos a entrar em crise, está a afetar todos os países, cuidado! Este camelo só agora é que sabe!
63. Devia haver croissants durante todo o dia
64. Acham que somos burros de carga, a nossa mochila é muito pesada sábios do ME Ministério da Educação
65. Este natal não quero bens materiais, quero apenas o calor do teu abraço
66. Se te zangares eu conto até 2012 para não ficares infeliz
67. I'm macho woman
68. Já não me basta roubar o ordenado também me querem roubar a boca e os olhos!
69. 30 carago!
70. –Vamos! lá? Ela: - Não, estamos em crise
71. Estamos ***** Grande novidade
72. Sou deliciosa
73. Eu é que trabalho e os olhos não fazem nenhum. O corpo é que paga, deixa-o pagar
74. Na escola não se faz nada. Quero uma Wii

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

75. Um dia destes ainda se tem que pagar imposto por sorrir
76. O que é o jantar?
77. Eh pah. És lindo como o sol
78. Ai se eu te pego
79. Tás aqui tas a chorar
80. A mão dele cheira bem
81. Não faço mais a barba, não corto mais o cabelo, senão a miquelina dá-me cabo do pêlo
82. Não quero saber nada, apenas da Mealhada
83. Por vezes há esferovite nos balneários
84. Tocou trombone, é fixe
85. I love Kit Ketos
86. O Sócrates ouvia portas a bater passos de coelho... Agora é o país que ouve passos de coelho e não gosta... Até mete medo!!!
87. Tá tudo ***** a crise chega a todos, mas sonhar ainda é de graça
88. Amanhã vamos ficar ricos. És como a stora de matemática que promete e nunca cumpre!
89. Hey, vai ao talho e compra dois porcos... Eu sei, mas hoje não os vou poder matar. Mas tens o teu filho e o teu marido.
90. Mandem os animais para o zoo
91. Querida, vao trabalhar que logo há festa
92. Durante a hora de trabalho não se deve estar com o telemóvel e maquilhar-se (empregadas)
93. Hey pessoal! O diretor tem uma escola completa mas há falta de papel higiénico nas casas de banho! XD
94. Temos de atingir o sucesso na escola. Venha estudar por nós!
95. Ai que eu vou cair carago
96. Txiii olha o Paulo Portas que bonito XD

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

97. Neco corta o cabelo!!
98. Gajos bons, precisa-se urgentemente
99. Buenos dias matosinhos! Olhós abiões lá atrás. Tá a chober chóriças!
100. Peixe fresquinho, 3 euros ao quilo!
101. Ai lelo tens um cu tão belo
102. Bou-me valdar a protuguês
103. Depois de ti mais nada nem sol nem madrugada porque agora vou para a cova
104. Os caminhos estão todos partidos! Eu sei, venha ver o caminho da minha avó.
Devia pôr alcatrão com os cornos...
105. Sabiam que Portugal se ia afundar dai terem comprado os submarinos
106. Sou uma peixeira a vender peixe podre
107. Saio de casa, ainda tou em cuecas mas tou pronta p'ra festa
108. Um natal cheio de amêndoas
109. Este casal lindo está nervoso e contente nas vésperas do casamento
110. Os nossos impostos não deviam servir a educar bestas!!! A mim ninguém me cala

ANEXO 17- Ação 3: Ideias

1. Ajudar as pessoas
2. Responsabilizar os alunos para que desempenhem o seu papel
3. Não poluir
4. Não poluir e matar os políticos
5. Tem que haver mais compreensão
6. As marianas são giras e matem os políticos
7. O mundo é uma merda!
8. Poluir menos yheyi
9. Eu gosto muito do ambiente, não podemos polui-lo
10. Andar menos vezes de carro para não poluir a natureza
11. Não poluir
12. Não poluir o ambiente
13. Reciclar, renovar, reutilizar
14. A Mariana é a melhor do mundo!!! By: Melo
15. Acabar com a guerra
16. Reciclar, reutilizar, reduzir
17. Não poluir
18. Reciclar
19. Reciclar
20. Que o mundo morra! ;b
21. Haver menos poluição
22. Reciclar
23. Não poluir
24. Sorria!

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

25. Ser muito amigo do ambiente
26. Elos não polui o ambiente
27. Não poluir, fazer muito dinheiro porque o país está em crise
28. Deixar de haver gente parva no mundo!
29. Sorrir!
30. Matar à nascença as pessoas hipócritas, falsas e coisas assim. Sorrir para toda a gente.
Sermos bons para todos os seres vivos.
31. Reciclar
32. Não poluir
33. Vendo cena 5 paus
34. Nada a dizer
35. Que não haja guerra no mundo
36. Haver muito dinheiro
37. Menos fumadores
38. Não haver aulas
39. Que o primeiro-ministro saia do cargo, para não estragar a vida das pessoas
40. Passar menos vergonhas
41. Vendo erva 10 euros
42. Reciclar, reduzir, reutilizar
43. Não haver aulas
44. Ter mais atenção com o mundo animal. Ser mais gentil com toda a gente e não maltratar os seres humanos
45. Poluir é um ato de maldade. Não devemos poluir
46. Ser empreendedor
47. Fumar erva todo o dia
48. Ajuda quem mais precisar, nunca abandones ninguém
49. Haver mais amizade

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

50. Haver mais emprego
51. Smoke cannabis everyday
52. Fazer mais Fabrícias
53. Amor
54. Ajudar os pobres
55. Ser empreendedor
56. Gosto muito da Joana, ela tem que viver para o mundo ser bom! X)
57. Que salreu seja a capital do mundo
58. Se cada pessoa respeitasse a ideia dos outros, o mundo seria mais equilibrado e justo
59. Por favor esquece a diferença de raças e culturas e respeita todos! Nunca esqueças que somos todos iguais!
60. Acabar com a corrupção
61. Ser amigo do mundo
62. Que as bombas nucleares nunca mais sejam fabricadas e as que o mundo tem que enviem para o espaço
63. Não poluir, diminuir o preço dos alimentos
64. Abraçar a pessoa que está ao nosso lado
65. Matar os políticos
66. Para o mundo ser melhor... devia haver mais pessoas como a Ana
67. «Deixa sempre o mundo um pouco melhor do que o que encontraste» B.P.
68. O Gonçalo Melo é bué fofo e eu gosto muito dele! 😊 Ele melhora o meu mundo!! 😊
69. As pessoas valorizarem todas as coisas simples que a vida nos oferece, tais como a natureza no seu estado natural
70. Ajudar o ambiente
71. Respeitar as ideias dos outros independentemente das suas características
72. Uma ideia para melhorar o mundo: Deixarmos de viver pelas aparências e começarmos a viver pelas ideias

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

73. Não haver tanta guerra!
74. Matar a troika
75. Olá venho por este meio informar que o seu educando não fez o trabalho de casa pela 3ª vez. Agradeço que fale com ele
76. Ressuscitar o Jimmy Sullivan “The reverend” (Avenged Sevenfold)
77. Poupar a água
78. O mundo ficava melhor sem poluição e sem crise
79. Colocar mais amor e respeito em relação ao que nos rodeie
80. Adorei este projeto. Não poluir
81. Don’t worry be happy! XD :p ☺
82. Um mundo cúbico como o quarto
83. Poluir menos. Aproveitar a natureza
84. Nunca se desiste... Seguir sempre em frente e ver longe...
85. Haver menos música pimba e mais Rock e Metal
86. Viver cada dia como se fosse o último
87. Para mudar o mundo será necessário mais “humanismo, solidariedade e amor”
88. Não haver escolas
89. Ajudar as pessoas como menos possibilidades
90. Verdade
91. Reciclar
92. O mundo é muito seca!
93. Alegria
94. Trabalhar o corpo e a mente!
95. Não poluam
96. Cada um de nós deve dizer sempre aos outros: Obrigada/o! Com licença! Pedir desculpa (sempre que se tenha magoado, ofendido ou ignorado alguém). Obrigada!!
97. Respeitar todos apesar das suas diferenças. Sejam felizes <3

Imaginação ao poder em educação visual

Escola e Artes, um espaço de interfaces

98. Haver menos pessoas mentirosas, hipócritas e que não saibam admitir os erros que cometem. Se houvesse menos pessoas assim o mundo seria muito melhor
99. Procurar ser melhor todos os dias
100. Não haver tanta discriminação
101. Respeitar e tolerar as diferenças dos outros!
102. Compreensão entre todos
103. Um quarto cheio de amor!
104. Pensar no sim comum!
105. Rir muito, sonhar muito, ser feliz! <3
106. Põe mais poesia em tudo o que fazer e diverte-te!

ANEXO 18 - Questionário

1. Imaginação é...

- 1- Algo fora do normal.
- 2- Dizer tudo o que vai na mente e nos sonhos.
- 3- Algo que existe dentro de nós.
- 4- Criar um mundo controlado pelo pensamento.
- 5- Ideias criativas que ninguém mais tem.
- 6 - Sem resposta
- 7 – Tudo o que nos vem à cabeça.
- 8- Ter um mundo sobrenatural na nossa mente.
- 9- Criação de novos mundos.
- 10 – Pensar numa coisa estranha.
- 11- O teu mundo de sonho.
- 12 - Imaginar, criticar e exprimir.
- 13 – Ideias e mundos a fluir.
- 14- A imaginação são pássaros presos numa gaiola à espera do grande momento para fugir.
- 15 - Sonhar, imaginar o que nós queremos.
- 16 – Tudo o que é preciso para ser feliz.
- 17 – Um universo interior divertido e maluco baseado na nossa mente.
- 18 - Tudo o que se pode fazer num mundo distante, sonhar, sentir, viver...
- 19 - Uma forma de vivermos o impossível.
- 20 - O poder de imaginar.
- 21 – Dizer tudo o que sonhamos.

22- Voar alto e sermos quem desejarmos.

2. Para ser imaginativo preciso...

1- Imaginação.

2- De sonhar e de pensar que não há limites, nem barreiras.

3- Ser nós próprios.

4 - De pensar. Nada mais.

5- Criatividade, arte, ideias inovadoras.

6 - De concentração, de inspiração e de, principalmente, ter quem amo ao meu lado.

7 –De ter sossego e boa disposição.

8- De boa disposição e de criatividade.

9- Criatividade.

10 –Ler.

11- Pensar.

12- De inspiração.

13 –De ter inspiração e ideias.

14- Para ser imaginativa preciso de ser eu... simplesmente.

15 - Ser um pouco criança.

16 – Ser humano e artista, ser criativo e original.

17 – De imaginação que se ganha quando se tem uma boa e maluca mente.

18 - Sermos nós próprios e mais ninguém.

19 - De ter sonhos.

20 - De ter espontaneidade

21 –De sonhar, de ter aventuras...

22- De imaginação e criatividade.

3. a) Ser artista é... b) Se eu fosse artista... (Escolher uma das duas.)

1- Apresentar a nossa criatividade de várias maneiras.

2- Ser artista é ser várias personagens.

3 - Ser artista é ser nós próprios.

4 - Ser artista é pegar na imaginação e colocá-la à vista de todos.

5- Ser artista é ser como um pássaro livre que voa sem fim mas neste caso de arte.

6 - Se eu fosse artista percorria o mundo e deixava os meus quadros em todos os cantos.

7 –Pintava um mundo colorido.

8- Ser artista é ser maluco e dizer tudo o que está na nossa mente.

9- Ser artista é criar coisas novas.

10 –Ser artista é desenhar o que lhe apetece dentro do tema.

11- Se eu fosse artista tentaria fazer importantes trabalhos.

12- Seria criativa.

13 – Ser artista é tirar os mundos da cabeça para o papel e tela.

14- Ser artista é libertarmos o que sentimos com pincel e tela.

15 - Ser artista é ter uma grande imaginação e ser livre de fazer o que queremos.

16 –Ser artista é ser tudo basta ter imaginação.

17 – Ser artista é libertar o interior da imaginação, em que tudo é possível.

18 - Ser artista é sabermos o que queremos sem ter dúvidas, criar sem pensar.

19 - Saber exprimirmo-nos através das artes.

20 - Ser artista é poder se expressar como quiser. Se eu fosse artista criaria uma monalisa com massas.

21 – Ser artista é sermos nós próprios.

22- Fazer o que lhe vem ao coração.

4. Por que é tão importante intervir no espaço público?

- 1- Para mostrar ao público o que valemos.
- 2- Para descontrair e incentivar as pessoas a sonhar.
- 3 - Para mostrar um pouco de nós ao mundo.
- 4- Para espalhar a sua ideia mais facilmente.
- 5- Porque tem mais pessoas que podem ver, observar e participar nas suas ideias.
- 6- Para as pessoas verem que nós existimos e que queremos abrir a nossa imaginação pessoal para toda a população.
- 7 –Incentivar as pessoas com a arte.
- 8- Para incentivar as pessoas com a arte.
- 9- Para as outras pessoas criarem também.
- 10 –Para as pessoas se distraírem da crise e do trabalho.
- 11- Para chamar a atenção das pessoas para os problemas.
- 12- Para mostrarmos às pessoas o nosso talento.
- 13 –Porque preciso de personalizar o espaço que habito.
- 14- É preciso (importante) intervir no espaço público para mostrarmos o que sentimos.
- 15- Para não ficar aborrecido.
- 16 –Para aprendermos novas técnicas (ensinar e aprender).
- 17 – Para descobrir o interior da mente dos outros.
- 18 - E importante porque a vida sem a arte não é vida, não é nada.
- 19 - Para podermos conviver e conhecer melhor as pessoas.
- 20 - Para não vermos sempre da mesma forma.
- 21 – Para nos expressarmos.
- 22- Para partilhar ideias.

5. És um artista inquietante e os problemas sociais preocupam-te. Que problema representarias através da arte? Como?

- 1- Falta de dinheiro. Apresentando as notas a caírem das mãos.
- 2- Stress. Porque é o problema que
- 3 - Problemas sociais (racismo) através de vários trabalhos.
- 4 - Os direitos dos animais (ou a falta deles)
- 5 - É a económica.
- 6 - A xenofobia. Apenas utilizava uma tinta branca e preta.
- 7 – O problema do mundo
- 8- A solidão com pinturas e desenhos.
- 9- A desgraça financeira com o Passos Coelho a tirar o dinheiro.
- 10 –Dor e sofrimento. Fazia um quadro a fazer de sangue e pessoas a gritar.
- 11- A politica, através de pinturas.
- 12 - Trabalhar em grupo.
- 13 –O aquecimento global. O mundo a explodir.
- 14- A tristeza, a solidão e a dor com as imagens passadas do coração para a tela.
- 15 - A crise, com quadros.
- 16 –Representaria o que se está a passar. Ocupava uma tela e fazia dela um baú de imaginação.
- 17 –A crise, através da pintura.
- 18 - Pobreza, não sei como representaria, seria espontânea.
- 19 - Problemas de convivência, conflitos. Através de desenhos.
- 20 - A crise através de quadros e graffiti.
- 21 – Confusão. Porque muitas vezes os artistas costumam representar o seu estado de espírito.
- 22- Crise, pôr toda a gente maluca à porrada por causa das promoções.

6. Dos dois projetos, o que mais gostaste?

- 1- Do quarto.
- 2- O do quarto, pois tínhamos mais liberdade de pensamento.
- 3 - O primeiro.
- 4 - *Hoje podes refilar.*
- 5 - Do quadro do Picasso.
- 6 - Do quarto.
- 7 – *Hoje podes refilar.*
- 8- Dos dois.
- 9- O segundo por causa de pintar com as mãos.
- 10 –Do segundo projeto.
- 11- O do quarto.
- 12 - Do quarto.
- 13 – Gostei mais do segundo. Foi mais pessoal.
- 14- Projeto 2 porque foi divertido.
- 15 - Todos.
- 16 –*Hoje podes refilar.*
- 17 – *Hoje podes refilar.*
- 18 - Gostei de todos igualmente.
- 19 - O quarto e *Hoje podes refilar.*
- 20 - Do projeto 2.
- 21 –De pintar com as mãos o projeto.
- 22- O quadro.